

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ELIZABETE RAMALHO PROCÓPIO

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES E TECNOLOGIAS:
IMPLICAÇÕES DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NA PRÁTICA
DOCENTE**

JUIZ DE FORA – MG
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFJF

2011

ELIZABETE RAMALHO PROCÓPIO

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES E TECNOLOGIAS:
IMPLICAÇÕES DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NA PRÁTICA
DOCENTE**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, na linha de pesquisa Linguagem, Conhecimento e Formação de Professores, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Dra. Eliane Medeiros Borges

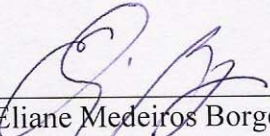
JUIZ DE FORA – MG
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFJF

2011

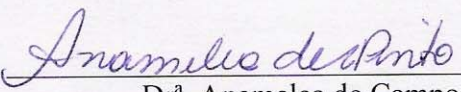
ELIZABETE RAMALHO PROCÓPIO

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES E TECNOLOGIAS: IMPLICAÇÕES DA EDUCAÇÃO
A DISTÂNCIA NA PRÁTICA DOCENTE**

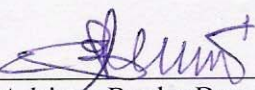
Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, pela seguinte banca examinadora:



Dr.^a. Eliane Medeiros Borges (orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Educação, UFJF



Dr.^a. Anamelea de Campos Pinto
Programa de Pós- Graduação em Educação, UFAL



Dr.^a. Adriana Rocha Bruno
Programa de Pós- Graduação em Educação, UFJF

Juiz de Fora, 10 de junho de 2011.

AGRADECIMENTOS

A toda a minha família enorme família.

À minha mãe Beatriz e ao meu pai Ary por toda dedicação e carinho.

Ao meu esposo Fernando, pelo incentivo e apoio incondicional em todos os momentos.

À minha filha Mariana e ao meu genro Wesceley, pela ternura com que me acolheram na minha caminhada acadêmica. Obrigada por tudo!

Ao meu filho Murilo, pelas horas de aflição compartilhadas com respeito e colaboração.

Às minhas filhas Fernanda e Carla, pela compreensão e apoio nos momentos de “ausência” materna.

À minha orientadora Eliane, pela confiança, mediação e presença constante na construção de minha trajetória como pesquisadora.

Aos meus amigos e companheiros de trabalho pela compreensão.

Aos amigos da turma de mestrado pelos momentos inesquecíveis compartilhados.

Aos professores e coordenadores que se dispuseram a me receber para o desenvolvimento dessa pesquisa.

A Deus, por estar presente em todos os momentos de nossas vidas.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar as implicações da formação de professores por meio das tecnologias da informação e comunicação, num curso de Educação a Distância (EAD), no que se refere à sua prática na sala de aula e suas relações com as tecnologias. Realizamos um estudo de caso referente ao curso de Pedagogia oferecido pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), no pólo de Cataguases. Investigamos, por meio de entrevistas e questionários aplicados a professores formados pelo referido curso, que já trabalhavam e continuam trabalhando como docentes na cidade e região, como eles faziam uso das tecnologias da informação e comunicação (TIC) em sua prática pedagógica cotidiana. Nosso principal objetivo consistiu em investigar se o professor formado por meio das tecnologias utilizaria mais essas TIC como mediação pedagógica em sua prática docente, em comparação com o seu trabalho anterior à sua formação. No que diz respeito ao arcabouço teórico, o presente trabalho fundamentou-se nos pressupostos teóricos de Babin e Kouloumdjian (1989), Castells (1999), Kenski (2003, 2007), Schön (2000), Vygotsky (1998, 2009) Belloni (2001, 2002, 2009), Borges (2006), dentre outros. Privilegiou-se reflexões sobre a educação a distância e sua relação com as novas tecnologias, bem como questões acerca da formação de professores. Por meio de nossas análises, foi possível perceber que os professores formados pela EAD fazem uso dos meios tecnológicos em sua vida cotidiana e profissional. Entretanto, esse uso se configura mais na questão da preparação de aulas, na interação nas redes sociais e buscas de pesquisa. Alguns fatores foram identificados como possíveis motivos para a limitação ou uso incipiente das tecnologias como recurso pedagógico, tais como: ausência ou precariedade de sala de informática das escolas; falta de incentivo dos coordenadores, dentre outros.

Palavras chave: educação a distância; formação de professores; tecnologias da comunicação e informação.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the implications of teachers' education by the meaning of technologies of the information and communications, of an education in distance (EAD) course, about the reference of the classroom practice and the relationship with the technologies. We made a case study related to the pedagogy course offered by University Federal of Juiz de Fora (UFJF), in the Cataguases` pole. We investigated, by interviews and questionnaires applied to teachers graduated by the matter course, which has worked and still working as teachers in the city and region, how do they used the information and communication technologies (TIC) in their daily education practice. Our main objective was to investigate if the teacher who was graduated through the technologies would use more those TIC as pedagogical mediation in their teaching practice, compared with his work before his education course. In concern to the theoretical approach, this study was based on the theoretical view of Babin e Kouloumdjian (1989), Castells (1999), Kenski (2003, 2007), Schön (2000), Vygotsky (1998, 2009) Belloni (2001, 2002, 2009), Borges (2006) and others. We privileged the reflections about the distance education and your relationship with the new technologies, as well as the questions about the teacher's graduation. Through our analyses, it was possible to perceive that the teachers graduated by "EAD" made use of the technologies means in the diary professional life education. However, this practice represents more in the question of the classes' preparation, in the interaction of the socials network and research demands. Some factors were identified as possible reasons for the limitation or incipient use of the technologies as an education resource like as: the classroom absence or precariousness of the school's information technology classroom, insufficient incentives by the educational coordinators, and others.

Keywords: Education in distance (EAD); teachers' education; information and communication technologies.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Relação entre professores analisados e instituição de ensino.....	57
FIGURA 2 – Tempo de atuação no magistério.....	57
FIGURA 3 – Faixa etária dos respondentes.....	58
FIGURA 4 – Uso de computadores no preparo de aula.....	59

LISTA DE QUADROS E TABELAS

QUADRO 1 – Grade curricular do curso de Pedagogia a distancia oferecido pela UFJF no pólo de Cataguases.....	51
QUADRO 2 – Utilização da sala de informática.....	66
TABELA 1 – Uso das tecnologias na sala de aula.....	136
TABELA 2 – Relação professor / coordenador e tecnologias.....	138

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – ESCOLA, NOVAS GERAÇÕES E TECNOLOGIAS	19
1.1 – Algumas considerações sobre o conceito de modernidade.....	25
1.2 – Novas Gerações e Tecnologias.....	27
1.3 – A cultura das novas gerações.....	28
CAPÍTULO 2 – A FORMAÇÃO DE PROFESSORES	36
2.1 – A formação de professores e sua relação com a tecnologia.....	40
CAPÍTULO 3 – O MÉTODO	46
3.1 – O curso de graduação a distância em Pedagogia e o pólo de Cataguases	47
3.2 – Os sujeitos da pesquisa.....	51
3.3 – Os procedimentos metodológicos.....	52
CAPÍTULO 4 – O PROFESSOR FORMADO EM EAD E SUA PRÁTICA: ANÁLISE DOS DADOS	55
4.1 – Análises dos questionários.....	56
4.2 – Análises das entrevistas.....	60
4.3 – Fatores prejudiciais a integração das TIC no ambiente escolar.....	65
4.4 – A utilização das TIC na escola em <i>situações de desafio</i>	71
4.5 – Reflexões dos alunos em EAD sobre sua própria formação.....	74
4.6 – Considerações finais sobre as análises.....	76
CONCLUSÃO	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	85
APÊNDICES	92

APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO

“As palavras, para que abram um espaço, têm de ser pronunciadas como um alento do coração. Só assim poderão subir ao céu. Como a fumaça. Só com o fogo, impulsionado pelo fogo, o sacrifício sobe ao céu. Aquilo que, se queimando, se converte em fumaça, sobe ao céu. E, em seu desaparecimento, em seu sacrifício, em seu fracasso, as palavras queimadas que sobem ao céu deixam um espaço em que o estudante pode inscrever seu próprio estudo.”

Jorge Larrosa

Quando pesquisamos, lançamos um olhar curioso para um objeto e analisamos as possibilidades de entendimento e reflexão sobre a realidade, que se apresenta diante de nós, buscando aprofundar-nos numa questão que inquieta o nosso pensamento.

Segundo Gatti (1999, p.76), “o pesquisador pode ser comparado a um caçador, ou a um pescador. Precisa ter todos os seus sentidos aguçados, não só a sua mente agindo sob o comando de um bom conhecimento de sua virtual “presa” e do contexto onde vive. A pesquisa é um cerco diante do problema”. É em busca das palavras que representam o meu pensamento que me encontro refletindo sobre a trajetória que me trouxe até aqui. Pretendo, nas próximas linhas, apresentar os caminhos que me permitiram e me instigaram a realização do presente estudo.

O mundo contemporâneo nos oferece inúmeras possibilidades de comunicação. Mesmo que as pessoas estejam distantes fisicamente, elas se encontram em um lugar “virtual”, no qual existe a possibilidade de encontros, convergências, divergências e debates. Essas possibilidades infindas de comunicação são proporcionadas, principalmente, pela evolução das tecnologias.

Verifica-se, pois, na contemporaneidade, a presença das tecnologias da informação e comunicação (TIC) ¹, que são frutos da revolução informacional (CASTELLS, 1999) e que permitem a comunicação em rede na sociedade, transformando as relações entre as pessoas e,

¹ TIC significa Tecnologia de Informação e Comunicação, conjunto de tecnologias e métodos provenientes da Revolução Informacional, desencadeada entre os anos de 1970 a 1990. Dentre as tecnologias podemos destacar: câmera de vídeo, webcam, cd e dvd, pendrive, cartões de memória, telefone móvel, TV por assinatura, e-mail, internet, podcasting e o mobile. Disponível em <http://www.infoescola.com/informatica/novas-tecnologias-em-informacao-e-comunicacao/> Acessado em 04/10/2010

em consequência, também no interior da escola. As tecnologias põem à disposição do usuário amplo conjunto de informações/conhecimentos/linguagens, em tempos velozes e com potencialidades incalculáveis. Além disso, elas disponibilizam a cada um que com elas se relaciona diferentes possibilidades e ritmos de ação.

O contexto escolar também reflete as mudanças da sociedade. Nesse universo de possibilidades variadas de comunicação, a informação circula em vários canais. A escola, entendida como um espaço de troca informativa, não é mais um local privilegiado, no qual o professor detentor do saber interage com um aluno que não traz nenhuma bagagem informacional. Por meio das trocas comunicacionais possibilitadas pelos recursos tecnológicos, mais do que nunca, o modelo de educação monológico e unívoco parece perder seu espaço. Acredita-se que diante as transformações causadas na sociedade pelas TIC, há extrema necessidade de integração dos meios tecnológicos na escola. Segundo Kenski:

Em relação à Educação, as redes de comunicações trazem novas e diferenciadas possibilidades para que as pessoas possam se relacionar com os conhecimentos e aprender. Já não se trata apenas de um novo recurso a ser incorporado à sala de aula, mas de uma verdadeira transformação, que transcende até mesmo os espaços físicos em que ocorre a educação. A dinâmica e a infinita capacidade de estruturação das redes colocam todos os participantes de um momento educacional em conexão, aprendendo juntos, discutindo em igualdade de condições, e isso é revolucionário. (KENSKI, 2007. p. 47)

Os alunos atuais estão sempre em contato com essas diferentes possibilidades de comunicação. Mesmo num país como o Brasil, onde ainda existe um alto índice de analfabetismo, a televisão e a internet ocupam um lugar importante de socialização da informação e que a educação escolar não pode ignorar.

De acordo com uma pesquisa realizada pela Symantec, empresa de segurança na internet, as crianças brasileiras navegam cerca de 70 horas por mês na internet, enquanto a média, no resto do mundo, é de 39 horas mensais². No que diz respeito à TV, as crianças brasileiras também são as “campeãs”: passam, em média, cerca de 3 horas e 30 minutos assistindo televisão³.

²Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u552774.shtml> Acesso em 02/04/2011.

³ Disponível em <http://aprendiz.uol.com.br/content/hucrosliwr.mmp> Acesso em 11/04/2011.

O tempo de uso da internet pelos adultos brasileiros também está entre os maiores do mundo. De acordo com uma pesquisa realizada pelo IBOPE, referente ao ano de 2010, os brasileiros passam em média 44 horas por mês na web e 66 horas em frente ao computador. Esses dados são superiores ao da população norte-americana, por exemplo, que passa mensalmente 40 horas na internet⁴. Em relação à TV, uma pesquisa do IBGE revelou que 57,2% da população passa pelo menos uma hora por dia em frente da televisão⁵.

Ainda no que se refere ao contexto escolar, a presença das TIC possibilitou uma ampliação dos cursos oferecidos na modalidade a distância. Já há alguns anos, a Educação a Distância (EAD) se constitui em possibilidade de abertura de novos caminhos para capacitação de professores em exercício e agora se abre efetivamente para a formação de futuros docentes. No Brasil, as experiências datam de 1904. Pode-se citar a Rádio-Escola Municipal no Rio de Janeiro, da Fundação Roquete Pinto, o Instituto Universal Brasileiro, o Telecurso 2º grau, e outros. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB 9394/96, reconhece a educação a distância e, desde então, se intensificam os cursos em vários níveis. Em Minas Gerais, por exemplo, o projeto Veredas⁶ possibilitou aos docentes já com anos de carreira, o contato com o mundo acadêmico e suas características.

No caso da EAD, tende-se a refletir a idéia de que esta modalidade de ensino se insere numa perspectiva de algo que falta e é vivenciada numa visão centralizada no sistema ensinante e não no aprendente (Belloni, 2009). Ainda estão presentes no imaginário social os antigos cursos por correspondência. Em tais cursos, os correios e os trens de transporte levavam os materiais pré-formatados para o aluno, que se encontrava distante no espaço e no tempo. A interação entre os envolvidos nesse processo de ensino-aprendizagem se dava em forma de avaliação após o aluno ter tomado contato com o conteúdo a ser trabalhado. O trabalho era organizado de forma autoexplicativa para “facilitar” seu entendimento.

Segundo Bruno e Lemgruber (2010), estamos vivendo hoje, a terceira geração da EAD, com redes interativas via computador e internet. A primeira geração poderia ser

⁴ Disponível em <http://blogs.estadao.com.br/link/tag/ibope/> Acesso em 11/04/2011.

⁵ Disponível em <http://info.abril.com.br/noticias/tecnologia-pessoal/quanto-tempo-voce-passa-em-frente-a-tv-31032010-29.shl> Acesso em 11/04/2011

⁶ Projeto de Formação Superior de Professores, com o objetivo de formar, em nível superior, em serviço e a distância 15000 professores das redes públicas estadual e municipal de Minas Gerais. Desenvolvido e articulado pela Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais – SEEMG no governo Itamar Franco, o projeto teve continuidade durante o primeiro governo Aécio Neves (2003-2006) Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT11-4079--Int.pdf> Acesso em: 11/07/2011

caracterizada pelos cursos por correspondência que se baseavam em guias de estudos impressos. A segunda geração, já com utilização de recursos audiovisuais e telefone, ainda se baseava fundamentalmente no material impresso.

A EAD em seus primórdios privilegiou os aspectos do ato de ensinar, o material didático, os meios tecnológicos nos quais eram transmitidas “aulas” em que os alunos tinham pouca ou nenhuma interação. Os meios mais utilizados eram o material impresso, depois a televisão e o vídeo. Hoje, a presença das tecnologias da informação e comunicação principalmente no que se refere ao computador e suas possibilidades de aplicação na educação vêm abrir amplas possibilidades de interação humana mediada pela tecnologia. A aprendizagem aberta (AA), entendida no sentido de estar sob livre acesso, sem barreiras ao estudante e também com flexibilidade quanto ao tempo e ao ritmo dos sujeitos, se apresenta sem negar a importância dos meios tecnológicos para a construção do conhecimento. Ao invés de privilegiar o instrumento, este tipo de aprendizagem se propõe a privilegiar as possibilidades de mediação que os meios tecnológicos contemporâneos possibilitam. Segundo Belloni:

Cabe lembrar que as NTICs não são necessariamente mais relevantes ou mais eficazes do que as mídias tradicionais em qualquer situação de aprendizagem. Mas é preciso também não esquecer que, embora estas técnicas ainda não tenham demonstrado toda sua eficácia pedagógica, elas estão cada vez mais presentes na vida cotidiana e fazem parte do universo dos jovens, sendo esta a razão principal da necessidade de sua integração a educação. (BELLONI, 2009, p. 75)

A EAD que propomos discutir no presente trabalho é, pois, uma modalidade de ensino aberta e que percebe ressignificação do tempo e do espaço no que se refere às relações humanas, na sociedade atual. As distâncias são questionadas e os espaços circunscritos em outros locais que não aqueles em que as pessoas estejam presentes fisicamente. Nessa abordagem de educação a distância, a possibilidade de levar o trabalho acadêmico a um local distante da universidade em que os docentes não teriam como frequentar um curso presencial é uma realidade.

Nesse sentido, são inegáveis as contribuições que as tecnologias aplicadas à educação, presencial ou a distância, trazem para os estudantes. As pesquisas em educação deverão se debruçar sobre esse fenômeno procurando debater a maneira de como a escola se apropriará dele. Há que se ter clareza que uma aprendizagem efetiva perpassa por um bom

relacionamento professor/aluno/conhecimento. Isso pressupõe a idéia de que, ao se discutir uma educação de qualidade, deve-se considerar como está a relação desses três elementos. Essa preocupação não é exclusiva da educação a distância. Na educação presencial, muitas vezes se percebe uma visão behaviorista de ensino, na qual o professor transmite o conhecimento. O aluno absorve ou não e demonstra isso na avaliação.

A fim de lidar com esse panorama, mais do que nunca, faz-se necessário que a escola e professores estejam conectados a essa realidade. Nesse sentido, a formação de professores assume uma importância mais que significativa, na medida em que este deverá estar preparado para interagir com o aluno que chega interligado numa cultura audiovisual.

Sob esta perspectiva, muitos aspectos deverão ser considerados nas propostas de formação de professores por meio de EAD. Os meios tecnológicos e suas implicações na educação, o papel do professor/tutor no processo de ensino aprendizagem, as interações humanas mediadas pelo computador e outros.

Por esse prisma, a presente pesquisa teve como principal objetivo investigar se o professor formado por meio das tecnologias, em curso a distância, utilizaria mais essas TIC como mediação pedagógica em seu cotidiano docente, em comparação com as práticas anteriores à sua formação. Não se pode negar que a Educação a Distância tem se configurado como uma possibilidade na formação de docentes.

A partir destas considerações, é possível dizer que uma pesquisa acerca das relações entre as tecnologias e a formação de professores, justifica-se por diversas razões. Primeiro, pela dimensão que as novas tecnologias ocupam na sociedade contemporânea. Analisar o papel que as tecnologias e as informações/imagens têm desempenhado na vida social implica não somente explorar as características técnicas dos meios, mas buscar entender as condições sociais, culturais e educativas de seus contextos.

A segunda justificativa diz respeito à necessidade de reflexão constante acerca da formação de professores. Posso dizer que questões relativas à essa formação me inquietam há longa data, principalmente pelo fato de eu ser professora e trabalhar na formação de outros futuros educadores. A responsabilidade de desenvolver uma educação de qualidade implica diretamente em uma preocupação. É preciso todo o cuidado com a formação daqueles que vão estar à frente nesse processo. Conforme dissemos anteriormente, é preciso que professores e profissionais da educação estejam em sintonia com as características da

sociedade na contemporaneidade, a fim de que façam uso dos avanços produzidos pelo homem em benefício de seu trabalho.

Por último, gostaríamos de ressaltar uma justificativa mais particular. Em 2006, participei de uma seleção para trabalhar como tutora no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), no pólo de Cataguases. Fui selecionada e trabalhei como tutora presencial nas disciplinas Pesquisa em Educação e Projeto Político Pedagógico I, Prática de Ensino I, II, III, IV e V.

Em seguida, realizei um curso de especialização a distância na rede particular. A partir dessas experiências, pude vivenciar e refletir ainda mais sobre a formação de professores nos dias atuais. Questões que surgiram no decorrer desse contato e despertaram em mim a necessidade de pesquisar o tema e de me aprofundar um pouco na questão.

O objetivo geral dessa pesquisa, portanto, é analisar as implicações da formação por meio das tecnologias da informação e comunicação na prática do professor, no que se refere ao uso de tecnologias em sala de aula. Os objetivos específicos são:

- a) Compreender, por meio de pesquisa bibliográfica, a emergência de um espaço virtual que ampliou o conceito de sala de aula na sociedade da informação.
- b) Investigar se o professor formado por meio das tecnologias utilizará mais essas TIC como mediação pedagógica em comparação com sua prática anterior à sua formação.
- c) Conhecer as diferentes formas de uso das tecnologias na prática docente do professor formado por meio de tecnologias e o significado por ele atribuído a esta prática.
- d) Identificar fatores preponderantes que incentivam ou limitam a prática com tecnologias no ambiente escolar no qual trabalham estes professores.

A fim de que pudéssemos alcançar os objetivos mencionados, realizamos um estudo de caso referente ao curso de Pedagogia oferecido pela UFJF no pólo de Cataguases. O objeto de estudo nesse trabalho é a prática docente dos professores formados por meio das tecnologias no pólo mencionado. Visamos investigar como os professores, que fizeram sua graduação no modelo a distância e que tiveram a oportunidade de lidar com tecnologias diferenciadas em sua formação, fazem uso da tecnologia em sua prática docente.

Os sujeitos da presente pesquisa são os professores que se graduaram por meio das tecnologias no curso a distância, no pólo da UFJF em Cataguases e que trabalhavam e continuam trabalhando como professores na cidade. O fato de estes alunos estarem em exercício anteriormente ao curso e prosseguirem na profissão após sua formação sugeriu sua escolha como sujeitos de nossa investigação. Pensamos que, a partir da análise de eventuais mudanças em suas práticas, no que se refere ao uso de tecnologias, poderíamos compreender o reflexo da dimensão da formação no seu dia a dia. Nossa expectativa era de que tais professores, por terem sido formados por meio das tecnologias, tenderiam a utilizá-las mais frequentemente e de maneira mais incisiva como recurso pedagógico.

A presente dissertação se estrutura, basicamente, em cinco partes. A primeira consiste nesta apresentação, na qual procuramos explicitar as principais razões que nos levaram a pesquisar o referido assunto, os objetivos, as expectativas, bem como um breve relato estrutural do presente trabalho.

No primeiro capítulo abordamos a questão da escola e as novas gerações, inseridas na sociedade da informação, permeadas pelo acelerado desenvolvimento tecnológico atual. Procuramos traçar um pequeno histórico das atividades educativas ao longo dos tempos até chegarmos à sociedade contemporânea, na qual o sentido de escola, ensino e conhecimento são ressignificados. Também fizemos uma reflexão sobre modernidade, principalmente visitando alguns conceitos discutidos por Giddens (1991) ao abordar o tema, visto que a EAD surge no contexto da modernidade e se consolida hoje na modernidade tardia.

Questões sobre audiovisual, aprendizagem e novas gerações são abordadas a partir de discussões de Pierre Babin e Marie France Kouloumdjian (1989), de Belloni (2001, 2002) e de Borges (2006). Também foram consideradas questões acerca da utilização dos meios tecnológicos pela escola, discutidas por José Manuel Moran (2000), Maria Luiza Belloni (2001, 2002, 2009) e Vani Moreira Kenski (2003, 2007) dentre outros autores. Nesse contexto, refletimos também sobre a emergência do espaço virtual nas considerações feitas por Pierre Levy (1999).

O segundo capítulo, referente à formação de professores, apresenta as discussões acerca da política de formação de professores no Brasil, que inclui a EAD como possibilidade nessa modalidade de ensino. É também considerado o conceito de profissional reflexivo abordado por Donald Schön (2000) e discutidos por diferentes autores e sua importância no trabalho do professor.

O capítulo três trata dos procedimentos metodológicos e dos instrumentos de investigação utilizados no desenvolvimento da pesquisa de campo. Nele será apresentado o universo da pesquisa, seus sujeitos, o curso de Pedagogia do consórcio UFJF CEDERJ e o contexto em que ele foi realizado no pólo de Cataguases.

No capítulo quatro, discutimos as respostas dos professores e coordenadores aos questionários e às entrevistas no que diz respeito ao trabalho deles, à relação dos mesmos com as tecnologias e acerca das impressões sobre o curso realizado. Pretende-se enunciar com os dados levantados na presente pesquisa, algumas implicações da formação de professores por meio das tecnologias em sua prática escolar. Será realizada reflexão sobre a possibilidade de inserção de pessoas no mundo acadêmico através da linguagem comunicacional da informática, na qual convergem muitas mídias, que permite uma interação do grupo envolvido no desenvolvimento do curso e analisar as possibilidades de uso das TIC como recurso pedagógico por esses professores.

Por fim, encontra-se a última parte, denominada conclusão. Nela, procuramos sintetizar as reflexões que concluímos acerca das implicações da formação a distância na prática dos professores, notadamente no que se refere ao uso das tecnologias.

CAPÍTULO 1
ESCOLA, NOVAS GERAÇÕES E TECNOLOGIAS

CAPÍTULO 1 - ESCOLA, NOVAS GERAÇÕES E TECNOLOGIAS

À medida que o homem viu a necessidade de fabricar utensílios e de desenvolver recursos que facilitassem o seu trabalho de agir no mundo, ele percebeu, também, a necessidade de ensinar aos outros, aquilo que ele julgava necessário no que diz respeito ao fortalecimento dos saberes culturais já adquiridos. Nesse sentido, educação e tecnologia são indissociáveis.

O homem transforma o mundo, interage com ele e faz uso dos artefatos culturais, criados por si próprio, para se comunicar, educar, transformar e interagir mais. É preciso considerar, entretanto, que o conceito de educação vem passando por transformações ao longo do desenvolvimento humano, mas, em todos os tempos, o ato de educar está ligado a aprender a viver na sociedade em que está inserido. Somos educados para desempenhar diferentes papéis nessa sociedade.

Segundo Lima (2007), nos tempos primitivos de organização da sociedade, os saberes eram transmitidos de uns para os outros visando à sobrevivência do grupo e a perpetuação cultural:

A educação é concebida como fator de socialização espontânea. Basicamente oral, ela corre de boca em boca nos tempos míticos, sendo consolidada e transformada através dos laços das tradições e da força dos ritos criados nas diferentes culturas, do mesmo modo que a moral. Não havia nenhuma necessidade social de mecanismos ou instituições que imprimissem nas crianças uma mentalidade uniforme. O dever ser o fato educativo emana da raiz do próprio meio social, desde o seu nascimento. Trabalho e conhecimento formavam um único movimento, consolidando a horizontalidade na produção e distribuição dos bens sociais. (LIMA, 2007, p. 46)

Historicamente, muitas comunidades primitivas se transformaram e se tornaram sociedades escravistas. Com vistas a aumentar a produção em sua terra, os indivíduos escravizaram o seu semelhante, principalmente por meio da guerra. Com o desenvolvimento desse tipo de sociedade, que acabava por gerar outros modos de vida, criaram-se condições para o aparecimento de diferentes modos de ver o mundo, de culturas diversas e de papéis sociais diversificados.

No contexto escravista greco-romano, o trabalho manual não era valorizado e esteve bastante ligado ao trabalho escravo. Como explica Ferreira (1993, p. 100), “era indigno para

um homem livre realizar qualquer atividade que significasse trabalho”. A educação dessa época era elitista, isto é, era destinada apenas aos cidadãos (habitantes originários das tribos que deram lugar às cidades-estado gregas) e ricos que podiam pagar por ela. Essa educação visava à formação da elite dirigente, dos futuros governantes. O ideal grego era formar o homem que soubesse das artes, fosse exímio em esportes e conhecesse textos filosóficos e históricos. Já o ideal romano era constituir um homem que dominasse a retórica, música, astronomia e ciências.

Com a expansão do império romano, a educação em Roma passou a privilegiar a preparação de funcionários que iriam administrar as províncias. A obrigação agora era do estado e não mais dos pais. Neste sentido, o ensino de leis e decretos foi evidenciado, tendo como objetivo fomentar o desenvolvimento de habilidades para resolução de questões advindas das conquistas imperiais.

Na sociedade feudal, após o fim do império romano, a sociedade escravista foi, pouco a pouco, perdendo sua força. Destaca-se a expansão da igreja católica que estende seu domínio cultural a toda a Europa. Nas escolas, dois tipos de ensino tornaram-se oficiais: o *Trivium* (gramática, retórica e dialética) e o *Quadrivium* (aritmética, geometria, astronomia e música). Ferreira complementa:

Naquela época a igreja detinha o monopólio da instrução. Havia três tipos de escola católica: a dos mosteiros, onde monges e monjas se dedicavam a copiar e a estudar a palavra divina; as episcopais, nas quais os bispos ensinavam direito canônico e liturgia aos jovens com o objetivo de formar novos padres; e as paroquiais, nas quais os padres ensinavam às crianças as primeiras letras e as leis do Senhor. (FERREIRA, 1993, p. 108)

Com exceção dos grupos religiosos, pouca importância é dada à educação na sociedade feudal. Os nobres, logo que seus filhos concluíam o *trivium*, retiravam-nos da escola. Os servos, dedicados ao trabalho com a terra, não viam utilidade em frequentar as atividades escolares. Aprendiam o básico para sobreviverem. Os estágios finais do ensino eram seguidos por nobres e alguns filhos de camponeses que quisessem seguir a vida religiosa.

A partir da formação das cidades, cria-se um cenário motivador do comércio, artesanato e atividades culturais. Os produtos culturais são selecionados para atender a um número maior de pessoas e principalmente à classe social emergente: a burguesia. É preciso

preparar a criança e o jovem para o mundo que se transforma e que coloca o homem diante de diversas possibilidades. Novos campos de atuação, com seus profissionais como médicos, arquitetos, artistas e advogados estabelecem-se na sociedade e, para ocupá-los, é preciso possuir uma formação específica. Nesse contexto, surgem as universidades, ainda controladas pela igreja.

Aos poucos, a crença no poder religioso é substituída pela crença no poder do homem, sobretudo com o desenvolvimento da ciência. As transformações científicas iluministas vão redimensionando o mundo e suas relações, tornando a humanidade cada vez mais racional em busca das respostas às suas inquietações. Nesse panorama, o desenvolvimento científico e a racionalidade do conhecimento fizeram com que os saberes escolares fossem divididos e fragmentados numa visão um tanto quanto reducionista. A instituição escola passa a ser caracterizar por proporcionar uma formação calcada nessa visão cada vez mais especializada do conhecimento.

As relações econômicas e a expansão do capital⁷ também redimensionam as estruturas sociais. A nova concepção de sociedade, ligada à vida urbana e à burguesia, entendia que a prosperidade e o lucro não dependiam da vontade de Deus e sim da ação prática do homem. A disputa religiosa entre católicos e protestantes, a criação da imprensa e consequente expansão das possibilidades de leituras modificam o cenário educacional. É preciso expandir a fé. Os protestantes valorizavam o trabalho e a leitura da Bíblia pelos seus fiéis. Os católicos, com vistas a expandir suas ideias religiosas, catequizam os povos conquistados e também ensinavam as primeiras letras.

As ideias iluministas ao proclamarem a igualdade de direito entre os homens, vieram a contribuir para o ideal de que todos tivessem direito à instrução pública. Segundo Ferreira:

O Estado, pelo menos legalmente, afirmava que cabia a ele a responsabilidade de oferecer uma educação pública e gratuita. Embora estivesse na lei, durante um bom tempo o número de escolas públicas foi muito pequeno, pois não havia fortes pressões sociais para uma efetiva democratização do ensino. (FERREIRA, 1993, p. 117)

⁷ Considera-se, no presente trabalho, que o processo de globalização se inicia nos séculos XIV e XV com a expansão do capitalismo e suas origens mercantis, mas que se exacerba hoje com o extremo desenvolvimento da tecnologia.

Com a revolução industrial, profundas mudanças transformam a sociedade. As relações sociais com o trabalho e com a educação se modificam. No contexto inicial dessa revolução, no século XVIII, a classe dominante percebia que era perigoso instruir as classes populares, pois esses indivíduos, se instruídos, se recusariam a desenvolver as tarefas manuais que lhe cabiam. Com a pressão popular pela escolarização dos filhos das classes menos favorecidas e necessidade crescente de mão de obra especializada, percebe-se a escola preparando os trabalhadores para um ofício.

A modificação da pequena produção mercantil em trabalho industrial exigiria cada vez mais um trabalhador preparado para realização de pequenas tarefas rotineiras pré-determinadas e mecanizadas e a instituição escola agora prepara para esse papel. Segundo Ferreira (1993, p. 118), “na virada do século XX, a educação já estava intrinsecamente envolvida no mundo do trabalho. No nível médio de ensino, a educação profissionalizante tornou-se uma realidade”.

No final do século XIX e início do século XX, o extremo desenvolvimento das atividades industriais, determina que as relações da sociedade sejam pautadas no desenvolvimento da pesquisa e das instituições de ensino. A educação agora precisa preparar para um mundo mais complexo. O desenvolvimento da tecnologia modifica cada vez mais as relações industriais, de trabalho e de comunicação.

Hoje, no século XXI, a escola, como o mundo, se vê diante de novos paradigmas e, nesse contexto, vivencia-se nas relações escolares, um momento de ressignificação de seus espaços e tempos. Sabe-se que o processo ensino-aprendizagem, diante da sociedade da informação, se depara com diversas possibilidades e desafios. A informação circula por vários canais e, mesmo ciente das diferenças sociais e das injustiças advindas de uma sociedade capitalista, não se pode negar que o avanço das tecnologias da informação e comunicação possibilita que muitas pessoas tenham acesso a tal informação.

Essa característica da sociedade atual afeta a instituição escolar. O que antes era restrito ao universo escolar e ao professor, hoje está disponível a “todos”. A escola e o professor de hoje estão diante do desafio de transformar informação em conhecimento, o que é uma tarefa que exigirá muita reflexão. Ao mesmo tempo, pode-se considerar que diferentes espaços educativos se abriram com o advento das tecnologias da informação e comunicação e que toda essa tecnologia deve estar a serviço da educação.

Como resultado dessa interconexão tecnológica e informacional, surge um novo espaço comunicacional, denominado por Levy (1999) como *ciberespaço*. A este conceito, o autor acrescenta outro, o de *cibercultura*, marcado pelas técnicas, modos de pensamento, atitudes e valores que se desenvolvem a partir do ciberespaço:

O computador não é mais um centro, e sim um nó, um terminal, um componente da rede universal calculante. Suas funções pulverizadas infiltram cada elemento do tecno-cosmos. No limite, há apenas um único computador, mas é impossível traçar seus limites, definir seu contorno. É um computador cujo centro está em toda parte e a circunferência em lugar algum, um computador hipertextual, disperso, vivo, fervilhante, inacabado: o ciberespaço em si. (LEVY, 1999, p. 44)

A existência de um ciberespaço e de uma cibercultura faz com que a difusão informativa e a troca comunicacional atinjam níveis imensuráveis. Dessa maneira, a gama de informações que os alunos têm acesso hoje precisa ser discutida e analisada pela escola. O mesmo deve ocorrer em relação ao uso e entendimento das TIC como agente educativo.

A escola mudou, assim como mudou o mundo e suas relações. O global e o local convivem no ciberespaço e, segundo Bonilla (2009, p. 35), “as TIC, têm papel fundamental, ao possibilitar que as particularidades de cada contexto emerjam e façam parte do coletivo maior.” É preciso considerar que o contexto educacional na atualidade se abre para novos caminhos, nos quais professores e alunos podem se constituir em sujeitos do seu desenvolvimento cognitivo e também no dos outros, a partir das interações em rede. Para isso, não é suficiente treinar professores para serem usuários das TIC, que são frutos de nossa criação, no universo escolar. É preciso que os atores do processo educacional percebam-nas como recurso didático e como objeto de reflexão. Professor e o aluno podem desenvolver projetos de trabalho vivenciados e construídos por todos e compartilhados numa rede, que se estende e se expande além dos muros da escola.

A instituição escolar é um local privilegiado no qual a intervenção intencional do professor poderá desencadear a aprendizagem. O profissional consciente sabe que suas atitudes e práticas docentes influenciam na construção do conhecimento de seu aluno. Este, por sua vez, deve ser capaz de buscar seu próprio caminho de construção, resultado de sua história.

1.1 – Algumas considerações sobre o conceito de modernidade

A discussão sobre o conceito de modernidade faz-se pertinente no presente trabalho, pois o advento da EAD está inserido nesse contexto. A modernidade não está restrita a um período fechado no tempo e no espaço. Ainda que seja difícil estabelecer um momento para o surgimento da cultura moderna, para muitos autores, ela se inaugura na crença do poder da ciência e da razão. Berman (2007) localiza o advento da modernidade no século XVI e estabelece três fases no desenvolvimento do *ethos* moderno: fase inicial a do Renascimento ou Iluminismo, a segunda a da Revolução Francesa e a terceira, a do século XX.

Giddens (1991), numa primeira aproximação, afirma que a modernidade diz respeito a um estilo, costume de vida ou organização que emergiram na Europa a partir do século XVII e que influenciaram o mundo todo. Essa definição situa a modernidade num determinado período e local. Entretanto, aquele momento se estende aos dias atuais, devendo suas características ser analisadas e reconsideradas. Para ele, o processo de globalização que vivemos hoje, se inicia principalmente com os processos de modernização iniciados na Europa no século XVIII.

O autor (*op. cit*) utiliza também o termo “desencaixe” para discutir modernidade. Para ele, as sociedades pré-modernas vivenciam relações sociais “encaixadas” no tempo e no espaço. Como exemplo, ele cita o trabalho do agricultor dessa época que é cíclico e local, baseado nas estações, na agricultura de subsistência e na confiança que tem no seu trabalho. A modernização e a modernidade são baseadas em um processo, no qual a ideia fixa e estreita de “lugar” e “espaço” é substituída por uma ideia de tempo cada vez mais universal. Essa seria, pois, a chave para o processo de desencaixe.

Schwartzman (1991) discute a ideia de que as ciências sociais trouxeram o conceito de modernidade à pauta no período pós-guerra, caracterizando os processos de transição pelos quais todos os países subdesenvolvidos deveriam passar para atingir um nível de desenvolvimento característico de países industrializados, em vários setores como educação, produtividade tecnológica e níveis de renda. No entanto, é constatado hoje que nem todos os países fazem a mesma trajetória de “modernização”. Segundo Schwartzman:

O termo modernização começou a entrar em desgraça quando ficou claro que nem todos os países e sociedades seguiam os mesmos passos através da história, e quando as esperanças de um progresso contínuo das ex-colônias e países periféricos aos níveis e padrões de desenvolvimento dos países mais ricos começaram a se desfazer. (SCHWARTZMAN, 1991, p. 50)

Uma abordagem evolucionista da história seguiria uma perspectiva linear e levaria a uma “totalização” do trajeto rumo à modernização. Segundo Giddens:

Desconstruir o evolucionismo social significa aceitar que a história não pode ser vista como uma unidade, ou como refletindo certos princípios unificadores de organização e transformação. Mas isto não implica que tudo é caos ou que um número infinito de “histórias” puramente idiossincráticas pode ser escrito. Há episódios precisos de transição histórica, por exemplo, cujo caráter pode ser identificado e sobre os quais podem ser feitas generalizações. (GIDDENS, 1991, p. 15)

No momento atual, tende-se a dizer que a sociedade vive na perspectiva pós-moderna, um conceito que ainda se firma e no qual os ideais iluministas são ressignificados. Giddens (1991) ressalta que não se trata de negação ao conceito de modernidade, inaugurado com o iluminismo, mas uma ampliação deste. Pode-se dizer que vivemos um período no qual “as conseqüências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes”. (GIDDENS, 1991, p.13)

Neste início do século XXI, muitos termos têm sido sugeridos para identificar essa fase, dentre eles: sociedade da informação, sociedade do consumo, pós-modernidade, dentre outros. O desenvolvimento tecnológico exacerbado e a globalização são características desse momento histórico. As mudanças hoje acontecem numa velocidade estonteante, o desenvolvimento das tecnologias permite-nos questionar certezas e verdades científicas, antes inquestionáveis. Entretanto, percebe-se que o poder da razão, as ciências e sua inserção na escola não foram suficientes para superar as injustiças sociais e favorecer o progresso moral da humanidade.

A sociedade e a educação estão diante de novos paradigmas. A gama de informações disponíveis precisam se transformar em conhecimento efetivo e isso impõe uma nova relação entre saber, escola e conhecimento. Faz-se necessário uma educação que realmente promova o ser humano e que contribua para a constituição de uma sociedade mais justa, na qual todos possam ter acesso aos bens culturais produzidos pela humanidade.

1.2 – Novas Gerações e Tecnologias

Elementos da cultura de uma sociedade estão interligados com a educação e seu conteúdo. Ao longo dos tempos, as transformações culturais influenciam as relações humanas e são influenciadas por elas. A criança e o jovem de hoje estão inseridos num mundo de estímulos audiovisuais, que interferem em sua maneira de ser e compreender o mundo e que, conseqüentemente, afetarão suas relações com o conhecimento e a escola.

Segundo Borges (2006), as novas gerações não apresentam dificuldade em transitar e alternar sua atenção por um filme, uma música e um trabalho mais conceitual, que envolve raciocínio e memória, caracterizando uma forma de trabalhar o conhecimento a partir do envolvimento desses jovens com os meios de comunicação.

Os novos modos de compreender nos fazem refletir sobre o imenso desafio que se coloca para a escola, redimensionando seu papel e, conseqüentemente, o do professor. Crianças e jovens estão, cada vez mais, expostos a uma linguagem midiática. Essa geração pós-moderna, muito mais integrada ao audiovisual, transita com muita facilidade pelas novas tecnologias. Babin e Kouloumdjian (1989, p.24) nos revelam que, talvez, sejamos ainda os mesmos educadores, mas certamente nossos alunos já não são os mesmos, “eles vivem em outra”.

Seja na educação presencial ou na educação a distância, não se pode desconsiderar esses itens. Os professores terão o desafio de integrar a linguagem das mídias, as linguagens audiovisuais, à escola. Faz-se necessário trazer para a instituição escolar as linguagens e formas de percepção do mundo das novas gerações.

A velocidade, uma característica desse tempo, se manifesta também na velocidade com que passamos pelo conhecimento. Não utilizamos mais a memória como antes, pois temos à nossa disposição um banco de dados permanente. As tecnologias transformam nossa maneira de lidar com a informação. Serviços eletrônicos disponíveis em espaços virtuais reorganizam nosso modo de ser. Bancos, secretárias, agendas, correios e muitos outros serviços disponíveis em rede ressignificam o tempo e o espaço.

Segundo Moran (2000), o computador e as ferramentas a ele relacionadas são poderosos recursos com velocidade, programas e comunicação, capaz de redescobrir novos conceitos, lugares e ideias. À disposição do professor, tanto no ensino presencial quanto no

ensino a distância, se constituem numa importante ferramenta, por meio das quais alunos e professores se descobrem, interagem através de fóruns, aulas-pesquisa, chats, blogs, etc.

A presença das tecnologias da informação e comunicação transforma a relação das pessoas e também da escola. É preciso, todavia, que o educador se questione diante de tantas informações e mudanças ocorridas num mundo acelerado e em constante mutação. É necessário também, que ele questione sua prática, no que se refere ao uso dessas TIC no contexto escolar. Mesmo para um professor que tenha afinidade, conhecimento e prática e que já esteja habituado a transitar por essa nova forma de comunicação, há a constante necessidade de reflexão sobre o tema e sobre seu uso como ferramenta pedagógica.

1.3 – A cultura das novas gerações

Durante muitos séculos, a criança era vista como um adulto em miniatura e não era costume ter o cuidado de tratá-la como um ser em formação. A partir da Idade Média, segundo Philippe Ariès (1981), “a infância é descoberta”. As especificidades de cada fase do desenvolvimento infantil foram conquistadas das reflexões da psicologia, que também destacou a importância da interação do sujeito com o meio na construção de seu próprio conhecimento.

A perspectiva histórico-cultural considera que o conhecimento não é adquirido, mas, construído na relação do sujeito com o outro e com o meio cultural. Esta proposição nos leva a refletir, no contexto atual, sobre a questão da interatividade que os novos meios tecnológicos nos permitem e as implicações disso na escola e na sociedade.

O homem se insere na cultura já construída por seus antecessores e, segundo Vygotsky (1998), quando ele vem ao mundo, tem um duplo nascimento: o biológico e o cultural. A inserção na cultura, na mediação com o outro via linguagem, é que torna o ser biológico, um ser humano. Para o autor, o nascimento da criança é um evento cultural, a partir do qual ocorrem inúmeras interações: entre a criança e seus pais e/ou pessoas próximas, entre ela e própria cultura na qual está inserida e seus símbolos. Essa cultura, portanto, influenciará de sobremaneira a constituição do ser humano. Ademais, o meio cultural no qual ele está inserido o aproximará, enquanto ser biológico, de condições e interações que na medida em que adquirirem significação para o outro, adquirirão também para ele próprio e o humanizarão.

Considerando essas questões, o que dizer, então, do ser humano nascido na sociedade contemporânea, imerso num mundo repleto de informações? As relações dos “nativos digitais” estão mediadas pelas tecnologias da informação e comunicação e pelas interações em rede que essas tecnologias permitem. Estas relações e mediações certamente afetarão sua maneira de ser e seu estar no mundo.

O paradigma histórico-cultural se apresenta, pois, como um alicerce teórico importante para a compreensão da sociedade da informação e suas conseqüências no desenvolvimento humano. Vygotsky (1998) nos esclarece que, diferente dos animais que estão inteiramente sujeitos aos mecanismos instintivos de adaptação, o homem criou instrumentos⁸ e signos que lhe permitem intervir, transformar e conhecer o mundo. Os signos, para esse teórico, são dirigidos internamente. Eles atuam no psicológico, diferentes dos instrumentos que atuam no objeto material:

A diferença mais essencial entre signo e instrumento, e a base da divergência real entre as duas linhas, consiste nas diferentes maneiras com que eles orientam o comportamento humano. A função do instrumento é servir de condutor da influência humana sobre o objeto da atividade; ele é orientado externamente, deve necessariamente levar a mudanças nos objetos. Constitui um meio pelo qual a atividade humana externa é dirigida para o controle e domínio da natureza. O signo, por outro lado, não modifica em nada o objeto da operação psicológica. Constitui um meio de atividade interna dirigido para o controle do próprio indivíduo; o signo é orientado internamente. (VYGOTSKY, 1998, p. 72-73)

De acordo com Vygotsky (*op. cit.*), os instrumentos e os signos estabelecem uma relação do homem com a realidade, sendo construções da inteligência humana. Entre os sistemas de signos humanos, destaca-se a linguagem, que foi sendo elaborada ao longo da história da humanidade.

Apesar da teoria de Vygotsky ter sido formulada antes da revolução da informática, a linguagem computacional é considerada, por muitos teóricos, como um “operador simbólico”, na perspectiva desse pesquisador. O hardware é um objeto físico que depende do software, um componente simbólico que coordena suas operações. O computador e a internet, nesse sentido, são considerados instrumentos de linguagem, leitura e escrita. (FREITAS, 2009)

⁸ A noção de instrumento é discutida por Vygotsky a partir das idéias de Marx e Engels na qual o homem através do trabalho utiliza instrumentos para intervir no objeto e ao fazer isso, se modifica também

Se instrumentos e símbolos, na perspectiva de Vygotsky, são mediadores entre o homem e o mundo, o computador (considerado instrumento técnico e instrumento simbólico) e sua linguagem possibilitarão o desenvolvimento de funções mentais superiores⁹, que são características do ser humano. É possível que o professor formado por meio dessas tecnologias contemporâneas transite de uma maneira mais fácil por essa linguagem, favorecendo uma comunicação e interação maior entre ele e seus alunos e a cultura atual.

A escola, na visão contemporânea, não poderá desconsiderar e deixar de analisar como o computador e as mídias em geral poderão se tornar componentes integradores de desenvolvimento cognitivo nas escolas. As crianças interagem muito melhor com o ciberespaço e com os instrumentos comuns a ele. Percebe-se também que a tecnologia nos proporciona novos estímulos que favorecem e facilitam o nosso trânsito pelo mundo virtual. Dentre esses estímulos estão os visuais e as possibilidades de interação com o outro no ciberespaço, com a linguagem que esse meio proporciona. Segundo Freitas:

Três ordens de mediações ocorrem no uso do computador e da internet. É a mediação da ferramenta material: o computador enquanto máquina; a mediação semiótica através da linguagem e a mediação com os outros enquanto interlocutores. Computador e internet introduzem uma forma de interação com as informações, com o conhecimento, e com as outras pessoas inteiramente nova, diferente da que acontece em outros meios como a máquina de escrever, o retro projetor. No uso do computador e da internet a ação do sujeito se faz de forma interativa, e enquanto lê/escreve, novos fatores intelectuais são acionados: a memória (na organização da base de dados, hiperdocumentos, organização de arquivos); a imaginação (pelas simulações); a percepção (a partir das realidades virtuais, telepresença). (FREITAS, 2009, p.6)

Hoje, na era da informação, a maneira como nos relacionamos com a cultura e, conseqüentemente, com a tecnologia, certamente irá possibilitar uma nova forma de pensamento. A rede informacional é hipertextual, nos permitindo uma navegação em seu espaço de modo a ampliar as diversas conexões possíveis de um saber, que sempre se abrirá em novas possibilidades.

Em 1964, Marshall McLuhan já previa a grande revolução que se apresentava diante do homem e suas criações:

⁹ As funções mentais superiores são consideradas a partir das relações sociais, nas quais se desenvolvem a inteligência, a fala, a memória, a consciência, dentre outras.

Hoje o jovem estudante cresce num mundo eletricamente estruturado. Não é um mundo de rodas, mas de circuitos, não é um mundo de fragmentos, mas de configurações e estruturas. O estudante, hoje, vive miticamente em profundidade. Na escola, no entanto, ele encontra uma situação organizada segundo a informação classificada. Os assuntos não são relacionados. Eles são visualmente concebidos em termos de um projeto ou planta arquitetônica. O estudante não encontra meio possível de participar dele, nem consegue descobrir como a cena educacional se liga ao mundo mítico dos dados e experiências processados eletronicamente e que para ele constitui ponto pacífico. (MCLUHAN, 2007, p. 11)

A linguagem midiática habitua o expectador a entrar em contato com mensagens curtas, permitindo que o mesmo mude de canal ou desligue o aparelho quando não se interessa mais pela mensagem. Nesse contexto, percebe-se que as crianças e os jovens da era digital, desenvolveram novas capacidades como: fazer anotações enquanto assistem a um programa de televisão, interagir num chat ou num programa de TV, reconhecer um trecho musical ou um estilo de algum pintor famoso. Segundo Perriault:

Parece incontestável, hoje que as crianças desenvolvem por impregnação novas capacidades cognitivas e perceptivas, como por exemplo: fazer anotações enquanto vêem um programa de vídeo; inventar uma boa pergunta para animar um chat, saber intervir num programa de TV interativa (jogo, teleconferência ou outro) reconhecer um quadro famoso ou estilo de um pintor; reconhecer e identificar um trecho musical, entre muitas outras já conhecidas e banalizadas e outras ainda inimagináveis. (PERRIAULT, *apud* BELLONI, 2001, p. 7)

O sujeito fruto dessa nova sociedade saberá acessar a informação mais facilmente. Nesse sentido, a escola deverá ter o papel de organizá-las e transformá-las em conhecimento efetivo. Estímulos emocionais, a princípio fragmentados, se conectam formando quadros de informações e podem se transformar em conhecimento linear mediante a ação do bom professor.

Ao pensarmos na relação entre a escola e as novas gerações, percebemos que a construção do conhecimento adquire desafios maiores, principalmente pelo fato da sociedade contemporânea proporcionar hoje uma quantidade grande de informações *em mosaico*¹⁰, muitas vezes sem aprofundamento em questões primordiais. Conforme Libâneo:

¹⁰ Conforme Babin e Kouloumdjian (1989, p. 54), essa estruturação das informações em mosaico revela “uma aparente desordem dos diferentes elementos quando são tomados no nível de uma pequena parte, e uma repentina revelação da ordem de todos os elementos quando se descobre a imagem final do conjunto”.

Em muitos lugares, mesmo considerando a pobreza do interior da escola, já se vê uma sociedade culturalizada pela informação das multimídias (no nosso caso basicamente, pela televisão). Noutros lugares, já se percebe a intervenção educativa urbana não apenas pela presença das NTIC (novas tecnologias da comunicação e informação) nas residências e nos afazeres cotidianos, como também a cada dia múltiplas instituições cívicas e sociais, políticas e culturais vão pondo em prática planos e programas de cultura participativa em nível comunitário, pelo que nossas ruas e praças, museus, teatros, etc são frequentemente utilizados para desenvolver estratégias de intervenção educativa e obter uma culturalização ativa, não determinada, livre, experienciada, que também aporta toda uma série de valores muito positivos. (LIBÂNEO, 2010, p. 64-65)

O conhecimento é interdependente, está interligado e para se conhecer é necessário compreender todas as dimensões da realidade (MORAN, 2000). A escola precisa levar com que o aluno aprofunde sua compreensão diante da variedade de fontes de acesso à informação em espaços mais abertos de comunicação.

Sabe-se que a necessidade de se comunicar é uma necessidade do ser humano. Ao longo dos tempos fizemos uma trajetória importante. Segundo Borges (2006, p. 1), “passou-se da comunicação oral, predominante nas sociedades tradicionais e na sociedade ocidental até a idade média, para a comunicação escrita, que começa a adquirir um caráter de massa a partir da invenção da tipografia com Gutemberg”. Com o advento da imagem, trazida pelos meios de comunicação de massa, o mundo se transporta para outro momento.

As pessoas se comunicam também através de celulares e e-mails mesmo quando estão bem “distantes” umas das outras. Amigos, parentes ou mesmo desconhecidos conversam, acessam notícias em tempo real ou buscam informações para o seu cotidiano ou para estudos por meio dos equipamentos digitais. Hoje, a informação se universalizou. Podemos acessar a internet e vivenciar situações através da tela do computador em tempo real em localidades distantes de nossa origem. É preciso considerar que a geração atual está intimamente ligada a esse mundo. Mas não se pode renunciar a uma consciência crítica e um domínio sobre ele.

Nos tempos precedentes, os conteúdos escolares e conhecimentos teóricos eram apresentados aos alunos gradativamente quando ingressavam nas instituições formais de ensino (KENSKI, 2003). Ao frequentar a escola durante um tempo determinado, a pessoa poderia se considerar formada e se iniciava em alguma profissão. Hoje, a realidade mostra que precisamos estar em constante “estado de aprendizagem”. Não existe um momento em que o sujeito pode considerar-se formado e pronto para atuar na profissão. Ao mesmo tempo

em que a informação é acessada através das tecnologias de última geração, essa mesma informação se altera, e leva à necessidade de modificação dos dados. Uma nova descoberta, um novo ponto de vista, um novo dado a acrescentar. As informações se apresentam de uma forma muito mais dinâmica.

A criança na contemporaneidade tem acesso ao meio tecnológico e interage com esse meio desde tenra idade. Sabe-se que, para aprender, ela precisa estar envolvida e interessada também no conhecimento. A construção desse conhecimento se consolidará na medida em que o mesmo é significativo para ela, e a escola, uma instituição dessa era, não poderá estar fora do processo de reflexão sobre os meios tecnológicos como auxiliares na construção e efetivação do conhecimento, já que os mesmos fazem parte da cultura da sociedade atual

A escola, nesse contexto, teria o papel de “espaço de síntese” (BABIN e KOULOUMDJIAN, 1989). Ela seria responsável por fornecer as condições cognitivas e afetivas necessárias para que o educando reorganize e reestruture essa cultura. Babin e Kouloumdjian (1989) acrescentam que uma nova maneira de compreender os fatos está presente nas relações dos alunos com a escola e o conhecimento e que o professor precisa levar em consideração que, de fato, deve se tornar um mediador e a escola uma mesa de discussão.

Esses autores se referem a uma espécie de “mixagem”, na qual não há uma passagem da cultura – representada pelo livro – para a cultura audiovisual, mas sim, uma mistura das duas. Para exemplificar, eles se comentam que, ao utilizarmos uma imagem de slides ou projetores numa palestra, fazemos uma mixagem. Babin e Kouloumdjian (*op. cit*) nos demonstram também a ideia de convívio em estéreo, segundo a qual as escolas deverão utilizar-se dos dois canais: abordagem em que predominam os sentidos e a afetividade e a abordagem conceitual; abordagem “intuitiva” e abordagem dedutiva.

Os jovens e as crianças considerados nativos digitais, percebem com naturalidade o convívio com as máquinas digitais e promovem até mesmo a inclusão digital de pais e avós. Belloni (2001) discute a ideia de “autodidaxia”, segundo a qual há uma busca individual pelo saber e o papel do professor mediatizando essa formação. Para ela, mediatizar, dentre outras coisas, significa preocupar-se com as metodologias e os materiais que potencializem, ao máximo, as possibilidades de aprendizagem autônoma, seja ela presencial ou a distância. Segundo Belloni:

Embora seja ainda uma utopia o aluno autodidata que espera encontrar no professor um parceiro na construção do conhecimento, a autodidaxia já é uma característica essencial dos modos de aprendizagem das crianças e jovens em sua relação com as máquinas de informação e comunicação, sendo, pois, fundamental que a formação de professores inclua este elemento novo. (BELLONI, 2001, p. 28)

A revolução tecnológica interfere nessa autodidaxia. As crianças interagem muito melhor com o ciberespaço e com os instrumentos comuns a ele. A tecnologia nos proporciona novos estímulos que favorecem e facilitam o nosso trânsito pelo mundo virtual. Dentre esses estímulos, estão os visuais e, nesse contexto, a escola partiria do sensorial, do intuitivo para operações mais elaboradas.

A autonomia do educando, desejada pelos educadores, talvez seja conquistada mais facilmente nesse contexto atual, com o auxílio da escola e dos professores. A autonomia intelectual não se constrói sozinha. Entretanto, autonomia e autodidaxia não devem ser confundidas com abandono e negligência. O dever ético do educador o convida a contribuição e mediação para que o ser advindo dessa relação seja cada vez mais autônomo, isto é, menos dependente. O incentivo a curiosidade do educando, o respeito a sua liberdade e conseqüentes resultados advindos desse processo, certamente contribuirão para a formação de um ser que será capaz de realizar, construir e transformar.

Nessa relação, é extremamente importante a reflexão sobre a prática, o respeito aos saberes do educando, o incentivo a pesquisa, o diálogo e a convicção de que mudanças são necessárias. Segundo Paulo Freire:

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele ponha no seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. (FREIRE, 1996, p.59-60)

Nessa perspectiva, devemos nos comprometer com uma educação e formação que visam a colaborar para a formação de um sujeito autônomo, capaz de tomar decisões, contribuir para o florescimento de uma sociedade mais justa e principalmente com a

promoção de um ser melhor. Para tal, não é possível desconsiderar as novas linguagens comunicacionais presentes no meio de todos, principalmente dos jovens.

Há algum tempo, tenta-se realizar a introdução de computadores na educação, seja como forma de enriquecimento das aulas por parte de professores e alunos, seja como recurso didático presente no dia a dia escolar. Geralmente, os alunos estão mais inteirados do ambiente virtual do que os professores. É preciso, portanto, mais do que preparar o professor para o uso das novas tecnologias na sala de aula. É necessário que o mesmo vivencie situações desafiadoras para ter no ambiente virtual, frente a seus alunos, um aliado.

CAPÍTULO 2
A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

CAPÍTULO 2 – A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

O debate sobre a formação de professores, bem como as possibilidades e desafios dessa formação, é de suma importância num país como o Brasil, onde lutamos ainda contra o analfabetismo e por melhores condições básicas de vida e trabalho. No limiar do século XXI, a formação de profissionais para atuar numa sociedade globalizada, multicultural, pós-moderna, necessita estar pautada na qualidade dessa formação e nas possibilidades de inserção e qualificação das pessoas na vida profissional. Essa formação não deve estar voltada apenas para a execução de tarefas, mas para auxiliar na constituição de um profissional reflexivo e capaz de transformar a realidade.

Como já mencionado, a EAD aparece no cenário educacional primeiramente com os cursos de instrução pelo correio. Depois, as práticas de Educação a Distância privilegiaram sua difusão por meio do rádio e da televisão. Hoje, com o extremo desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação, a EAD aparece como possibilidade de formação, em “classes e universidades virtuais baseadas em tecnologias da internet” (MOORE; KEATSLEY, 2007. p.25).

No Brasil, a constituição de 1988 diz que a educação é um direito de todos, dever do estado e da família e que deve visar o pleno desenvolvimento da pessoa, ao seu preparo para o exercício da cidadania e à qualificação para o trabalho. Apesar da clareza do texto constitucional, percebe-se que a luta em prol de uma escola de qualidade para todos ainda não é nossa realidade. Ao se pensar na formação daqueles que estarão diretamente em contato com os educandos, dialogando com eles, intermediando seu conhecimento, visando à transformação desse ser, há que se ter o cuidado de garantir-lhes uma boa formação em consonância com a sociedade e a cultura em que está inserido.

Ainda nos remetendo ao texto constitucional, percebe-se que no que diz respeito ao “direito de todos e dever do estado e da família”, a EAD tem proporcionado, enquanto política pública, a inserção no mundo acadêmico de diversas pessoas que, por diferentes motivos, não poderiam frequentar um curso presencial.

O pleno desenvolvimento da pessoa, o seu preparo para o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho, presentes na constituição, se configuram num tema recorrente nas reflexões que se referem à modalidade presencial e também num curso a distância. A boa formação do professor deverá estar pautada em um compromisso de todos os que estão

envolvidos no processo educacional, um compromisso que se renova a cada conquista, a cada passo dado por educador e educando. A pesquisa em educação com o tema formação de professores tem muito a contribuir nas reflexões sobre a qualidade da educação no Brasil.

A formação de professores por meio das tecnologias é fruto de uma política pública que visa ao desenvolvimento de profissionais em serviço e que também visa proporcionar qualificação acadêmica a pessoas que, muitas vezes, estão distantes da possibilidade de freqüentar um centro universitário. A Educação a Distância vivida de uma forma interativa, que se apóia no papel do outro (colega, professor, tutor, grupo, ou outra denominação que se utilize) para a formação do aluno, futuro professor, certamente terá a contribuir para a construção de um profissional capaz de transformar a sociedade.

Hoje em dia, a formação de professores por meio das tecnologias, é temática essencial das pesquisas em educação visto que tem se configurado como possibilidade de formação por meio de instituições particulares e também por meio de políticas públicas de formação do educador.

Segundo Mota e Filho (2006), na década de 1990, a Educação a Distância sofre um impulso para sua inserção na educação formal regular. Pode-se evidenciar diversas ações implementadas que favoreceram sua expansão: o extremo avanço tecnológico e as possibilidades de metodologias educacionais diferenciadas que se abriram através desses meios, o arcabouço legal voltado para a área educacional e também se referindo à EAD, a promulgação constituição de 1988 e a crescente pressão por expansão da educação superior, as ações do Ministério da Educação em privilegiar a formação inicial e continuada de professores visando à qualidade da educação básica.

Nesse mesmo cenário, Pereira (2000) afirma que a pesquisa educacional na virada dos anos 80 para os anos 90, as ciências sociais e também a educação se defrontaram com a “crise dos paradigmas”. Segundo Marcondes (2002 p. 20 e 21), a modernidade revela que o indivíduo será a base deste novo quadro epistemológico e que o próprio objeto se constituiria numa construção do sujeito. Na modernidade, estamos em constante crise, em busca de caminhos e respostas, inclusive na crise de possibilidade de um paradigma hegemônico. A crise dos paradigmas acontece independentemente dos cientistas e até mesmo contra sua vontade. Hoje, visto que não existe uma realidade dada num sistema fechado, já não se trata de discutir esse ou aquele modelo a ser seguido, mas o próprio conceito de paradigma.

Os aspectos microssociais, destacando os agente-sujeitos, são evidenciados nas pesquisas educacionais. Segundo Pereira (2000, p. 41) nesse cenário, “privilegia-se, a formação do professor pesquisador, ou seja, ressalta-se a importância da formação do profissional reflexivo, aquele que pensa na ação, cuja atividade profissional se alia à atividade de pesquisa.”

Ao se abordar o tema formação de professores, é preciso que se considere o conceito de reflexão na ação, já abordado por muitos teóricos. Paulo Freire (1996), em *Pedagogia da Autonomia*, relata a importância do educador crítico principalmente no que se refere à sua prática. Isabel Alarcão (2007) considera condição primordial para o professor da sociedade da informação, uma prática reflexiva. O ser humano na visão da autora deve ter consciência de sua capacidade criadora e não meramente reprodutora de idéias e práticas exteriores.

As pesquisas de Donald Schön (2000) discutem a relação entre teoria e prática na constituição dos profissionais da educação. Ele faz uma crítica à perspectiva de formação do professor que, muitas vezes, privilegia a racionalidade técnica, na qual o papel do pesquisador é considerado diferente e superior ao papel do profissional engajado na prática. Schön ressalta o papel da reflexão na ação prática do profissional:

Muitas vezes, uma situação problemática apresenta-se como um caso único. Uma médica reconhece um conjunto de sintomas que não consegue associar a nenhuma doença conhecida. Um engenheiro mecânico encontra uma estrutura para a qual ele não pode, com as ferramentas à sua disposição, fazer uma determinada análise. Uma professora de aritmética, ao escutar a pergunta de uma criança conscientiza-se de um tipo de confusão e, ao mesmo tempo, de um tipo de compreensão intuitiva para a qual ela não tem qualquer resposta disponível. E porque o caso único transcende as categorias da teoria e da técnica existentes, o profissional não pode tratá-lo como um problema instrumental a ser resolvido pela aplicação de uma das regras de seu estoque de conhecimento profissional. O caso não está no manual. Se ele quiser tratá-lo de forma competente, deve fazê-lo através de um tipo de improvisação, inventando e testando estratégias situacionais que ele mesmo produz. (SCHON, 2000, p. 17)

É inegável que, apesar da atividade reflexiva ser inata ao ser humano, ela precisa de condições favoráveis para se manifestar. Pode-se dizer que ela se desenvolveria melhor em contextos de liberdade e responsabilidade. Segundo Alarcão (2007), é preciso vencer a inércia e avançar, no sentido de interpretar realmente o fenômeno educativo e não somente descrevê-lo.

Nessa visão que considera a importância do professor reflexivo, percebe-se a necessidade constante do diálogo. O diálogo com todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem, inclusive da própria pessoa que se propõe a ser mediadora do desenvolvimento de outras e suas próprias dúvidas, incertezas, acertos e erros. Conforme relata Pinto:

Partindo assim do diálogo, a formação desse professor, tendo em vista o desenvolvimento de seu senso crítico, deverá ser capaz de dar-lhe condições de estruturar raciocínios lógicos. Estes não nascem com o indivíduo, como poderia prescrever uma perspectiva apressadamente platônica, mas devem ser desenvolvidos por intermédio de uma troca de juízos que se faz exatamente no diálogo. (PINTO, 2002, p. 174)

O professor reflexivo deve ser capaz de associar prática e teoria num movimento para novas direções conforme forem surgindo situações no dia a dia profissional. Partindo dessas premissas, há que se considerar que a formação de professores na modalidade a distância também, e muito, deve considerar do conceito de professor reflexivo.

2.1 – A formação de professores e sua relação com a tecnologia

O tema formação de professores é um tema complexo, visto que esse profissional atuará diretamente na mediação do conhecimento, contribuindo para a formação moral e intelectual de outras pessoas. A formação de professores por meio das TIC precisa ser analisada sob diferentes aspectos. No presente trabalho é evidenciada a possibilidade de formação de professores em EAD numa perspectiva aberta e a distância, com flexibilidade de horários, interação virtual e presencial de todos os envolvidos no curso, e ancorada ainda no referencial de professor reflexivo.

Faz-se necessário remeter-nos ao conceito de EAD para a discussão da proposta do presente projeto de pesquisa. A presença de diferentes modelos, concepções e práticas de Educação a Distância hoje constituem um desafio para sua conceituação. Percebe-se que as primeiras experiências de Educação a Distância eram caracterizadas como uma modalidade de ensino com ênfase no instrucionismo behaviorista. Ainda hoje, coexistem propostas de EAD baseadas nos pressupostos fordistas com outras mais voltadas para a interação no processo de ensino-aprendizagem, numa visão flexível, principalmente no que diz respeito à autonomia do

estudante, ao tempo e horário para estudar, bem como ao que significa o espaço da sala de aula.

As definições de EAD enfatizam a distância física entre professor e aluno e muitas enfatizam a organização, no que tange aos procedimentos de ensino e no material didático a ser utilizado, para que o objetivo de aprendizagem aconteça. Para Rebel:

Educação a distância é um modo não contíguo de transmissão entre professor e conteúdos de ensino e aprendente e conteúdos de aprendizagem – possibilita maior liberdade ao aprendente para satisfazer suas necessidades de aprendizagem, seja por modelos tradicionais, não tradicionais, ou pela mistura de ambos. (REBEL, 1983, *apud* BELLONI, 2009, p. 26)

O desenvolvimento exacerbado das tecnologias da informação e comunicação e sua disponibilização para a sociedade principalmente, no que se refere, principalmente, à internet, possibilitou um fortalecimento da Educação a Distância, hoje se apresentando com uma definição mais aberta e mais completa. Segundo Belloni:

A EAD é uma modalidade de ensino, ou seja, deve ser compreendida como um tipo distinto de oferta educacional, que exige inovações ao mesmo tempo pedagógicas, didáticas e organizacionais. Seus principais elementos constitutivos (que a diferenciam da modalidade presencial) são a descontiguidade espacial entre professor e aluno, a comunicação diferida (separação no tempo) e a mediação tecnológica, característica fundamental dos materiais pedagógicos e da interação entre o aluno e a instituição (Belloni, 1999). A aprendizagem aberta, por sua vez, é um modo de aprendizagem – novo no sentido em que é distinto das práticas na maioria de nossas instituições de ensino em qualquer nível – que requer um processo de ensino centrado no aprendente, concebido como um ser autônomo, gestor de seu próprio processo de aprendizagem. As principais características da aprendizagem aberta são a flexibilidade e liberdade do estudante (*time free, place free, pace free*) e oferta voltada para os interesses do estudante (flexibilização do acesso e dos procedimentos de ensino e de avaliação) (BELLONI, 2002b, p. 156- 157)

A Educação a Distância, que se propõe num modelo mais aberto e flexível, considera mais a interação do estudante com os meios tecnológicos utilizados e com as pessoas envolvidas no processo (tutores, professores e outros estudantes).

Se fizermos uma breve incursão na história da educação no Brasil e na formação dos professores para a educação básica, notaremos que essa formação aconteceu, segundo Gadotti (2000), nos primeiros 20 anos do século 20, nas Escolas Normais de formação de professoras

primárias. Inspiradas nos ideais liberais e na crença do poder da educação, as bases dessa formação refletiam a ideia de que a ignorância do povo era a causa das crises do país.

A lei 5692/71 veio a suprimir as escolas normais e as substituiu pelo curso de magistério, que se apresentava como uma opção no ensino profissionalizante. Nessa época, o professor que iria lecionar nas primeiras séries do ensino fundamental, fazia sua formação nos cursos técnicos de magistério, nas escolas de 2º grau. Segundo Scheibe e Aguiar na década de vinte:

O curso de pedagogia foi criado no Brasil como consequência da preocupação com o preparo de docentes para a escola secundária. Surgiu junto com as licenciaturas, instituídas ao ser organizada a antiga Faculdade Nacional de Filosofia, da Universidade do Brasil, pelo Decreto lei nº 1190 de 1939. Essa faculdade visava à dupla função de formar bacharéis e licenciados para várias áreas, entre elas, a área pedagógica seguindo a fórmula conhecida como “3+1”, em que as disciplinas de natureza pedagógica cuja duração prevista era de um ano, estavam justapostas às disciplinas de conteúdo com duração de três anos. (SCHEIBE; AGUIAR, 1999, p. 223)

Direcionando o olhar para os debates realizados anos 70, percebe-se que a formação do professor e especialista em educação nessa época privilegiava o enfoque tecnicista, segundo o qual eram supervalorizados a organização e o planejamento para a obtenção de resultados instrucionais altamente eficazes e eficientes.

Conforme propõe Pereira (2000), na década de 80, o enfoque do debate sobre a formação de professores muda para a reflexão sobre o caráter político da prática pedagógica e do compromisso do educador com as classes populares. Havia nessa época uma tentativa de superação da figura do especialista do conteúdo ou do técnico da educação dos anos 70 para o educador, que estaria menos preocupado com suas técnicas e métodos de ensino para atuar como um agente sócio-político. O debate se desenvolve e passa a vigorar a ideia de que o educador deveria ser “formado sob dois aspectos distintos e indissociáveis: competência técnica e compromisso político” (PEREIRA, 2000. p. 29)

Percebe-se, na década de 90, uma expansão do ensino superior, principalmente em atendimento aos organismos internacionais. Por consequência, cresce a demanda por professores e, nessa linha, o debate sobre a formação dos mesmos. Esse momento é caracterizado pela criação dos Institutos Superiores de Educação e dos Cursos Normal

Superior, bem como pela diversificação da oferta dos cursos de formação como Pedagogia, Licenciaturas, cursos especiais e Educação a Distância.

A Lei de Diretrizes e Bases 9394/96 prevê que os professores, para atuar no Ensino Fundamental, tenham formação em nível superior. Porém, ela também faculta que essa formação possa ser feita em nível do Ensino Médio. A LDB trata também da EAD e abre caminho para ampliação dessa modalidade de ensino. Segundo Giolo:

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – n.9.394, de 20 de dezembro de 1996) concedeu estatuto de maioria para a educação a distância. Garantiu-lhe o incentivo do poder público, espaço amplo de atuação (todos os níveis e modalidades) e tratamento privilegiado no que se refere à utilização de canais de radiodifusão. Os requisitos para a realização de exames e registros de diplomas seriam dados pela União e as demais dimensões (produção, controle, avaliação e autorização) seriam regulamentadas pelos respectivos sistemas de ensino. (GIOLO, 2008, p. 1212-1213)

O debate atual, no que se refere à formação de professores, inclui em sua pauta a EAD, suas possibilidades e desafios. No presente trabalho, investiga-se sobre as implicações da formação do professor por meio das tecnologias em sua prática escolar. O ensino presencial oferece possibilidades de diálogo, de trocas, de interações que o ensino a distância também pode proporcionar. Além disso, somente o fato de ser um ensino presencial não garante o diálogo, a troca e a interação entre as partes e o fato de ser ensino a distância não inviabiliza essa interação. A educação a distância, numa perspectiva de interatividade e de ampliação de espaço e de tempo, pode significar uma possibilidade de formação de qualidade para muitas pessoas que estão longe dos centros de formação ou que se identificam com essa modalidade de ensino.

O reconhecimento legal da Educação a Distância no Brasil é relativamente curto. A LDB abriu os caminhos para que essa possibilidade realmente se efetivasse em nosso país. Segundo Neto (2006) os programas de Educação a Distância no Brasil, na Lei 5692/71, recebiam pareceres dos Conselhos Federal e Estaduais de Educação e eram classificados como “experimentais”. Hoje, o debate sobre educação a distância está presente também quando de fala de formação de professores. De acordo com Neto (2006), a pauta temática atual da EAD refere-se geralmente a três aspectos:

1. Suas possibilidades de abertura e ampliação de oportunidades de acesso a uma educação de qualidade, como resposta adequada às exigências de mais e melhor formação em uma modernidade globalizada e competitiva.
2. Sua consistência como solução de problemas e dificuldades colocadas pela falta de disponibilidade de tempo de candidatos a cursos de diferentes níveis e modalidades, pela exigüidade de espaços e carência quantitativa e qualitativa de agentes educacionais para seu atendimento.
3. Seu real valor como instrumento eficaz de renovação e mudança de paradigmas pedagógicos diante das ilimitadas potencialidades das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação. (NETO, 2006 p.400-401)

O fato da LDB 9394/96 abordar o tema Educação a Distância como uma possibilidade de formação aos brasileiros, regulamentada, garante uma consistência nas ações e projetos dessa modalidade de ensino até então sujeitos a favoráveis e contrárias a ela.

Outro momento importante na legislação, no que se refere à EAD, diz respeito ao Decreto 5622/ 2005. Ele absorve em seu corpo aspectos da Portaria do MEC nº 301 de 07 de abril de 1998, que estabelece normas sobre credenciamento de instituições para a oferta de EAD. A mudança de tratamento na caracterização da EAD, observada no texto no Decreto de 2005, evidencia um avanço na discussão da temática. O texto se refere à Educação a Distância como:

Art. 1º- Para os fins deste Decreto, caracteriza-se a educação a distância como modalidade educacional no qual a mediação didático pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias da informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos. (BRASIL, 2005)¹¹

Ao final de 2005 começou a ser viabilizado o projeto Universidade Aberta do Brasil (UAB). O projeto foi elaborado por intermédio da Secretaria de Educação a distância do Ministério da Educação, em consonância com as políticas públicas de expansão da educação superior. Foi feita uma chamada pública para a seleção de pólos municipais de apoio

¹¹ Disponível em: <http://homepages.dcc.ufmg.br/~bigonha/Legis/Legislacao/EAD/Decreto-5.622-ead.pdf>. Acesso em: 19/03/2011

presencial e de cursos superiores de Instituições Federais de Ensino Superior na modalidade EAD para a UAB.¹²

Um curso de formação de professores precisa estar comprometido com os processos emancipatórios da população e com a promoção do humano. Segundo Pimenta (2008):

Para além da finalidade de conferir uma habilitação legal ao exercício profissional da docência, do curso de formação inicial se espera que *forme* o professor. Ou que colabore para sua *formação*. Melhor seria dizer que colabore para o exercício de sua atividade docente, uma vez que professorar não é uma atividade burocrática para a qual se adquire conhecimentos e habilidades técnico-mecânicas. Dada a natureza do trabalho docente, que é ensinar como contribuição ao processo de humanização dos alunos historicamente situados, espera-se da licenciatura que desenvolva nos alunos conhecimentos e habilidades, atitudes e valores que lhes possibilitem permanentemente irem construindo seus saberes fazeres docentes a partir de necessidades e desafios que o ensino como prática social lhes coloca no cotidiano. (PIMENTA, 2008. p. 18)

Para entender profundamente o tema formação de professores e EAD, há que se promover um constante debate sobre as conquistas advindas da implementação da UAB e se fomentar o campo de pesquisas em tecnologias de informação e comunicação. O terreno fértil no qual se lançam as sementes do projeto UAB poderá propiciar a revisão de nosso paradigma educacional, em termos da modernização, gestão democrática e financiamentos, e provocará importantes desdobramentos para a melhoria da qualidade da educação, tanto na incorporação de tecnologias e metodologias inovadoras ao ensino presencial quanto nos possíveis caminhos de promovermos educação superior a distância com liberdade e flexibilidade.

É oportuno considerar a importância da oferta de educação superior por meio da modalidade a distância aos lugares mais longínquos do país. Essas ações, aliadas à constante reflexão, poderão contribuir para a inserção de diversas pessoas ao mundo acadêmico, melhorando assim, a qualidade do ensino no país.

¹² Rede Nacional Experimental voltada para a pesquisa e para a educação superior (compreendendo a formação inicial e continuada), formada pelo conjunto de IES públicas em articulação e integração com o conjunto de pólos municipais de apoio presencial.

CAPÍTULO 3

O MÉTODO

CAPÍTULO 3 – O MÉTODO

O processo de construção da pesquisa científica é marcado por uma íntima relação entre o trabalho que se desenvolve e a maneira que o pesquisador vê e analisa o mundo. Segundo Gatti (1999, p. 72), “o método nasce do embate de idéias, perspectivas, teorias, com a prática”. Ele é um processo vivo que se revela em nossa organização e no desenvolvimento do trabalho de pesquisa.

Nesse sentido, posso dizer que o interesse pelo tema da presente pesquisa foi em mim despertado de maneira mais incisiva, a partir de minha atuação como tutora do curso de graduação a distância em Pedagogia, oferecido pela UFJF no pólo de Cataguases – MG. A partir de tal ocasião, tive a oportunidade de conviver diretamente com a construção e a consolidação de um curso a distância.

Conforme apresentamos anteriormente, a pesquisa se delineia a partir da reflexão sobre a formação de professores por meio das tecnologias da informação e comunicação num curso de EAD, e as implicações dessa formação na prática docente. Apresentaremos a seguir informações referentes ao curso de graduação em questão, bem como de seus estudantes, a fim de caracterizar os sujeitos dessa pesquisa. Posteriormente, relataremos de maneira sintética os procedimentos metodológicos adotados para a realização da pesquisa.

3.1 – O curso de graduação a distância em Pedagogia e o pólo de Cataguases

O curso de graduação a distância em Pedagogia foi fruto de um convênio firmado entre a prefeitura de Cataguases e a Universidade Federal de Juiz de Fora. A cidade de Cataguases, com aproximadamente 65.659 habitantes é considerada de porte médio, sendo basicamente de população operária. Situa-se a 300 km de Belo Horizonte e a 250 km do Rio de Janeiro.

É preciso destacar que a cidade em questão já possuía uma faculdade presencial de formação de professores. No entanto, a chegada do pólo da Universidade Federal de Juiz de Fora no local oportunizou opção pela modalidade de Educação a Distância com o respaldo da Universidade Federal.

Para a implantação do pólo, realizou-se um processo seletivo para a composição do quadro de tutores do curso. O processo constituiu-se em prova dissertativa, entrevista e

análise de currículo e teve a participação de vários profissionais da área de educação da cidade. Os candidatos selecionados tornaram-se tutores presenciais e foram direcionados para as disciplinas com as quais mais tinham afinidades ou com aquelas que eles já possuíam alguma experiência.

A coordenação do pólo também foi escolhida por meio do processo de seleção acima citado. É importante ressaltar que o pólo universitário da UFJF em Cataguases hoje oferece o curso de licenciatura em Química e cursos a nível técnico em diversas áreas.

A proposta inicial do curso obedecia aos moldes do Consórcio CEDERJ¹³. Entretanto, esta foi reconstruída pela Universidade Federal de Juiz de Fora, na medida em que foram percebidas necessidades de adaptação.

No início do curso, por exemplo, o material didático era oferecido em formato de apostila e era disponibilizado aos alunos com antecedência, já para o semestre todo, conforme a orientação do consórcio. No entanto, percebeu-se a necessidade de reformulação dos textos a serem trabalhados. Houve a percepção do grupo que estava à frente da organização do curso, da necessidade de ênfase no processo de mediação pedagógica, o que seria conseguido mediante a interação de todos os que faziam parte daquela proposta.

As apostilas, previamente preparadas e pagas pelos alunos, por terem sido elaboradas para um contexto específico (o do Rio de Janeiro), nem sempre eram adequadas à realidade do pólo mineiro. Além disso, o professor e os tutores ficavam, de certo modo, cerceados pela abordagem proposta pelo material didático fluminense.

Decidiu-se que os textos deveriam ser escolhidos e preparados previamente em reuniões com o professor responsável pela disciplina e o tutor à distância. Esse material era

¹³ O Consórcio CEDERJ reúne, desde 1999, o Governo do Estado do Rio de Janeiro e as seis Universidades públicas sediadas no Estado: Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF); Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO); Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Universidade Federal Fluminense (UFF); Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Também participam ativamente deste esforço as Prefeituras Municipais que sediam os pólos regionais do CEDERJ. Os objetivos do CEDERJ são: contribuir para a interiorização do ensino superior público, gratuito e de qualidade no Estado do Rio de Janeiro; concorrer para facilitar o acesso ao ensino superior daqueles que não podem estudar no horário tradicional; atuar na formação continuada, a distância, de profissionais do Estado, com atenção especial para o processo de atualização de professores da rede estadual de Ensino Médio; aumentar a oferta de vagas em cursos de graduação e pós-graduação no Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.cederj.edu.br/fundacaoecierj/exibe_artigo.php Acessado em: 19 de março de 2010.

disponibilizado a todos na plataforma para que se fizesse a leitura prévia e para que os alunos discutissem sobre os mesmos com os tutores presenciais e na plataforma *moodle*¹⁴.

No início do curso, muitos alunos acessavam a internet no pólo presencial, para se familiarizarem com todo aquele processo que era novidade para eles. Alguns dos discentes daquela turma possuíam alguma ligação com educação, já eram professores ou trabalhavam na secretaria, outros trabalhavam no comércio. No pólo de Cataguases, tínhamos 03 alunos de Juiz de Fora que também faziam parte dessa turma.

As dificuldades iniciais eram principalmente no que diz respeito ao domínio das relações via tecnologia, visto que muitos dos alunos não dominavam a linguagem do computador. Havia alunos que não sabiam como passar um e-mail e, ainda, aqueles que sequer sabiam como ligar a máquina.

Outra preocupação existente no início do curso era de que os tutores não fossem considerados professores, pois havia o receio de os mesmos não serem fiéis aos conteúdos ministrados pelos responsáveis pelas disciplinas na UFJF. Com o passar do tempo e consolidação do curso, percebemos que os professores da universidade começaram a refletir e encarar o grupo que interagira com os alunos na plataforma como um grupo de professores. Tal atitude corrobora as discussões atuais acerca da EAD que nos remetem ao fato de que, num curso a distância, não existe a figura de um “professor individual, mas de um professor ou entidade coletiva”. (BELLONI, 2009, p.81.)

Com o desenvolvimento do curso, as relações foram se modificando e foram sendo percebidas mudanças no processo. Principalmente no que se refere às disciplinas nas quais trabalhei como tutora presencial, eu pude observar que os alunos, a princípio, frequentavam o pólo e procuravam a ajuda do tutor presente naquele espaço físico para discussões e interações sobre os temas que estavam sendo oferecidos pela disciplina. Posteriormente, eles começaram a interagir mais com o tutor a distância na plataforma, com mais desenvoltura. Além disso, alguns alunos gostavam de frequentar o pólo semanalmente. Já outros o faziam esporadicamente, mais próximo às avaliações; por fim, existiam aqueles que raramente estavam no pólo.

¹⁴ O *moodle* é uma plataforma de aprendizagem a distância baseada em software livre. Trata-se de um aplicativo desenvolvido, principalmente, para cursos on-line, ou suporte on-line a cursos presenciais, de alta qualidade e com muitos tipos de recursos disponíveis. Disponível em <http://moodle.org/> Acessado em 04/03/2011.

O sistema de avaliação desse curso ocorria em momentos diversos. Através de seminários presenciais na UFJF juntamente com outros pólos que também participavam do mesmo “consórcio” em suas cidades. Esses seminários eram assistidos por todo o grupo e pelos professores e tutores da universidade, que ministravam as respectivas disciplinas. Outras vezes eram propostas atividades de discussão com os alunos que deveriam ser debatidas em rede e com os tutores presenciais, se fosse necessário, para serem postadas posteriormente na plataforma.

Outro momento avaliativo era feito através de prova. Para a aplicação da mesma se deslocava até a cidade algum tutor a distância de Juiz de Fora, juntamente com um tutor presencial que fosse designado.

A mudança na estrutura do curso, a partir de maior interação entre tutores e alunos, reforça o uso do meio digital. Passa a ser mais tecnológica.

A formação desse grupo de estudantes de graduação foi se delineando de diferentes maneiras: no início, com a presença de muitos no pólo presencial, depois com presenças mais marcantes e mais interativas no ambiente virtual. É preciso ressaltar que toda essa dinâmica que era intercalada por encontros na UFJF, conforme já citado acima era sempre significativa para todos.

Em relação ao trabalho dos tutores, em diversos momentos, estes que trabalhavam no pólo presencial de Cataguases, se reuniam com os professores da universidade e com os tutores a distância que atuavam em Juiz de Fora. O objetivo de tais reuniões era a discussão e análise do que seria trabalhado com os alunos.

Também eram discutidas as dificuldades que ocorreram na interação com os alunos, no que se refere às disciplinas trabalhadas por nós. Na plataforma *moodle*, havia a participação de todos. Em algumas vezes recebíamos a visita de alguns professores da universidade no pólo presencial, o que era muito significativo para todos.

Por fim, para uma melhor visualização da formação desses alunos destacamos a grade curricular do curso que foi organizada contemplando as seguintes disciplinas:

QUADRO 1 – Grade curricular do curso de Pedagogia a distancia oferecido pela UFJF no pólo de Cataguases

<i>2006</i>	<i>2007</i>	<i>2008</i>	<i>2009</i>
Fundamentos da Educação	Fundamentos III	Informática na Educação	Pesquisa em Educação e construção do PPP VI
Língua Portuguesa na Educação I	Alfabetização Continuada e Forma I	Literatura na formação do leitor	
Educação Especial	Ciências Naturais na Educação	História da Educação I	
Pesquisa em Educação e Projeto Político Pedagógico	Matemática na Educação II	Geografia na Educação II	
Introdução à informática	Prática de Ensino II	Prática de Ensino IV	
Fundamentos II	Pesquisa em Educação e Construção do PPP II	Pesquisa em Educação e Construção do PPP IV	
Língua portuguesa na Educação II	Estágio Supervisionado II	Estágio supervisionado IV	
Didática	Fundamentos IV	Imagem e Educação	
Matemática na Educação	Alfabetização continuada e forma II	Artes na Educação	
Prática de Ensino I	Ciências Naturais na Educação II	História na Educação II	
	Geografia na Educação I	Corpo e Movimento na Educação	
	Movimentos Sociais e Educação	Prática de Ensino V	
	Prática de Ensino III	Estágio supervisionado V	
	Pesquisa em Educação e PPP IV	Educação de Jovens e Adultos	
	Estágio supervisionado III	Meio Ambiente e Educação	
		Ética e Educação	

3.2 – Os sujeitos da pesquisa

O curso de Pedagogia ao qual nos referimos no presente trabalho iniciou suas atividades com 30 alunos sendo que 23 concluíram o curso. Os sujeitos dessa pesquisa de mestrado são 13 professores que se graduaram por meio das tecnologias no curso a distância, do pólo da UFJF em Cataguases e que já trabalhavam como professores na cidade

anteriormente ao curso. Como critério de escolha dos sujeitos da pesquisa, optamos por investigar aqueles que estavam na docência antes e depois do curso.

A escolha deles se deve ao fato de que, estando os mesmos atuando na docência, possibilitaria a análise de sua prática mais especificamente no que se refere ao uso intensificado das novas tecnologias no dia a dia escolar. Consideramos também na pesquisa de campo, os coordenadores das escolas nas quais trabalham os professores que fazem parte dessa dissertação.

3.3 – Os procedimentos metodológicos

A fim de realizar uma reflexão sobre a formação de professores por meio das tecnologias da informação e comunicação num curso de EAD e sobre as implicações dessa formação na prática docente, optamos pela realização de uma pesquisa com caracterização descritiva e adotamos o estudo de caso como método. Através do estudo de caso, o pesquisador pode investigar um fenômeno específico, dentro de um contexto da vida real.

O estudo de caso, segundo Márcia Duarte (2009, p. 234), “é um método que contribui para a compreensão dos fenômenos sociais complexos, sejam individuais, organizacionais, sociais ou políticos. É o estudo das peculiaridades, das diferenças daquilo que o torna único e por essa mesma razão o distingue e aproxima dos demais fenômenos.”

Neste sentido, ainda que o universo analisado na presente pesquisa seja pequeno, acreditamos que ele nos possibilita uma reflexão aprofundada sobre realidades específicas e que essas análises nos permitem fazer relações e implicações com um contexto maior. Yin, citado por Márcia Duarte (2009), afirma que essa abordagem metodológica auxilia ao investigador que procura respostas para o “como” e o “por que”. O conhecimento que se resulta do estudo de caso poderá ser aplicado a outros casos similares visto que nesse método procura-se encontrar algo universal no particular.

Para o desenvolvimento da pesquisa de campo, optou-se pela utilização dos instrumentos questionário e entrevista semi estruturada. O questionário, também denominado de entrevista fechada, é realizado a partir de questionamentos estruturados, com perguntas iguais para todos os entrevistados, para que se possa estabelecer uniformidade nas respostas e compará-las posteriormente.

O uso do questionário justifica-se, pois, inicialmente, seria necessário levantar o perfil da turma a ser analisada para evidenciar o contexto em que se desenvolveu o curso a distância oferecido pela UFJF em Cataguases. Além disso, procurou-se evidenciar alguns indícios de utilização das TIC pelos professores formados por meio de EAD.

O questionário¹⁵ foi estruturado com 23 perguntas¹⁶, com as quais se procurou investigar, além do perfil dos professores, a forma de utilização das mídias em geral por alunos docentes que se graduaram por meio das tecnologias da informação e comunicação. Procurou-se também identificar se os mesmos já possuíam computador antes do curso, se já utilizavam e de que maneira e principalmente se os mesmos utilizavam os recursos tecnológicos como recurso pedagógico, já que eles se graduaram por esses meios.

Com os dados levantados no questionário, percebeu-se que somente 03 deles eram incentivados plenamente ao uso dos recursos tecnológicos. Os outros 10, quando incentivados, declararam que esse incentivo se referia ao uso de computadores na sala de informática.

Essa constatação nos motivou a levantar algumas possíveis causas da não utilização dos meios tecnológicos. Começamos a perceber que a opinião do coordenador ou supervisor pedagógico, isto é, o fato dele considerar importante ou não o uso das ferramentas tecnológicas a favor da aprendizagem, poderia influenciar a prática do professor. A partir daí, verificou-se a necessidade de realizar entrevistas também com os coordenadores.

Em seguida, foram realizadas entrevistas, com os 13 professores e os respectivos coordenadores desses sujeitos. Os coordenadores pertencem às 10 escolas onde os professores/sujeitos lecionam. Foram entrevistados 08 coordenadores, sendo que o critério para a seleção dos mesmos foi acessibilidade.

Segundo Jorge Duarte (2009, p. 62), “a entrevista se tornou uma técnica clássica de obtenção de informações nas ciências sociais, com larga adoção em áreas como sociologia, comunicação, antropologia, administração, educação e psicologia”. Esse procedimento metodológico se justifica na medida em que uso das mesmas permite ao pesquisador, num processo de reconstrução e interpretação, identificar diferentes maneiras de descrever e perceber os fenômenos. O modelo de entrevista utilizado no presente trabalho se caracteriza

¹⁵ Apresentamos o modelo do questionário nos apêndices desse trabalho.

¹⁶ As questões formuladas para o questionário foram elaboradas no intuito de embasar e dar consistência a futuras discussões a respeito de outros dados levantados pela entrevista

como semi-aberta, na qual o entrevistador utiliza um roteiro¹⁷ de questões como guia para a investigação de interesse da pesquisa.

A elaboração das questões exige profundidade e conhecimento prévio do assunto para que atinja seus objetivos. De acordo com Jorge Duarte (2009), a técnica de entrevista, sua validade e confiabilidade dizem respeito a três questões: a) seleção de informantes capazes de responder à questão da pesquisa, b) uso de procedimentos que garantam a obtenção de respostas confiáveis, c) descrição dos resultados que articule consistentemente as informações obtidas com o conhecimento teórico disponível.

Por esse prisma, as entrevistas foram realizadas, com o intuito de procurar identificar nas declarações dos professores os fatores que poderiam interferir na não utilização das mídias, já que havíamos percebido pelos questionários que os mesmos não utilizavam de forma maciça principalmente o computador como recurso pedagógico. Tínhamos certeza que várias reflexões sobre o tema foram feitas durante o curso e que os discentes-professores, no processo de sua formação. Inclusive com a inserção da disciplina Imagem e Educação e Informática na Educação I e II, eles tiveram oportunidade de formação e discussão sobre o tema.

As entrevistas foram realizadas de acordo com a disponibilidade dos entrevistados e, geralmente, no local de trabalho ou na casa dos mesmos, em horário agendado previamente. A gravação dos depoimentos dos entrevistados possibilitou o registro literal e integral dos mesmos e também a análise detalhada de suas declarações.

Por fim, gostaríamos de mais uma vez destacar que o presente trabalho se desenvolveu a partir da experiência de quem participou do processo, como tutora presencial, do início ao final do curso. Algumas indagações que emergiram na vivência com grupo estão presentes nesse trabalho e se constituíram como objetivo de investigação do mesmo. No início, havia uma desconfiança, insegurança e curiosidade com relação ao desenvolvimento de nosso trabalho nesse curso de EAD. Alunos, tutores presenciais, tutores a distância e professores da universidade analisando as possibilidades que esse curso ofereceria a todos. A UFJF possuía a experiência com o projeto “Veredas” e, agora, iniciava a experiência com outro formato de curso.

¹⁷ O roteiro utilizado para as entrevistas deste trabalho também se encontra nos apêndices.

CAPÍTULO 4
O PROFESSOR FORMADO EM EAD E SUA PRÁTICA:
ANÁLISE DOS DADOS

CAPÍTULO 4 – O PROFESSOR FORMADO EM EAD E SUA PRÁTICA: ANÁLISE DOS DADOS

O curso de Pedagogia da UFJF no pólo de Cataguases proporcionou diferentes experiências no que diz respeito à formação de professores. Aos alunos que já exerciam a docência, houve a possibilidade de refletirem sobre sua própria formação e prática docente. A aqueles que não eram professores, foi oferecida a imersão nos assuntos relativos à complexidade do fenômeno educacional, através da Educação a Distância.

As implicações da formação a distância na prática do professor foram analisadas no presente trabalho, com base nas respostas e declarações dos professores-alunos que formados pelo curso de graduação em Pedagogia a distância selecionado para esta pesquisa. Os estudantes em questão concluíram a sua graduação no ano de 2009.

Neste capítulo serão apresentadas as análises relativas ao questionário com perguntas estruturadas junto aos treze alunos-professores e, posteriormente, as reflexões sobre as entrevistas semi-estruturadas realizadas com esses mesmos sujeitos. As informações coletadas serão analisadas a partir do arcabouço teórico apresentado nos capítulos iniciais dessa dissertação.

4.1 – Análises dos questionários

Como evidenciado no capítulo anterior, o grupo analisado se constitui em sua maioria de mulheres e professoras já atuantes na rede municipal e estadual de Cataguases, ou seja, com alguma experiência no campo da docência. Desse grupo de professores, somente um é do sexo masculino, reafirmando a antiga constatação de que o curso de Pedagogia é mais procurado pelo público feminino. As escolas que os mesmos trabalham são da rede pública da cidade e região. Referimo-nos, nessa pesquisa, a 10 escolas, sendo que estão incluídas nessa relação a UEMG (Universidade Estadual de Minas Gerais), campus de Ubá-MG e a Escola Estadual Luiz Salgado Lima de Leopoldina-MG. As demais escolas são de Cataguases.

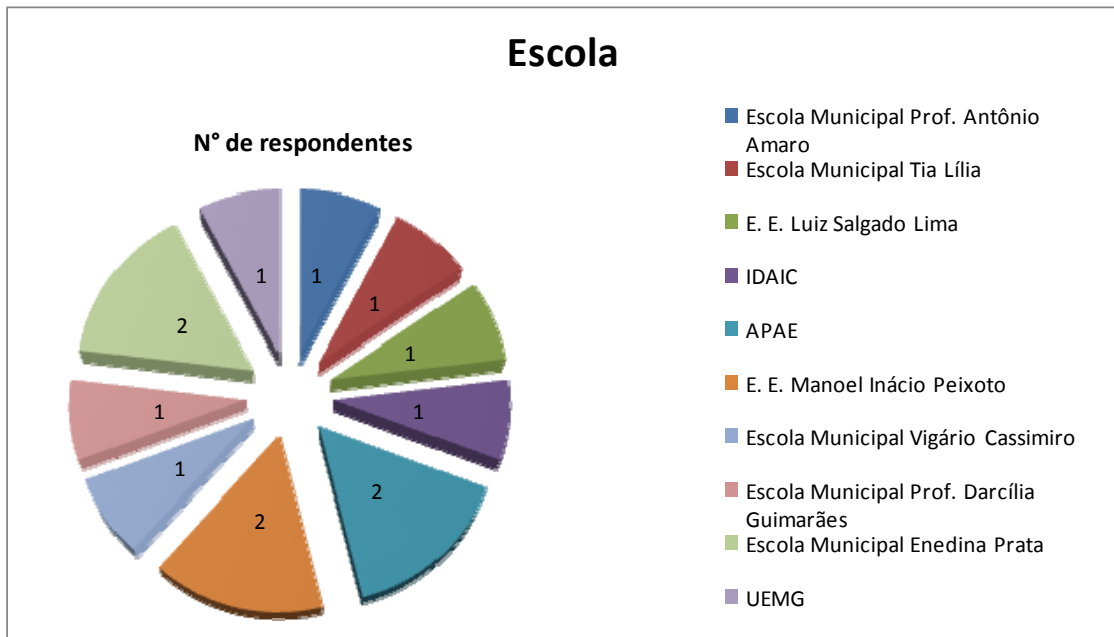


FIGURA 1 – Relação entre professores analisados e instituição de ensino

Conforme dissemos anteriormente, as escolas nas quais esses docentes atuam são da educação básica (educação infantil a ensino médio). Somente uma professora que faz parte desse grupo, trabalha no ensino superior.

No que se refere ao tempo de atuação no magistério por esse grupo de professores, apresentamos o quadro abaixo:

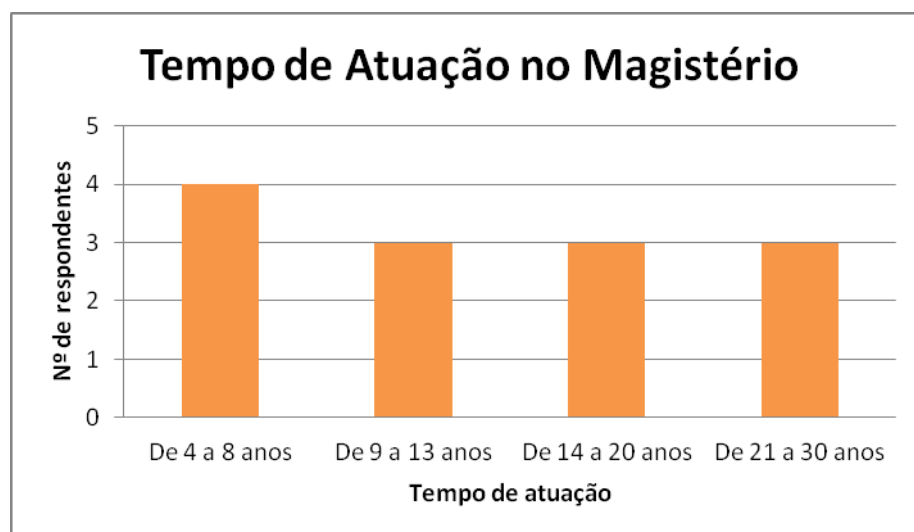


FIGURA 2 – Tempo de atuação no magistério

Conforme apresentamos, todos os professores formados pelo curso já realizava o trabalho de docência. O fato desses professores em exercício buscarem formação a nível superior sugere uma busca por qualificação profissional, necessária para os profissionais que se propõem a trabalhar com a educação. Educar, na contemporaneidade, exige do professor uma constante reflexão sobre como agir nas situações que se manifestam no dia a dia escolar numa sociedade complexa como a nossa.

O fato de os cursos a distância fazerem parte de uma política de expansão do ensino superior no Brasil, tem oportunizado a várias pessoas de diferentes lugares a possibilidade de ampliarem sua formação. O oferecimento de um horário mais flexível do que num curso presencial, a gratuidade e o respaldo de uma universidade pública, parecem ter sido os principais atrativos desse curso para a turma em questão.

No que diz respeito ao perfil dos sujeitos analisados, outro dado a ser considerado se refere à faixa etária dos professores. Percebe-se que a EAD se firma como possibilidade de formação de professores e nesse curso em especial, houve uma busca por alunos de diversas idades. O quadro a seguir se refere à faixa etária dos docentes que fazem parte dessa pesquisa:

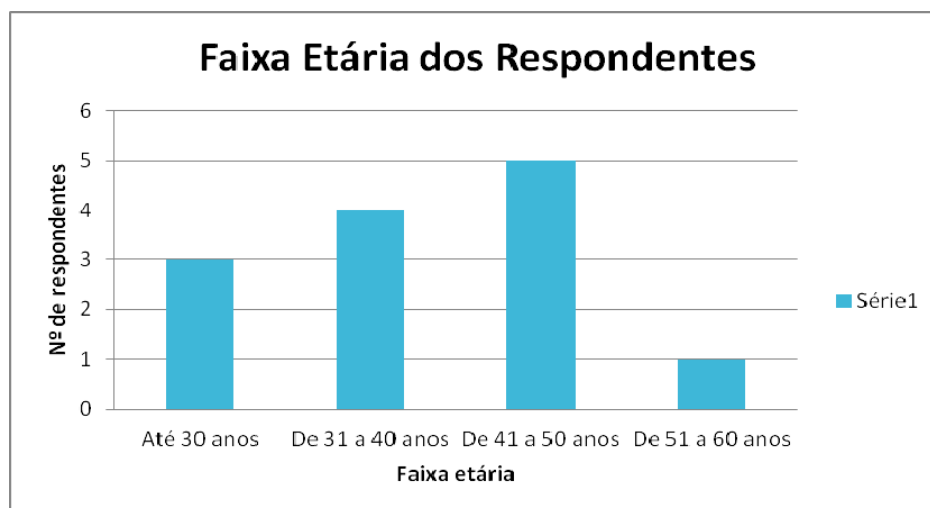


FIGURA 3 – Faixa etária dos respondentes

De acordo com a figura acima, é possível perceber que três professores estão incluídos na faixa etária de até 30 anos, quatro na faixa de 31 a 40 anos, cinco possuem entre 41 a 50 anos e um professor apresenta entre 51 e 60 anos. Esses dados nos fazem perceber que no curso em questão, a idade mais avançada não foi um empecilho para busca por qualificação.

Consideramos que esse dado revela que, mesmo os professores com mais idade, ao perceberem a necessidade de se atualizarem, seja por exigência legal ou pessoal, buscam qualificação profissional, o que é muito importante para o exercício do magistério.

Ao analisar o perfil dos sujeitos que fizeram parte dessa pesquisa, verificou-se que todos declararam reconhecer que, no mundo de hoje, as mídias em geral (e principalmente o computador) são importantes recursos de informação e de interação. Constatou-se ainda, através dos dados do questionário, que o uso da informática no preparo das aulas parece já estar integrado em suas ações rotineiras:



FIGURA 4 – Uso de computadores no preparo de aula

Na busca da investigação sobre o uso das TIC no fazer pedagógico, principalmente o computador, procuramos identificar alguns programas que poderiam fazer parte do uso cotidiano do professor. Identificados os programas, questionou-se inicialmente, a possibilidade destes se apresentarem como recursos de desenvolvimento da aprendizagem. Foi observado, por meio das opções oferecidas no questionário, que alguns programas como Word, Power Point, Internet, Correio Eletrônico, e outros, são utilizados de forma quase unânime, evidenciando a integração dos mesmos nas atividades do dia a dia dos professores. No entanto, ainda que eles tenham identificados os programas e ferramentas acima listados, não fica claro se os mesmos são utilizados como recursos pedagógicos na sala de aula.

Sabe-se que a utilização das tecnologias da informação e comunicação no dia a dia profissional, amplia a inserção cultural do professor, no mundo contemporâneo. Durante o desenvolvimento da humanidade, diferentes tecnologias fizeram parte do seu processo de

“humanização”. A cada necessidade humana, a cada criação, fruto de estudos para melhorar sua própria vida, o homem transformava sua própria maneira de ser e de viver. Na sociedade da informação, considera-se que a evolução tecnológica transforma também as formas de comunicar e de aquisição de conhecimentos. (KENSKI, 2003)

Um dado importante a se considerar e que se revela significativo nesse trabalho, é o fato de que a escola ainda não incentiva o uso de computadores na sala de aula como recurso pedagógico. Considerando as respostas do grupo, verificou-se que cinco dos respondentes afirmaram não haver incentivo por parte da escola ao uso dos computadores como recurso pedagógico; o mesmo número de respondentes afirmou que na escola em que trabalham, embora haja o incentivo, os computadores seriam utilizados por outros professores, no laboratório de informática. Por fim, apenas três dos respondentes asseveraram haver pleno incentivo ao uso de tal tecnologia como recurso pedagógico.

Como se pode perceber, o incentivo ao uso do computador pela escola como recurso pedagógico ainda é incipiente nesse grupo de alunos, o que pode ter influenciado em sua prática. Como alguns declararam haver incentivo desde que esse uso fosse feito na sala de informática, seria preciso uma integração intensa entre professor de informática e o regente da sala de aula, o que na maioria das vezes ainda não acontece.

4.2 – Análises das entrevistas

Conforme apresentado no capítulo anterior, além dos questionários, foram realizadas entrevistas, a fim de melhor conhecer a opinião dos professores acerca das implicações da tecnologia e da formação a distância em sua prática pedagógica. Estas entrevistas foram feitas com professores e coordenadores das escolas nas quais os mesmos trabalham.

Acreditamos que durante todo o processo de formação desses alunos, os mesmos tiveram oportunidade de refletir sobre o uso crítico dos meios tecnológicos atuais e das mídias que estão integradas a esses meios. O fato desses alunos se graduarem através das tecnologias oportunizou uma maior desenvoltura dos mesmos com esses recursos, haja vista que muitos não conseguiam acessar e-mails, fazer pesquisas e transitar pelo mundo virtual, sendo que hoje declaram possuir tais habilidades. Isso pode ser evidenciado na seguinte declaração:

Professor I: *É... Com certeza porque o curso me proporcionou assim... Essa interação com a tecnologia, que na verdade há muito tempo eu não tinha contato com essa tecnologia, a possibilidade de obter essas informações que a gente tem... Então foi muito bom, eu agora sou tutor de um curso a distância, então realmente me abriu um caminho bem diferente do que eu pensava...*

Ao iniciar o processo de sua formação, mesmo considerando que seria um curso a distância e que, portanto, necessitariam de uma integração constante com os meios tecnológicos, muitos dos alunos não possuíam qualquer contato com o mundo virtual. Em resposta à entrevista, nove declararam possuir dificuldades no início de sua formação e dizem ter melhorado sua relação com as tecnologias ao final do curso; quatro disseram não possuir dificuldades de uso no início da graduação, mas declararam ter ampliado essa relação ao final de seu processo de formação.

Esses dados nos revelam que a possibilidade de estar em contato com essa nova via de comunicação virtual (num ambiente diferente e de estranhamento para eles), certamente lhes proporcionou uma mobilização de questionamentos internos e reflexões acerca de sua própria formação e também o desenvolvimento de novas competências para atuação na sociedade informacional. Nesse sentido, o curso funcionou, mesmo sem ser este o objetivo principal, como oportunidade de inclusão digital. Este aspecto mereceria, em outros contextos, mais investigações. O formato de proposta interativa do curso a distância via computador, lhes oportunizou a imersão num mundo, que antes parecia distante para muitos deles.

A declaração da professora H pode ilustrar esse dado. Ao ser perguntada se ela havia ampliado a utilização da tecnologia como recurso pedagógico, após o curso, ela declarou:

Professora H: *Sim, porque permitiu maior possibilidades de pesquisa, a descoberta de novos sites que foi daí que eu descobri o site de jogos de libras online, eu acho que foi muito válido. Na minha sala de libras trabalhei o ano passado com o computador, com relação à imagem... Porque eu necessito da imagem, do visual para estar trabalhando com os surdos e agora com as atividades de libras online, vai ser mais útil ainda...*

A busca pela formação a nível superior, num curso a distância por uma diversidade de alunos, de diferentes faixas etárias, como já foi dito acima, demonstra que a flexibilidade oferecida nessa modalidade de ensino pode fazer com que mais pessoas procurem por essa

opção. Percebe-se que o perfil dos alunos que procuraram esse curso não evidencia facilidade com os meios tecnológicos, visto que grande parte dos entrevistados declarou ter dificuldades no início do processo de formação a distância. A professora B, ao ser perguntada sobre suas dificuldades no início do curso, declarou:

***Professora B:** Ah! No início eu tive muita dificuldade porque como eu havia dito, eu não tinha... Eu não sabia nem mesmo passar e-mail. Então eu comecei mesmo, eu acho assim do zero...*

Dificuldade semelhante foi relatada pela professora M:

***Professora M:** Nossa senhora quase que eu parei (risos), quase que eu desisti, tive muita dificuldade... Muita mesmo porque já tinha assim uns quinze a vinte anos que eu já estava parada então assim... Pra recomeçar foi difícil e eu tinha que recomeçar também assim com uma tecnologia...*

Também foi percebido nas entrevistas que apesar de declararem dificuldades no início da graduação, os entrevistados consideram que tiveram uma boa formação e que isso se reflete em sua prática de diversas maneiras. Os professores declararam que o curso de Pedagogia, enriqueceu sua forma de ver a criança e que as teorias estudadas no curso fortaleceram e embasaram suas atitudes em sala de aula. Sobre sua atuação após o curso podemos destacar a fala da professora B:

Considero que foi ótima a formação. Eu aprendi muito e pude trazer da Pedagogia, para o curso de história que eu havia feito, porque a gente numa formação especializada igual assim direcionada para história, para matemática, para geografia, mas eu vou falar de história que é o curso que eu fiz, a gente tem essa parte pedagógica, mas eu acho que ela não atende do jeito que poderia atender... Ampliar mais até porque não é a modalidade do curso... Então isso veio a acrescentar na minha prática dentro de sala, da maneira de expor a história mesmo para eu poder trabalhar, para eu poder modificar a minha prática, se eu via que o aluno não estava conseguindo aprender de uma forma, eu já introduzia outros métodos, como trabalhos mesmo deles, apresentação, eu percebia que uns tinham facilidade na oralidade, outros na escrita, outros através de um vídeo, então eu pude diversificar mais.

Sobre a sua formação por meio das tecnologias, completou:

Professora B: *Acréscitou e muito porque assim, eu senti que é um recurso a mais, é um recurso favorável, tanto que eu estou fazendo um curso de pós-graduação a distância... E com os meus alunos, eu percebi que eu tenho uma linguagem... Que é a linguagem deles da informática. Por que antes eu não tinha, por exemplo, quando eu iniciei o curso, passar um e-mail, ter a facilidade de entrar num chat, então eu não tinha esse recurso... Muitas das palavras eu ainda tropeço, mas eu sei o q que é, e eu já sei... E eu não vejo aquilo como um bicho de sete cabeças, já não tenho aquele receio igual eu tinha antes...*

A professora M ao ser indagada sobre a importância da utilização das TIC na sala de aula respondeu:

Professora M: *Muito, é muito importante... Depois que eu fiz o curso, né, e que eu fiz a disciplina informática na educação, então eu acho que hoje em dia, isso tem que começar mesmo é lá em baixo no ensino fundamental, que aí a criança já vai evoluindo junto com a tecnologia, eu acho que é uma coisa que não pode faltar nas escolas...*

Considerando que o espaço e o tempo da sala de aula se ressignificaram, com vistas ao desenvolvimento exacerbado das TIC é importante verificar que professores em formação se debruçam sobre as possibilidades que se abrem nesse universo novo de possibilidades. O caminho para as mudanças se revela na reflexão e na ação dos que estão à frente do processo educacional.

Percebe-se que o uso das tecnologias, principalmente os recursos da informática, está presente culturalmente no dia a dia desses professores, que declararam utilizar a internet para preparar aulas, como fonte de pesquisa, para se comunicarem em redes sociais e se divertirem. Vê-se que o ciberespaço está incorporado à vida dessas pessoas, que mesmo sem serem considerados “nativos digitais” transitam no meio tecnológico o que pode ter sido facilitado pela sua formação por meio das tecnologias.

O fato de as TIC estarem presentes na sociedade e da linguagem dessas tecnologias ser essencialmente a linguagem dos jovens e das crianças do mundo atual implica uma integração das mesmas na escola. No entanto, é preciso também que a escola supere a visão meramente instrumental das TIC. Mais do que saber utilizá-las, é preciso que os profissionais da

educação saibam das capacidades que as mesmas possuem de ampliar a crítica e criatividade dos educandos. Segundo Borges:

O PROFESSOR QUE SE PROPONHA A TRABALHAR COM AS MÍDIAS SE INSCREVE NUMA LÓGICA DE PESQUISA. OBSERVANDO OS SEUS ALUNOS, SEUS SABERES, SEUS VALORES, INTERESSES, SUAS FORMAS DE APRENDER E O CONTEXTO SOCIAL NO QUAL A ESCOLA ESTÁ INSERIDA, SATURADO DE IMAGENS, O PROFESSOR REFLEXIVO IRÁ BUSCAR NESTA BAGAGEM A MATÉRIA PRIMA PARA ESTABELECEMOS NOVAS PRÁTICAS DE ENSINO, MAIS EM SINTONIA COM A CONTEMPORANEIDADE. ...EXISTEM MUITAS OBRAS E MUITAS PESQUISAS QUE TRATAM DO TEMA, E AS FORMAS DE TRABALHAR PEDAGOGICAMENTE COM AS MÍDIAS PODEM SER EXTREMAMENTE DIVERSIFICADAS. (BORGES, 2006, P.10)

A utilização das TIC como recurso didático, exige muito mais do que treinamento, exige reflexão sobre suas possibilidades na construção do conhecimento, na inclusão dos escolares na sociedade da informação e no enfrentamento do desafio de que as crianças se tornem usuárias criativas e críticas dessa nova linguagem de comunicação e não meras consumidoras (BELLONI, 2001). Segundo a autora, para responder aos desafios de integração das TIC aos processos de desenvolvimento escolar, devem-se ter claras duas dimensões dessa integração: sua visão como ferramenta pedagógica e como objeto de estudo.

Neste sentido, a professora B¹⁸, que também declarou que teve muita dificuldade com a tecnologia e suas possibilidades no início de sua formação, revela:

***Professora B:** Eu tô fazendo um trabalho sobre homofobia na escola... a violência que aconteceu há pouco tempo, foi um dos meus questionamentos... eu acho assim a maioria das pessoas viram isso através de um meio popular que é a televisão de uma mídia de massa, mas eu acho interessante você levar esses temas para dentro da sala de aula... Mesmo uma fotografia, vídeo... Sempre gostei de trabalhar muito com todos os recursos disponíveis que a gente tem para a gente poder introduzir um assunto, ou até mesmo dar continuidade a um assunto.*

¹⁸ A professora B no período de desenvolvimento do presente projeto de pesquisa, exercia a docência em duas escolas de Cataguases sendo que, numa delas, trabalhava como professora para uso da Biblioteca. Sua prática foi relacionada à escola O, na qual ela trabalhava como professora para uso da Biblioteca, e sua coordenadora foi a coordenadora H.

Como já o dissemos, num curso a distância que se realiza de forma interativa, a possibilidade de oferecer inclusão digital a professores que normalmente teriam dificuldades em transitar com a linguagem computacional, se transforma em realidade. Esse formato de curso possibilita também que as pessoas que participam dele interajam com as novas linguagens de comunicação das novas gerações. O computador amplia os momentos de encontros, agora não mais num espaço circunscrito numa sala de aula em um determinado lugar, mas numa rede de interação que está disponível em diferentes momentos do dia e noite.

Cumprе salientar a importância da integração das Tecnologias da Informação e Comunicação na sala de aula. É importante também que essa integração se faça de maneira consciente e significativa, entretanto alguns fatores podem influenciar a utilização das mesmas no dia a dia escolar e alguns serão tratados a seguir.

4.3 – Fatores prejudiciais a integração das TIC no ambiente escolar

Por meio das entrevistas e do contato com os professores, coordenadores e escolas, percebemos que alguns fatores poderiam influenciar se as mídias em geral são ou não utilizadas no dia a dia dos professores. Destacamos alguns neste tópico, como a impossibilidade de usar a sala de informática, a falta de equipamentos em bom estado de televisão e vídeo, seja pela inexistência da mesma no ambiente escolar, ou pela falta de incentivo da escola (aqui destacada na figura do coordenador), a perspectiva que alguns professores ainda conservam sobre a existência de disciplinas não condizentes com o uso das tecnologias, ou ainda a prática de alguns professores atrelada ao modelo presencial.

Nas escolas pesquisadas no presente trabalho, uma questão que certamente influencia o uso das tecnologias na sala de aula, é o fato da sala de informática não estar em condições de uso. Das 10 escolas analisadas, uma não possui sala de informática, quatro não têm condições de serem usadas e em duas escolas o coordenador acha importante a utilização de tecnologias no processo de ensino e aprendizagem, mas com restrições. Não basta o fornecimento de computadores para as salas de informática. É indispensável que tal medida seja acompanhada pela efetiva manutenção das máquinas e pelo oferecimento de cursos de capacitação operacional de acordo com o fim educacional perseguido. Tal carência, certamente inviabiliza o seu uso pelos professores.

Esse obstáculo de infraestrutura existente nas escolas resulta no aproveitamento apenas parcial das tecnologias como recurso pedagógico. Aquele professor que tem facilidade e já acredita no potencial dessas ferramentas, tende a fazer uso mais intenso desse recurso, ainda que encontre barreiras. Aquele que não tem facilidade, mesmo tendo se graduado por meio das tecnologias e melhorado sua relação com tais meios, ainda encontra barreiras para o seu uso na escola, não tendo como usufruir desses meios como declara desejar.

Nas situações nas quais os professores trabalham em escolas onde têm disponibilidade de utilização da sala de informática ou dos recursos audiovisuais sem restrições, abrem-se possibilidades reais e criativas de utilização de jogos, sites e encontros criados por eles mesmos, estabelecendo um processo extremamente favorável para educadores e educandos.

QUADRO 2 – Utilização da sala de informática

Escolas	Sala de informática	Uso da Tecnologia como recurso pedagógico
O, Q, R, U, Z	Possui, mas sem condições de uso ou não possui	Não utilizam
S, V, X	Possui mas com horário marcado e com o professor de informática	Utilizam de modo incipiente
P, T	Possui sem restrições de uso	Utilizam constantemente

Apesar de o espaço virtual ser um lugar de acesso à informação e de interação, que ressignifica as relações escolares, a sala de informática ainda está muito presente nas escolas como um lugar de “inovação pedagógica”, circunscrito a um espaço, com datas e horários marcados. Esse lugar, entretanto, não está disponível aos alunos e ao professor, pois o mesmo, muitas vezes não se encontra em condições de uso ou é onde é feito um trabalho solitário do professor de informática. Muitos professores, em diferentes níveis de ensino, ainda não reconhecem a importância da linguagem do computador e das mídias em geral no processo de desenvolvimento educacional do aluno e por isso não utilizam.

Durante a pesquisa de campo, percebemos como citado acima que, dentre os fatores que interferem no uso ou não das TIC em sala de aula pelos sujeitos dessa pesquisa, está a

figura do coordenador. Apesar de o professor reconhecer as possibilidades desses recursos hoje, no cotidiano escolar, se não há disposição do supervisor pedagógico para facilitar e incentivar o uso das TIC, o professor utiliza menos o recurso.

O supervisor ou o coordenador pedagógico, muitas vezes, também ainda não tem consciência plena sobre o papel das tecnologias no dia a dia escolar e muitas vezes não vê no trabalho do professor algo significativo nesse sentido e por isso não o incentiva. A coordenadora H relata sobre o trabalho do professor:

Coordenadora H: Mas você quer que eu te diga a verdade? Eu percebo que os professores muitas vezes utilizam o computador para passar o tempo, não como recurso pedagógico, aí eu não acho válido não! Eu até tirei a chave de circulação!

A fala da coordenadora D também sustenta a proposição anterior. Ao ser questionada sobre a internet e o computador como recurso pedagógico, ela responde:

Coordenador D: Olha, para pesquisa, mas assim... As nossas práticas, não são em cima disso, entendeu? Mas a gente não usa assim diariamente.

A proposição de que o posicionamento do coordenador pode influenciar o uso ou não das TIC como recurso pedagógico também se faz presente na fala da coordenadora F que trabalha junto aos alunos da escola rural:

Coordenadora F: Olha só, eu acho importante desde que seja planejado e direcionado pelo professor. Eu sou muito a favor ainda do aluno escrever. Acho que a internet é um meio muito bom de comunicação, mas acho que ele deixa o aluno muito preguiçoso! Hoje você vê que o aluno não quer escrever, tem preguiça de escrever. Não é a solução dos problemas pedagógicos, tem que ser direcionado. Se não tiver uma pessoa muito capacitada pra trabalhar com o aluno eu acho que não tem objetivo. Acho que nós vamos perder a essência da escola que é o escrever, o ler, o ouvir. Acho que nós vamos perder tudo isso...

A fala da coordenadora F demonstra que a mesma não considera que o computador oferece a possibilidade de escrever, ler e ouvir. Talvez esteja faltando reflexão da escola como um todo para incorporar no seu dia a dia esse importante recurso, que é a linguagem das

novas gerações e que pode favorecer à integração de outras gerações também que não são os nascidos na era da informática.

No mundo de hoje, repleto de informações e onde tempo e espaço são ressignificados, o professor parece ainda não entender como pode ser significativa a integração das TIC no ambiente escolar. Segundo Behrens (2000) ao se referir às potencialidades do computador como recurso pedagógico, diversas possibilidades referentes ao uso dessa ferramenta podem ser exploradas pelo professor:

Os professores e os alunos podem utilizar as tecnologias da informação para estimular o acesso à informação e à pesquisa individual e coletiva, favorecendo processos para aumentar a interação entre eles. A rede informatizada cria a possibilidade de exposição e de disponibilização das pesquisas dos alunos, de maneira mais atrativa e produtiva, da demonstração e da vivência de simulação por texto e imagens, facilitando o discernimento e o envolvimento dos alunos com problemas reais da sociedade. (BEHRENS, 2000, p.97)

Ao se refletir sobre a utilização das TIC nas escolas, deve-se aprofundar o olhar, pois, apesar dos professores valorizarem possibilidades didáticas diferenciadas para atender a uma gama de alunos e suas inteligências, os professores de algumas disciplinas parecem ter mais dificuldades em utilizá-las. Disciplinas como Matemática, Física e Química são consideradas por muitos professores como “mais formais”, o que, na visão dos professores, não possibilitaria o uso de recursos pedagógicos diferenciados.

Uma das professoras entrevistadas (professora F) revelou que os únicos recursos que utiliza são: *quadro, giz e exercícios*. A professora F comenta:

Professora F: *Não é que eu não vejo forma, mas eu acho complicado, a gente com sala de quarenta alunos ir pra sala de informática com todos esses alunos. Não tem como dividir a sala ainda...*

Pesquisadora: *Mas vocês têm sala de informática aqui? Tem professor que usa?*

Professora F: *Tem o professor de informática que usa, mas na matemática não... Eu não uso.*

Pesquisadora: *Entendi, ainda não faz parceria com ele?*

Professora F: *Não.*

Pesquisadora: *Nem a televisão, nem nada... É mesmo aquela reflexão do quadro, os livros, exercícios, é isso?*

Professora: *Isso.*

A questão da utilização das tecnologias na sala de aula, principalmente o computador, não se refere somente à emergência de uma “inovação pedagógica” na qual essa ferramenta é utilizada na escola para aperfeiçoar o ensino. A linguagem do computador hardware (parte física) e software (parte simbólica) permitem interação do aluno e do professor o que pode favorecer muito a participação do aluno da construção do conhecimento.

A respeito da questão da utilização especificamente de vídeo e televisão no dia a dia escolar a grande maioria dos professores entrevistados declararam utilizar e achar importante. Somente a professora F, de matemática, declarou não usar os recursos citados acima. No que se refere a sua percepção sobre o computador como um recurso pedagógico importante, a professora F declara:

***Professora F** - Com certeza, eu acho que ali o aluno tem uma visão boa, ele pode ver as coisas mais concretas, o que tá acontecendo, como seria aquilo na aplicação. É mais assim para ver principalmente no computador. Minha dificuldade no computador é que... são muitos numa sala que tem dez computadores, oh... vinte computadores. Igual, se leva quarenta, o que você faz com vinte? Vinte vão estar trabalhando e o que você vai fazer com os outros vinte?*

Muitos professores ainda percebem os recursos tecnológicos de uma maneira “instrucionista”¹⁹ pressupondo que a aprendizagem melhora com o “aperfeiçoamento do ensino”, e da maneira de ensinar, desprezando o modelo “construcionista”²⁰, onde há a busca pelos próprios os alunos da solução de uma situação problema que se apresenta na disciplina a ser trabalhada. Para Gomes (2002), a utilização das TIC em ambientes construcionistas pode ser exemplificada pela modalidade de programação ativa:

A programação possibilita ao aluno trabalhar em ambientes abertos, onde ele pode propor e resolver um projeto de seu interesse (programar um software, por exemplo). A programação que visa resolver um problema ou desenvolver um projeto permite a descrição dos processos (passos) de

¹⁹ “Nessa abordagem não há uma reflexão sobre como o computador pode contribuir para modificar e criar ambientes de aprendizagem e novas formas de apropriar-se do conhecimento”. (GOMES, 2002, p. 127)

²⁰ “Nesse modelo, a construção de novos conhecimentos ocorre num processo cíclico que pressupõe descrição-execução-reflexão-depuração (Valente, 1993, 1999; Almeida, 2000) de idéias, na busca da solução de uma situação problema desafiadora, cujo conteúdo seja significativo para quem aprende” (GOMES, 2002, p. 127)

pensamento empregados pelo aluno, possibilitando a ele compartilhar e depurar suas idéias com outras pessoas. (GOMES, 2002 p. 128, 129)

Ao nos referirmos ao uso do computador e outras mídias pelo professor no trabalho pedagógico, percebe-se a necessidade de muita discussão e reflexão sobre o tema. Os professores parecem ainda não perceber as potencialidades de interação com a escola que os meios tecnológicos oferecem.

Um dado a considerar, observado durante o processo de realização do curso e objeto de reflexão nesse momento, é que algumas alunas/sujeitos que mais freqüentavam o pólo presencial, talvez por não conseguirem se desprender deste modelo de educação, não utilizam hoje, com tanta freqüência (como outras de sua turma) as tecnologias em sua prática escolar. Declaram utilizar culturalmente, participando das redes sociais, pesquisando, preparando aulas, etc., mas ainda não utilizam frequentemente e potencialmente como recurso pedagógico.

Observa-se, entretanto, ao recorrer às lembranças como tutora presencial, que os momentos de freqüência ao pólo eram momentos importantes para tais alunas, no que concerne à discussão e consolidação de opiniões, e para, em seguida, recorrerem ao computador, na plataforma, com a tutora a distância.

A grade curricular do curso a que nos referimos, previa as disciplinas Informática e Educação, e Imagem e Educação nas quais eram discutidas questões acerca das possibilidades de utilização das mídias em geral no processo pedagógico. Apesar da própria formação num curso a distância via computador nos levar à reflexão acerca da interação em rede, talvez pudéssemos levantar a questão de que ainda seriam necessárias mais discussões sobre o tema durante a realização do curso, principalmente no que se refere ao desenvolvimento cognitivo na era das mídias digitais.

Como já foi mencionado, alguns alunos freqüentavam mais o pólo presencial²¹. Esta observação pode sugerir uma maior dificuldade deles em lidar com o computador, ou mesmo características pessoais que os impedia de fazê-lo com mais desenvoltura, ou ainda estarem presos ao modelo tradicional de educação. Algumas frequentaram durante algum tempo, no início, e depois foram se sentindo mais seguros, interagindo mais em rede do que no pólo presencial. Porém é importante considerar que das cinco professoras-alunas, que freqüentavam o pólo presencial constantemente até o final, duas continuaram seus estudos em

²¹ Essa observação é referente às tutorias ministradas por essa pesquisadora.

EAD. Essa constatação nos faz crer que as mesmas tiveram suas expectativas alcançadas pela educação a distância a ponto de quererem fazer um novo curso na mesma modalidade de ensino.

4.4 – A utilização das TIC na escola em *situações de desafio*

Por meio de nossas análises, foi possível notar que os professores que se graduaram em EAD não utilizam os recursos tecnológicos em sua prática escolar de maneira constante. Entretanto, é importante destacar que dentre os sujeitos pesquisados pelo presente trabalho, aqueles que mais evidenciaram o uso de recursos tecnológicos em sua prática estão inseridos em contextos educacionais mais peculiares. Optamos por denominar esses contextos peculiares como *situações de desafio*, ou seja, situações nas quais os professores-educadores trabalham com particularidades, com contextos educacionais que possuem uma dinâmica própria ou ainda que seja caracterizado por alguns fatores singulares. No caso de nossa pesquisa, as *situações de desafio* encontradas foram: a educação voltada para estudantes portadores de necessidades especiais (notadamente o caso APAE); escola agrícola (destinada, principalmente, a alunos carentes) e ensino fundamental realizado sob a modalidade *Tempo Integral*.

Dentre os professores pesquisados por nós, duas trabalham na APAE e utilizam as tecnologias em seu dia a dia na escola, criando atividades e reconhecendo os resultados desse uso. Pode-se considerar que as mesmas fazem parte de uma realidade específica, o que muitas vezes exige do professor inovar, experimentar novas práticas com vistas ao desenvolvimento cognitivo de seus alunos. A seguir destaca-se a fala das duas professoras supracitadas:

Professora G: *Aqui nós temos uma sala de informática, então toda semana, nós levamos os alunos pra lá... Trabalhamos jogos, atividades assim... Em cima da matéria que estamos trabalhando eu elaboro jogos em cima daquilo, por exemplo, jogos com bastante memorização, sequência lógica... Essas coisas principalmente.*

Professora H: *Sim, na minha sala de Libras trabalhei o ano passado com o computador, com relação à imagem... Porque eu necessito da imagem, do visual para estar trabalhando com os surdos e agora com as atividades de libras online, vai ser mais útil ainda...*

Outro entrevistado, o professor I, também leciona para turmas com um perfil diferenciado, pois, como ele mesmo os caracteriza, são alunos de periferia, carentes e com dificuldades de se socializar. O trabalho do referido professor acontece em uma escola de práticas agrícolas, na qual há alunos com problemas de aprendizagem e que, muitas vezes, já passaram por outras escolas.

As respostas do professor I também chamam atenção, uma vez que demonstram uma vontade grande do mesmo em fazer uso dos recursos tecnológicos. A fala do professor nos permite inferir que, realmente, ele ainda não os utiliza como gostaria, pelo fato dos recursos não estarem totalmente disponíveis em sua escola. Seguem suas considerações ao ser indagado sobre como ele utiliza o computador habitualmente:

***Professor I:** Eu uso em meu benefício para adquirir novas informações no preparo das aulas... No caso da escola aqui, a gente tem um laboratório de informática, mas a gente ainda não tem internet ainda... Então eu fiquei dois anos fora de sala de aula na coordenação, e esse ano eu tô voltando para a sala de aula... Então eu tô ainda tentando achar um material adequado para trabalhar com eles, mas a minha intenção é realmente explorar toda a tecnologia que tiver na escola, que for disponível, entendeu?*

Quando perguntado sobre importância dos recursos em uma escola agrícola, ele afirma:

***Professor I:** Com certeza... Porque principalmente na questão dessas aulas práticas, nós não temos assim as unidades de ensino de todos os conteúdos pra gente ilustrar, então com os recursos do computador né... O uso da tecnologia vai facilitar muito o meu trabalho...*

Além da utilização dos computadores como recurso audiovisual, por meio do qual as aulas poderiam ser enriquecidas com demonstrações importantes para maior entendimento da matéria, é necessário a percepção de que essa ferramenta permite o uso, a criação e interação em seu ambiente e com sua linguagem. Além de permitir o desenvolvimento de projetos além da escola com outras cidades e países do mundo. Para aproveitar toda a potencialidade desses meios tecnológicos na escola é preciso transformá-la. No dizer de Kenski:

Educar para a inovação e a mudança significa planejar e implantar propostas dinâmicas de aprendizagem, em que se possam exercer e desenvolver concepções sóciohistóricas da educação – nos aspectos cognitivo, ético, político, científico, cultural, lúdico e estético – em toda a sua plenitude e, assim, garantir a formação de pessoas para o exercício da cidadania e do trabalho com liberdade e criatividade. (KENSKI, 2007. p. 67)

Outra *situação de desafio* que apareceu nas respostas dos professores foi referente aos alunos de tempo integral.²² A resposta da professora A que trabalha com os alunos do *Projeto Tempo Integral* do 6º, 7º e 9º ano, quando indagada sobre o uso das tecnologias e das mídias em geral como recurso pedagógico, ilustra bem essa questão:

Professora A - *Por ser uma turma de tempo integral, então a gente tem que estar diversificando o máximo possível, eu utilizo muito o vídeo, revista, até mesmo o game, porque é a realidade deles, então é uma coisa agradável para eles, tornam-se momentos agradáveis para eles aqui, até na... como é que eu vou falar, na socialização entre eles, de respeitar horário, é a minha vez, quinze minutos então... Eu tô trabalhando isso... Então, saber esperar o momento, esperar o colega, eu vejo que tem sido de grande valia porque ontem mesmo foi o dia de vídeo game, e todos esperaram e assim... Por mais que eles sejam agitados, eles conseguiram esperar o momento deles de jogar...*

No caso dessa professora, em seu trabalho, ela vê vantagens do uso do videogame como uma possibilidade de integração e socialização dos alunos, que precisam aguardar sua vez para jogar. Os alunos que fazem parte do Projeto de Tempo Integral, em geral são carentes que permanecem na escola o dia todo para que as mães possam trabalhar. A consciência da professora em utilizar recursos diversificados inclusive os jogos eletrônicos que são de muito interesse dos alunos, certamente contribuem para um bom relacionamento de todos que pode favorecer a aprendizagem. Esses recursos que ela citou como o vídeo, as

²² A *Escola de Tempo Integral* é um projeto estruturador do Governo de Minas, por meio da Secretaria de Estado de Educação. Lançado como projeto estruturador em 2007, o programa foi criado para atender, prioritariamente, crianças e jovens que vivem em áreas de grande vulnerabilidade social e também para benefício do aluno com baixo desempenho escolar. A principal proposta do projeto é melhorar a aprendizagem dos alunos do Ensino Fundamental que demandam maior atenção do Sistema Educacional, ampliando a sua permanência diária na escola, tendo em vista que o aluno terá no turno extra, atividades para o desenvolvimento de suas habilidades e competências. Disponível em <https://www.educacao.mg.gov.br/projetos/projetos-estruturadores/420-escola-de-tempo-integral> Acesso em 30/04/2011.

revistas e os jogos eletrônicos têm efeitos educativos que podem ser utilizados, direcionados e discutidos pelos educadores e pais.

4.5 – Reflexões dos alunos em EAD sobre sua própria formação

Dentre os pontos abordados por nós durante as entrevistas, procuramos perceber como esses alunos-professores percebiam a sua formação. Pedimos que eles nos relatassem como havia sido o curso sob a ótica deles, se as expectativas deles haviam sido alcançadas e se eles consideravam que a relação deles com os recursos tecnológicos havia sido modificada por esse contato mais incisivo e frequente.

Por meio das respostas, pudemos constatar que todos os entrevistados declararam também certo grau de satisfação com o curso e com sua formação. Selecionamos a fala da professora G para evidenciar essa constatação. Vejamos o que ela responde em relação à influência do curso na sua prática de sala de aula:

***Professora G** - Com certeza... eu achei o curso muito rico... Quando a gente fala curso a distância, a primeira impressão é que é uma coisa fácil, né, você faz a hora que quer... E não é bem assim... Eu já fiz um curso presencial, já fiz uma faculdade presencial... E quando eu peguei a distância, eu imaginei que seria assim, moleza... E na verdade não, você precisa ter uma disciplina... se você deixar passar os trabalhos, se você deixar acumular, aí você se perde, então, tem que ter uma disciplina, tem que ter um horário de estudos pra você conseguir, eu achei que foi bastante puxado...o curso.*

A fala da professora revela um preconceito já ultrapassado por ela, mas que ainda persiste na sociedade. Educação a distância muitas vezes é discutida e entendida pela perspectiva de algo que falta, é vivenciada numa visão centralizada no sistema ensinante e não no aprendiz. Vivem no imaginário de todos, os antigos cursos por correspondência em que os correios e os trens de transporte realizavam a tarefa de levar os mesmos, pré-formatados, para o aluno que se encontrava distante no espaço e no tempo. A interação entre os envolvidos no processo ensino-aprendizagem se daria em forma de avaliação, depois de algum tempo em que o aluno tomaria contato com o conteúdo a ser trabalhado. Este era organizado de forma autoexplicativa para “facilitar” seu entendimento.

Hoje, as propostas que se desenvolvem de uma forma interativa, com momentos presenciais, com vários instrumentos de avaliação e fortalecimento do grupo todo, professores, tutores e alunos, certamente contribuirão para uma formação de qualidade.

A nosso ver, será preciso que o professor dessa era se coloque cada vez mais como pesquisador e parceiro junto a seus alunos, numa busca constante pelo conhecimento. Se colocando mais próximo do discente, interagindo com a cultura que emerge do ciberespaço, o professor encontrará maneiras diferenciadas de atuar nesse cenário, que se reconstrói constantemente. Belloni (2009), citando Blandin, se refere a uma metáfora teatral, na qual o professor deixará de desempenhar o papel principal numa peça que escreveu (e que ele também dirige), para se tornar um coadjuvante dando lugar a muitos atores importantes no cenário da peça.

A professora F declara, ao ser indagada sobre sua prática após o curso:

***Professora F:** Com certeza, a gente... Se você pensar nessa coisa de tecnologia, ainda mais essa coisa de plataforma. Muitos cursos hoje são feitos assim, em plataforma e hoje quando a gente lida com isso facilitou muito, porque a gente já tem aquela visão do curso e consegue. Até na escola hoje, eu sou coordenadora do projeto PEAS²³ pra juventude, e é no mesmo estilo, tudo através da plataforma.*

Temos consciência de que a aprendizagem acontece por diversos canais em diferentes momentos além daqueles circunscritos ao ambiente presencial da escola. Quando assistimos a um filme, ouvimos um programa de rádio ou interagimos na internet participamos de momentos, que mesmo que sem intenção nos influenciam, transformando-nos também.

As TIC utilizadas no meio educacional como no projeto citado no depoimento da professora F, podem promover através de ações intencionais das pessoas envolvidas, crescimento pessoal e social dos jovens. O nível de satisfação com o curso em todas as

²³O PEAS Juventude é um programa de formação de jovens desenvolvida pela Secretaria do Estado de Educação de Minas Gerais. O objetivo central é a promoção do desenvolvimento pessoal e social do adolescente, através de ações de caráter educativo e participativo. Inicialmente voltado para a temática da sexualidade, hoje o seu foco é o protagonismo juvenil e é dividido em três importantes áreas temáticas: sexualidade e afetividade; adolescência e cidadania; mundo do trabalho e perspectiva de vida. O programa está presente em 213 municípios mineiros, com atendimento a 400 mil estudantes do Ensino Médio e 150 mil do Ensino Fundamental. Disponível em <https://www.educacao.mg.gov.br/projetos/projetos-complementares/360-peas-juventude-programa-educacional-de-atencao-ao-jovem> Acesso em 30/04/2011.

declarações dos professores nos faz acreditar que o formato escolhido para esse curso parece ter contribuído para uma análise satisfatória dos mesmos.

A possibilidade dos textos serem escolhidos por um grupo de professores (professores da UFJF e tutores a distância) e repassados ao restante do grupo (alunos e tutores presenciais) com interação em rede, com todo o grupo, com encontros presenciais nos pólos (para quem tivesse interesse) e com encontros na universidade com os professores, tutores e outros pólos, parece ser um formato que foi satisfatório no dizer dos alunos.

Outro ponto a considerar, diz respeito ao fato da maioria dos entrevistados terem continuado os estudos – pós-graduação – na modalidade EAD, o que evidencia que a educação a distância se firma como uma possibilidade de formação em nível superior na graduação e pós-graduação. O aluno adapta seus estudos ao seu horário, à sua maneira de estudar, ao seu modo de se organizar, o que possibilita a várias pessoas cursar o ensino superior.

Gostaríamos também de destacar que a maioria dos professores declarou não ter feito cursos de informática na educação em suas escolas. Essa informação nos faz inferir que ainda não há, junto às mesmas e aos professores, uma reflexão aprofundada a cerca das possibilidades da informática no dia a dia escolar.

4.6 – Considerações finais sobre as análises

Ao iniciarmos essa pesquisa de mestrado, consideramos a possibilidade de que os professores formados por meio das tecnologias da informação e comunicação, utilizariam mais os recursos tecnológicos em sua prática pedagógica. Por meio de nossas análises, percebemos que os alunos que fazem parte da presente pesquisa interagem muito mais e melhor com o ciberespaço, após terem concluído o curso. Essa interação possibilita o acesso a informações e conhecimentos que certamente contribuirão em seu trabalho de educador.

Percebe-se que a vontade de utilização pedagógica dos recursos tecnológicos existe em potencial nos referidos alunos. Alguns os usam frequentemente em sua prática; outros criam novas possibilidades de uso das ferramentas em ambientes específicos de dificuldades cognitivas. Entretanto, muitos não utilizam tais recursos por esbarrarem em questões de espaço físico sem condições de uso e, às vezes, pela falta de vontade dos envolvidos no processo educacional.

O que pudemos observar é que, mesmo considerando os meios digitais como potenciais colaboradores para a aprendizagem, muitos deles ainda não utilizam esses meios como declaram desejar. A não utilização ou a utilização inconstante das TIC no contexto em questão deve-se a fatores diferenciados. A escola, por exemplo, muitas vezes recebe os computadores, mas não os mantém em condições de uso. Outros fatores destacados foram: a falta de incentivo por parte dos coordenadores pedagógicos ou mesmo a crença de que algumas disciplinas não estão abertas ao uso das tecnologias. Vê-se que há a necessidade de promoção de formação no sentido de evidenciar as potencialidades desses meios que ainda não são objetos de reflexão pelos professores e equipe pedagógica.

No que diz respeito ao processo de formação dos professores, isto é, em relação ao curso propriamente dito, foi observado que, na medida em que o ele foi se desenvolvendo, novas relações aconteceram em rede, com maior interação do grupo via computador. Isso possibilitou uma maior desenvoltura dos alunos com os meios tecnológicos, o que certamente contribuiu para o posterior uso desses recursos como possibilidade didática.

Como relatado no capítulo de análises, muitos alunos-professores não possuíam habilidades com o meio virtual, o que se configurou em um primeiro desafio para atender às atividades propostas no curso. Vencidas as primeiras dificuldades, as tecnologias constituíram-se em um suporte e não em um empecilho para a inserção no ciberespaço.

Os alunos, sujeitos dessa pesquisa, que interagiam mais no espaço virtual, hoje manifestam maior utilização das TIC no processo pedagógico, como o caso das professoras C, G e H, que declararam usar cotidianamente esses recursos. Os professores A, B, E e I, interagiam muito na internet, mas não usam as tecnologias na sala de aula como gostariam, pelo fato de suas escolas não possuírem recursos adequados para este fim ou por não haver incentivo do gestor.

As outras cinco alunas/sujeitos da pesquisa, que freqüentavam mais o pólo presencial, as professoras D, J, L, M e N, embora declarassem utilizar as redes sociais e os recursos da internet para preparar aulas e se relacionar, ainda não utilizam o computador como recurso didático, somente o filme. A professora F, de Matemática, interagiu muito na internet, dominava a tecnologia, mas não a utiliza em sua prática por não considerar que essa disciplina possibilite o uso da mesma.

É importante considerar que, numa realidade caracterizada por dificuldades²⁴ de aprendizagem, como no caso da APAE e da Turma de Tempo Integral o uso das tecnologias da informação e comunicação parece fazer parte cotidianamente do trabalho do professor. Por meio das entrevistas e de nossa observação, foi possível notar que os professores dessas *situações de desafio* procuram inovar e propiciar momentos lúdicos em suas aulas, construindo jogos, criando ambientes de interação e fazendo uso dos recursos de áudio e vídeo que esse meio proporciona para o desenvolvimento cognitivo de seus alunos. Os professores que trabalham nesse contexto e que foram alunos da EAD conseguiram ir além do simples manuseio da máquina, buscando na web e inventando outros materiais para utilizar em suas aulas.

Os 13 professores que fizeram parte dessa pesquisa de mestrado consideraram terem tido uma boa formação. Um curso de formação para profissionais, presencial ou a distância, deve primar pela qualidade em suas ações e desenvolver nos alunos a capacidade dos mesmos buscarem de seu próprio conhecimento num processo que deverá se firmar como educação ao longo da vida. A graduação em Pedagogia oferecida pela UFJF em Cataguases, embasada numa proposta de EAD interativa, com discussões acerca da própria formação e com transformações das práticas de todos a partir das reflexões feitas no decorrer do curso, era certamente uma busca pela formação de qualidade esperada num curso de formação de professores.

Por fim, consideramos que o curso de Pedagogia EAD tenha contribuído para a inclusão digital de futuros professores que estarão na prática ainda por algum tempo lidando com o desenvolvimento tecnológico característico dos tempos de modernidade tardia. Espera-se que o professor adquira não só habilidades para o uso das tecnologias, mas que saiba utilizá-las de maneira consciente, num ambiente interativo e com propostas capazes de instigar aos alunos a buscar também auxílio nas tecnologias para resolução dos problemas apresentados a eles.

Acreditamos que nos tornamos professores pela nossa formação acadêmica, pelas experiências vivenciadas no processo de formação, pelas imagens que trazemos de nossos próprios professores e por refletir sobre a prática de outros professores e de nós mesmos. No curso a distância via computador, os futuros professores interagem com essa nova linguagem

²⁴ Essas situações foram tratadas por nós no capítulo de análise como *situações de desafio*.

comunicacional, fruto de nossa cultura e parte integrante das relações entre as pessoas no mundo de hoje. Os mesmos se comunicam com professores, tutores e colegas de graduação, numa relação mais democrática com o conhecimento, onde se percebe que um grupo de pessoas é responsável pelo desenvolvimento do conjunto e não mais uma figura central. Segundo Belloni (2009, p.81), “em EAD, como na aprendizagem aberta e autônoma da educação do futuro, o professor deverá tornar-se parceiro dos estudantes no processo de construção do conhecimento, isto é, em atividades de pesquisa e na busca da inovação pedagógica”.

Ao discutirmos a formação a distância do professor, por meio das tecnologias da informação e comunicação (numa proposta aberta, flexível, interativa), percebe-se, principalmente, que o conceito de sala de aula e de professor se ressignificam. A sala de aula se expande a espaços e horários antes não pensados para esse fim. Ela não é mais um lugar circunscrito no espaço de uma escola e, o professor, não é mais sozinho, mas um grupo de professores (professores e tutores) e alunos que interage no espaço virtual.

O potencial das TIC, integradas ao processo educacional, ainda não é amplamente explorado pela educação. É preciso que sejam oferecidos cursos e experiências significativas sejam compartilhadas através de pesquisas na área, para que o professor possa cada vez mais sentir segurança para explorar um campo que se abre e que pode estar amplamente a serviço da educação e do desenvolvimento humano.

CONCLUSÃO

CONCLUSÃO

O professor, para atuar na sociedade da informação, precisa refletir sobre a ressignificação do tempo e do espaço escolar. O espaço, que antes era circunscrito a um determinado lugar e a um tempo cíclico, agora obedece a outra lógica. Os mecanismos de desencaixe (GIDDENS, 1991), frutos da modernidade, tiraram o homem de seu lugar fixo e encaixado nas comunidades locais, transportando-o para o global.

Por esse prisma, a EAD aparece nesse cenário, como possibilidade de educação aberta e autônoma, na qual o professor se torna parceiro do aluno em atividades de pesquisa e práticas inovadoras de comunicação e interação. Para essa reflexão, o docente deverá desenvolver a capacidade de se surpreender diante das situações novas que surgirão no cotidiano escolar, saber acionar conhecimentos para resolvê-las e não se intimidar diante do novo.

O seu aluno, nascido na era digital, chega agora na escola com muitas informações advindas de diversos canais que precisam ser trabalhadas pelo professor. O aluno dessa era poderá desenvolver na escola a capacidade de produzir conhecimento, juntamente com o professor que se coloca como partícipe desse processo. A escola e os professores devem perceber as potencialidades de uso dos recursos tecnológicos considerando o aluno como participante do processo de construção do seu conhecimento.

No que se refere ao trabalho do professor, percebe-se a necessidade de constante diálogo com a cultura tecnológica, fruto da atual sociedade, pois, certamente, esse diálogo é capaz de promover uma aproximação entre ambos e um maior desenvolvimento cognitivo do aluno. Esse diálogo também deve estar permeado pela reflexão das potencialidades e implicações das mídias em geral.

Segundo Almeida (2000), o papel do professor no ambiente informatizado é, ainda, construcionista. Ao citar Nóvoa e Schön, a referida autora complementa: a formação continuada não pode ser dissociada da ação, nem a formação inicial pode ser definida a priori da ação. É preciso que o professor compreenda sua própria prática e transforme-a em prol de seu desenvolvimento pessoal e profissional. Essa transformação só é possível quando rompida a hierarquia dos processos tradicionais de formação, principalmente por meio da adoção de uma prática construcionista nestes processos.

Nesse panorama, a presente dissertação de mestrado procurou analisar a prática dos professores graduados na modalidade EAD. Por meio de um estudo de caso, investigou-se como os professores formados pelo curso de graduação a distância em Pedagogia oferecido pela UFJF no pólo de Cataguases fizeram uso das TIC em suas salas de aula.

Nossos principais objetivos eram: (i) compreender por meio de pesquisa bibliográfica a emergência de um espaço virtual que ampliou o conceito de sala de aula na sociedade da informação; (ii) investigar se o professor formado por meio das tecnologias utilizaria mais essas TIC como mediação pedagógica, em comparação com sua prática anterior à sua formação; (iii) conhecer as diferentes formas de uso das tecnologias na prática docente do professor formado por meio de tecnologias, e o significado por ele atribuído a esta prática; (iv) identificar fatores preponderantes que incentivaram ou limitaram a prática com tecnologias no ambiente escolar no qual trabalham estes professores.

Nossa investigação partiu com a hipótese de que os professores que passaram por uma formação mediada pelas TIC tenderiam a utilizá-la de maneira mais constante como recurso pedagógico. Ainda que diversos fatores pudessem balizar o uso dos recursos tecnológicos no dia a dia da escola, acreditávamos que a experiência dos professores com esses recursos refletiria numa relação mais próxima com a tecnologia e em um uso mais freqüente da mesma.

A partir de nossas análises e reflexões, podemos dizer que todos os professores entrevistados nesta pesquisa fazem uso das tecnologias no seu dia a dia. Entretanto, não é possível afirmar que todos fazem uso das TIC como recursos pedagógicos, pois a simples utilização de um ou outro equipamento não pressupõe um trabalho educativo ou pedagógico, propriamente. Percebeu-se que tais professores fazem uso dos meios tecnológicos em sua vida cotidiana e profissional, todavia, esse uso se configura mais na questão de preparação de aulas e na interação nas redes sociais e buscas de pesquisa.

O fato dos recursos tecnológicos estarem permeando as relações humanas atuais de forma exacerbada, não significa que eles estejam disponíveis a todos da mesma maneira. A EAD aparece nesse cenário como possibilidade de formação a nível superior, e também como uma possibilidade de “inclusão digital” de inúmeras pessoas, que antes do curso não tinham desenvoltura com as TIC.

No que diz respeito à aceitação da proposta e valorização desta enquanto possibilidade de formação, os 13 professores, sujeitos de investigação no presente trabalho, declararam-se

satisfeitos com o curso no qual se graduaram. Sete deles continuaram seus estudos por meio da EAD em cursos de pós-graduação e todos disseram terem melhorado suas relações com as tecnologias durante e após o curso. Assim, concluímos que esses sujeitos acreditam que os recursos tecnológicos podem contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem, na medida em que os próprios se beneficiaram de tais recursos.

No percurso da pesquisa, verificamos que alguns fatores influenciam a não utilização dos meios tecnológicos, principalmente do computador, a favor da aprendizagem. A sala de informática é citada como um espaço à parte da sala de aula, aonde o professor tem que se dirigir, se quiser ter acesso ao ciberespaço, ou para o desenvolvimento de alguns trabalhos escolares. Isso dificulta o acesso dos alunos e dos próprios professores, visto que é preciso agendar o horário, contar com o professor de informática e com o apoio da coordenação, o que não acontece com relação ao vídeo e a televisão, por exemplo, já que os 13 professores declararam utilizar desses meios como recurso didático independente da série em que trabalham ou da realidade em que atuam, o que nos faz crer que esses dois equipamentos estejam mais acessíveis ao manuseio pelo professor.

Acreditamos que a emergência do mundo virtual tem contribuído para a ressignificação do tempo e do espaço escolar. Entretanto, corroboramos também que o professor e a equipe pedagógica ainda necessitam perceber as possibilidades didáticas que se abrem nesse universo. Para isso, a escola deverá promover espaços de debate sobre o tema. Verificamos que não basta ter acesso ao equipamento tecnológico para utilizá-lo em benefício da aprendizagem e do desenvolvimento humano. Mais do que isso, é preciso vontade e reflexão sobre o papel das TIC na construção do conhecimento.

O presente trabalho nos permitiu ainda constatar que as escolas não promovem cursos de informática na educação, o que poderia significar um momento de reflexão para o professor sobre as possibilidades de uso das tecnologias como recurso pedagógico.

Outra questão observada é que a percepção do coordenador ou supervisor pedagógico quanto à importância dos recursos tecnológicos na prática do professor pode estar diretamente ligada ao não uso de tais recursos por parte daquele. O coordenador que acredita que o espaço virtual somente trouxe malefícios aos alunos, os quais se tornaram mais preguiçosos ou menos interessados pela matéria escolar, reflete em sua maneira de agir diante do ciberespaço na escola e do uso dessas linguagens na prática pedagógica.

No mundo de hoje, percebe-se um extremo desenvolvimento tecnológico que transforma não só os equipamentos e a comunicação, mas também traz mudanças sociais, de cultura, nas organizações de trabalho e nas relações educacionais. E no que se refere às potencialidades dos meios tecnológicos nos processos escolares, muito ainda se tem a discutir.

O profissional da educação de hoje, inserido nesse contexto, se vê diante de muitos desafios, entre eles, o de se valer da cultura que emerge dessa relação virtual na qual a informação transita, podendo estar a serviço da aprendizagem e do conhecimento. Os cursos de EAD devem considerar que precisam ir além de proporcionar a imersão de professores no meio digital. Precisam, por meio de reflexão na ação, direcioná-los para uma pesquisa contínua das possibilidades que esse meio oferece.

Há a necessidade, porém, de conscientização de todos de que as soluções não são simples e fáceis. É preciso que haja uma política de formação e valorização dos profissionais da educação que articule a formação inicial com a formação continuada, além de um plano de carreira com melhores salários. Sobretudo, é necessário entender as “amarras sociais” que sobrevivem de uma sociedade capitalista e excludente, e que tem causado condições deficitárias de formação e de trabalho para os professores, em decorrência, principalmente, da queda do investimento público.

A utilização ou não dos recursos tecnológicos pelo professor parece ser um item secundário na reflexão do mesmo, diante de tantas necessidades da escola brasileira. O desafio de alfabetizar e letrar os estudantes brasileiros, a nosso ver, deverá estar intimamente ligado à possibilidade de incluí-lo nas oportunidades que se abrem no meio virtual.

Os problemas da educação no Brasil não se resolverão somente com a chegada da universidade a pontos longínquos do país. Há que se refletir como transformar o professor, tanto aquele formado no modelo presencial como o formado a distância, num profissional que pesquisa, busca uma formação continuada e que reflita sobre sua própria prática.

Um possível caminho a se seguir passa pelo surgimento de novas possibilidades didáticas, novas formas de organização de ensino-aprendizagem, mesclando professores, alunos, autores e leitores, numa ação dinâmica e mista, onde a velocidade das redes possibilitam novas formas de intercâmbio e interação (KENSKY, 2007). Para onde a educação inserida nos meios tecnológicos caminhará não se sabe, mas o fato é que a EAD já é uma realidade, e uma possibilidade que requer reflexão e pesquisa, além de um debruçar constante em sua consolidação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCÃO, Isabel. **Professores Reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2007.

ALMEIDA, Elizabete. **Informática e formação de professores**. Brasília: Ministério da Educação/SEED, 2000. v. 2.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1981.

BABIN, Pierre; KOULOUMDJIAN, Marie France. **Os novos modos de compreender**. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

BEHRENS, Marilda Aparecida. Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. In: MORAN, José Manuel.; MASETTO Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 2000. p.67-132.

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a distância**. 5. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2009.

_____. (org) **A formação na sociedade do espetáculo**. São Paulo: Loyola, 2002a.

_____. Educação a distância mais aprendizagem aberta. In: BELLONI, Maria Luiza. (org) **A formação na sociedade do espetáculo**. São Paulo: Loyola, 2002b. p.151-168

_____. Ensaio sobre educação a distância. **Revista Educação e Sociedade**, ano XXIII, n.78, abril. 2002c.

_____. **O que é mídia educação**. Campinas-SP: Autores Associados, 2001.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BONILLA, Maria Helena Silveira. **Escola Aprendente desafios e possibilidades postos no contexto da sociedade do conhecimento**. Tese apresentada ao programa de pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia. Disponível em http://www.bibliotecadigital.ufba.br/tde_arquivos/12/TDE-2005-05-04T080835Z45/Publico/Tese_%20Bonilla%20M%20H%20Parte%201.pdf Acesso em 20/07/2010

BORGES, Eliane Medeiros. **As TIC: mídia visual e escola** (Texto para Educação a distância – Progestão). 2006. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional – formação a distância) Material disponibilizado pela professora.

BRANDÃO, Zaia. **Pesquisa em educação: conversas com pós-graduandos**. Rio de Janeiro: Ed. PUC; São Paulo: Loyola, 2002.

_____ (org) **A crise dos paradigmas e a educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

BRUNO, Adriana Rocha; LEMGRUBER, Márcio Silveira. Docência na educação online: professorar e (ou) tutorar? In: BRUNO Adriana Rocha.; BORGES, Eliane Medeiros.; SILVA, Léa Stahlschmidt Pinto. (orgs). **Tem professor na rede**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2010. p.67-84.

BUZATO, Marcelo El Khouri. Inclusão digital como invenção do cotidiano: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Educação**. v.13, n.38, mai/ago. 2008.

CASTELLS Manuel. **A sociedade em rede**. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COSTA, Maria Cristina Castilho. **Sociologia: Introdução à ciência da sociedade**. São Paulo: Moderna, 1987.

DUARTE, Márcia Yukiko Matsuuchi. Estudo de caso. In: DUARTE, Jorge.; BARROS, Antônio. (orgs) **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2009. p. 215-235

DUARTE, Jorge. Entrevista em Profundidade. In: DUARTE, Jorge.; BARROS, Antônio. (orgs) **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009. p. 62-83.

FERREIRA, Roberto Martins. **Sociologia da Educação**. São Paulo: Moderna, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 39ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Helena Costa Lopes de. Formação de professores no Brasil: 10 anos de embate entre projetos de formação. **Revista Educação e sociedade**, Campinas, vol.23, n.80, set. 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n80/12928.pdf> Acesso em 30/04/2010.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção Freitas. **Psicologia e Educação: um intertexto**. São Paulo: Ática, 2007

FREITAS Maria Teresa de Assunção. Janela sobre a utopia: computador e internet a partir do olhar da abordagem histórico- cultural. In: 32ª Reunião anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2009, Caxambu. **Sociedade, cultura e educação: novas regulações?**. Caxambu: Anped, 2009. p.1-14. Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT16-5857--Int.pdf> Acesso em 30/04/2010.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

GATTI, Bernadete. Algumas considerações sobre procedimentos metodológicos nas pesquisas educacionais. In **EccoS Rev. Cient., UNINOVE**, EccoS revista científica, Vol. 1, Núm. 1, 1999, p. 63-79: Disponível em <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/715/71511277007.pdf> Acesso em 21/03/2010.

_____ **Uma teoria social do desenvolvimento e da aprendizagem**. Revista Presença Pedagógica, v. 13, n. 73, jan./fev. 2007. p. 16-21.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIOLO Jaime. A educação a distância e a formação de professores. **Revista Educação e Sociedade Campinas**, vol 29, nº 105. p.1211 a 1234, set/dez 2008 disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v29n105/v29n105a13.pdf> Acesso em 14/02/2011.

GOMES, Nilza Godoy. Computador na escola: novas tecnologias e inovações educacionais. In: In: BELLONI, Maria Luiza. (org) **A formação na sociedade do espetáculo**. São Paulo: Loyola, 2002. p.119-134.

GONNET, Jacques. **Educação e mídias**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias**. O novo ritmo da informação. Campinas SP: Papirus, 2007.

_____ **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas-SP: Papirus, 2003.

LEAL, Elizabeth Juchem Machado. Um desafio para o pesquisador: a formulação do problema de pesquisa. **Revista contrapontos / Universidade Vale do Itajaí**, mai/ago 2002. Disponível em <http://www6.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/145/124> Acesso em 10/11/2009.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente**. 12ª Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LIMA, Maria de Fátima Monte. **No fio de esperança: políticas públicas de comunicação e tecnologias da informação e da comunicação**. Maceió: EDUFAL, 2007.

MARCONDES, Danilo. A Crise de paradigmas e o surgimento da modernidade. In: BRANDÃO, Zaia. **A Crise dos paradigmas e a educação**. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2002. p.14-47.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2007.

MELLO, Guiomar Namó de. **Cidadania e Competitividade: desafios educacionais do terceiro milênio**. São Paulo: Cortez, 1994.

MOORE, Michael; KEARSLEY, Greg. **Educação a distância. Uma visão integrada**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MORAN, José Manuel. MASETTO Marcos T., BEHRNS Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 2000. p.11-68

MORIN, Edgar. **A Cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

MOTA, Ronaldo.; FILHO, Hélio Chaves. Universidade aberta e perspectivas para a educação a distância no Brasil. In: SILVA, Marcos (org). **Educação Online**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 459-471.

NETO Francisco José da Silveira Lobo. Regulamentação da educação a distância: caminhos e descaminhos. In SILVA Marco. **Educação on line**. São Paulo: Loyola, 2006.

OLIVEIRA Maria Rita Neto Sales. Do mito da tecnologia ao paradigma tecnológico; a mediação tecnológica nas práticas didático-pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação**. Set.Out.Nov.Dez. n°18. 2001. Disponível em http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/rbde18/rbde18_01_indice.pdf Acesso em 25/05/2010.

PEREIRA, Júlio Emílio Diniz. **Formação de Professores: Pesquisas, representações e poder**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PIMENTA, Selma Garrido. (org) **Saberes pedagógicos e atividades docentes**. São Paulo: Cortez, 2008.

PINO, Angel. **As marcas do humano: as origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev. S. Vygotsky**. São Paulo: Cortez, 2005.

_____ **A psicologia concreta de Vygotsky: implicações para a educação**. In: PLACCO, V.(org.) **Psicologia e Educação: revendo contribuições**. São Paulo: EDUC/PAPESP, 2000. p. 33-62.

PINTO, Anamelea de Campos. A experiência reflexiva na formação de professores. In: BELLONI, Maria Luiza. (org) **A formação na sociedade do espetáculo**. São Paulo: Loyola, 2002. p.169-188

PORTO, Tania Maria Esperon. As tecnologias de informação e comunicação na escola, relações possíveis... relações construídas. **Revista Brasileira de Educação** v. 11, n.31,

jan/abr. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n31/a05v11n31.pdf> Acesso em 01/02/2011.

SALDANHA, Roberto da Cruz. **Sociedade da Informação e mercado de trabalho no Brasil: Uma abordagem empírica sob ótica das atividades econômicas**. 2006. 184f. Dissertação de mestrado em estudos populacionais e pesquisas sociais da Escola Nacional de ciências Estatísticas do IBGE. Disponível em http://www.ence.ibge.gov.br/pos_graduacao/mestrado/dissertacoes/pdf/2006/roberto_saldanha_TC.pdf Acesso em 20/04/2010.

SCHEIBE, Leda.; AGUIAR, Márcia Ângela. Formação de profissionais da educação no Brasil: o curso de Pedagogia em questão. **Revista Educação e Sociedade**, Ano 20, n. 68, dez 1999. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v20n68/a12v2068.pdf> Acesso em 09/02/2010.

SCHÖN, Donald A. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SCHWARTZMAN, Simon. Educação Básica no Brasil: agenda da modernidade. **Estudos Avançados** v.5, n.13. São Paulo, set/dez 1991. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n13/v5n13a03.pdf> Acesso em 15/03/2010.

VALENTE, José Armando Valente; ALMEIDA, Fernando José. Visão analítica da informática no Brasil: a questão da formação do professor. **Revista Brasileira de Informática na Educação**. n. 01, 1997. Disponível em <http://www.professores.uff.br/hjbortol/car/library/valente.html> Acesso em: 22/03/10

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____ **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

APÊNDICES

QUESTIONÁRIO

Perfil dos professores e acesso a computadores em sua prática

Escola: _____

1. Sexo:

masculino

feminino

2. Sua idade é?

Até 30 anos De 31 a 40 anos de 41 a 50

De 51 a 60 anos Mais de 60 anos

3. Há quanto tempo concluiu o Ensino Médio?

Há mais de 05 anos Há mais de 10 anos Há mais de 15 anos

4. Há quanto tempo você é professor?

Até 3 anos De 4 a 8 anos De 9 a 13 anos

De 14 a 20 anos De 21 a 30 anos

5. Já fez curso de informática?

Sim

Não

6. Há quanto tempo?

Antes de fazer vestibular Quando estava cursando Pedagogia

Depois de me formar

7. Utiliza computador na sala de aula?

Sim

Não

8. Se utiliza, em que local?

na sala em que leciono na sala de informática outros locais

9. A escola em que você trabalha possui disponibilidade de computadores para uso com os alunos?

Sim

Não

10. Na escola em que você trabalha possui internet para uso com os alunos?

Sim Não

11. A escola em que você trabalha incentiva o uso de computadores na sala de aula, como recurso pedagógico?

Sim Não Sim mas na sala de informática

12. Existe computador na casa em que você mora?

Sim Não

13. Se afirmativo, responda:

- O computador foi adquirido antes do curso a distância
- O computador foi adquirido depois do curso a distância
- O computador foi adquirido durante o curso a distância

14. Quanto à prática de uso de computadores você se considera:

Inexperiente iniciante intermediário experiente

15. Se utiliza computadores, informe quantas horas por dia, em média:

não utiliza diariamente até 1 hora de 1 a 2 horas de 2 a 3 horas
 de 3 a 4 horas mais de 4 horas

16. Você utiliza computador para preparação de suas aulas?

Sim Não

17. Quais os recursos e programas de computador dentre esses, você mais utiliza?

- Editor de textos (Word) Slides/apresentações (Power Point)
- Planilha de cálculos (Excel) Desenho/gráficos vetoriais (Corel Draw)
- Sistema operacional (Windows/Linux) Desenho (Paint)
- Correio eletrônico Jogos
- Navegadores de Internet (Internet Explorer/Mozilla Fire Fox)
- Outros

18. Qual seu principal local de acesso à internet?

Em casa Na escola/outro trabalho Em lan house
 Outro lugar Não acessa

19. Com que finalidade você mais usa a internet? Indique até 3.

Bate-papo Estudo/pesquisa (textos/artigos) correio eletrônico (e-mail)
 Ler revistas on line Ouvir rádio outros

20. Se acessa a Internet, informe quantas horas por dia, em média, utiliza esse serviço:

não utiliza diariamente até 1 hora de 1 a 2 horas de 2 a 3 horas
 de 3 a 4 horas mais de 4 horas

21. Você tem e-mail pessoal? (de uso exclusivo seu)

Sim Não

22. Você já fez curso específico sobre informática na Educação?

Sim Não

23. Após o curso, você passou a usar o computador de maneira mais intensa na sala de aula?

Sim Não

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES

1. Com qual série você está trabalhando?
2. Fale um pouco de seus alunos.
3. Na escola em que você trabalha tem computadores à sua disposição?
4. E na sala de informática?
5. O curso de Pedagogia que você fez acrescentou muito à sua prática? Fale um pouco sobre isso.
6. Você considera que teve uma boa formação?
7. O fato de ter sido Educação a Distância fez alguma diferença?
8. No início do curso você teve dificuldades em lidar com as tecnologias?
9. Teve dificuldade por ser EAD?
10. Depois do curso você considera que lida melhor com a tecnologia?
11. Você utiliza de outras mídias na sala de aula, como o vídeo, a televisão, a fotografia?
12. Você acha que são recursos válidos no trabalho do professor?

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM SUPERVISORAS

- 1- Você concluiu sua graduação há muito tempo?
- 2- O cargo que você ocupa, está nele há muito tempo?
- 3- Já fez algum curso de informática? Foi um curso básico ou já fez algo mais específico?
- 4- Já fez curso sobre informática na educação?
- 5- Você utiliza muito o computador? Fale um pouco sobre como você usa.
- 6- E outras tecnologias da informação e comunicação (cinema, fotografia, vídeo, e mail, blogs, etc) como recurso pedagógico, você utiliza?
- 7- Como você percebe que as crianças e os jovens utilizam o computador?
- 8- Relate como os professores da sua escola usam o computador. E outras mídias?
- 9- Você percebe que eles o utilizam como recurso pedagógico?
- 10- Você acha importante que eles usem? Por quê?
- 11- A escola procura incentivar os professores quanto ao uso do computador em suas aulas?
- 12- Já promoveu algum curso nesse sentido?
- 13- Você vê o computador e a internet como recurso pedagógico? De que maneira?
- 14- Você percebe que a professora X procura utilizar recursos como computador, vídeo, filmes, fotografias, imagens, com as crianças?

ENTREVISTA PROFESSORES

Entrevista 1

Fevereiro: Entrevista com a Professora B

Você está trabalhando com qual série?

Olha, eu já trabalhei com 8º, 9º ano e Ensino Médio, os três anos do ensino Médio.

Fale um pouco dos seus alunos:

Olha, os meus alunos são de uma escola particular, e que eu observo que tem mais recurso para usar a informática, só que a escola não oferecia esse meio para a gente poder estar trabalhando juntamente. Então eu pegava o s e-mails dos alunos e passava atividades, atividades mesmo de pesquisa para eles poderem fazer em casa.

A escola que você trabalhava então você tem computador lá à disposição, ou lá você utilizava dessa forma, eles fazendo em casa ou na escola você tinha esse recurso?

Não, a escola não me dava esse recurso. Eles faziam em casa e a gente discutia dentro de sala. E no ano passado, no meio do ano, eu comecei a trabalhar numa escola estadual, na biblioteca, e o que eu senti grande dificuldade de trabalhar com os recursos da informática, porque a chave ficava com um professor, e esse professor nem sempre estava disponível para estar atendendo aos alunos. Então eu ficava mesmo mais é lidando com os livros, mas eu senti uma grande dificuldade porque muitas das pesquisas, elas eram mais atuais então não tinha como eu recorrer a livros.

Eu queria saber, professora B, o curso de Pedagogia que você fez pela UFJF a distância, acrescentou bastante na sua prática da sala de aula?

Acrescentou e muito porque assim, eu senti que é um recurso a mais, é um recurso favorável, tanto que eu estou fazendo um curso de pós-graduação a distância... E com os meus alunos, eu percebi que eu tenho uma linguagem... Que é a linguagem deles da informática. Por que antes eu não tinha, por exemplo, quando eu iniciei o curso, passar um e-mail, ter a facilidade de entrar num chat, então eu não tinha esse recurso... Muitas das palavras eu ainda tropeço, mas eu sei o q que é, e eu já sei... E eu não vejo aquilo como um bicho de sete cabeças, já não tenho aquele receio igual eu tinha antes.

O fato de ter sido um curso a distância, você considera que mesmo assim foi uma boa formação?

Considero que foi ótima a formação, eu aprendi muito e pude trazer da Pedagogia, para o curso de história que eu havia feito, porque a gente numa formação especializada igual assim direcionada para história, para matemática, para geografia, mas eu vou falar de história que é o curso que eu fiz, a gente tem essa parte pedagógica, mas eu acho que ela não atende do jeito que poderia atender... Ampliar mais, até porque não é a modalidade do curso... Então isso veio a acrescentar na minha prática dentro de sala, da maneira de expor a história mesmo para eu poder trabalhar, para eu poder modificar a minha prática, se eu via que o aluno não estava conseguindo aprender de uma forma, eu já introduzia outros métodos, como trabalhos mesmo deles, apresentação, eu percebia que uns tinham facilidade na oralidade, outros na escrita, outros através de um vídeo, então eu pude diversificar mais.

E no início você teve um pouco de dificuldade na educação a distância, e como foi depois se habituando?

Ah no início eu tive muita dificuldade porque como eu havia dito, eu não tinha... Eu não sabia nem mesmo passar e mail. Então eu comecei mesmo, eu acho assim do zero, essa interatividade eu não tinha... Não sabia entrar... Até mesmo pesquisar, eu não sabia pesquisar correto, então eu não sentia assim muito prazer de ficar na frente do computador utilizando os meios, com o passar do tempo, hoje, por exemplo, eu não consigo ficar sem o computador, principalmente sem a internet... Porque eu já aprendi mais, então eu acredito que eu aprendi sim muito... Mas eu tive muita dificuldade no início tanto que a gente ia para o pólo e ficávamos lá... Então o que ajudava? O tutor presencial e os colegas também, um ia repassando um pouquinho para o outro. Achei muito legal isso...

Professora B, na sala de aula você utiliza outras mídias também como o vídeo... Você acha que são recursos válidos, o cinema, a fotografia, e o próprio computador?

Com certeza, eu acho muito válido, principalmente num curso de história eu acho que a imagem, você associar a outra, até mesmo uma propaganda de televisão que você pode levar como tema de discussão na sala de aula, é válido... Eu to fazendo um trabalho sobre homofobia na escola... A violência que aconteceu há pouco tempo foi um dos meus questionamentos... Eu acho assim a maioria das pessoas viram isso através de um meio popular que é a televisão de uma mídia de massa, mas eu acho interessante você levar esses temas para dentro da sala de aula... Mesmo uma fotografia, um vídeo... Sempre gostei de trabalhar muito com todos os recursos disponíveis que a gente tem para a gente poder introduzir um assunto, ou até mesmo dar continuidade a um assunto

Eu queria saber se você lembra de alguma coisa que te marcou assim no curso. De diferente, assim, o que você acha que mais te marcou?

O que mais me marcou foram as apresentações lá na UFJF. Por que eu acho que aquilo acrescentou muito para nós... No início a gente se reunia pouco, tinha os seminários, mas era assim uma vez por mês depois foi se tornando cada vez mais a miúdo, então eu senti que os colegas eles apresentavam para nós, e muitas vezes era o mesmo tema, mas cada um tinha um diferencial então eu acredito que isso acrescentou muito porque havia um mesmo assunto sendo abordado de maneira diferente.

Tá bom, obrigada tá...

Professora, a gente vai continuar então a entrevista... Eu queria saber com qual série você tava trabalhando na outra escola?

Eu tava trabalhando com o Ensino Médio.

No turno da manhã...

Da manhã...

E era na Biblioteca?

Isso, na biblioteca.

Fale um pouco de seus alunos.

Olha, os alunos, eles gostam de ler, gostam de ir à biblioteca, mas ainda não tem aquele costume assim de ir à biblioteca, mas para pegar um bom livro, pra discutir um bom texto, eles vão... Eles acabam até pegando um livro, mas é porque o colega falou, é porque uma outra pessoa indicou, mas assim, pegar, sentar para ler lá, não. Eles não têm esse hábito.

E a escola que você trabalha, tem computador a disposição, ou lá você utiliza de outra forma, assim, passa pesquisa, quando eles te procuram na biblioteca, vocês têm acesso, ao computador, a alguma coisa?

Não tem acesso. Tem vários computadores, mas a chave ficava com o professor e esse professor, ele tinha o horário para poder ta passando assim conhecimentos de informática para os alunos, montagem e desmontagem de computador. Então o quê que acontecia, sempre que

precisava de uma pesquisa, não tinha um computador. Teve um computador na biblioteca, mas não tinha internet, então não era usado como fonte de pesquisa. Então... O menino ganhou até em primeiro lugar lá, por um texto que ele fez.

Você desenvolveu algum projeto interessante que você lembre?

Sim. Eu, uma colega que trabalhava à noite, e a professora de Língua Portuguesa. Nós fizemos um projeto chamado: “Tesouro escondido na Biblioteca” e esse projeto, nós colhemos muitos frutos, porque os alunos mostraram interesse em participar, nós passamos de sala em sala, eles nos procuraram, nós demos o tema, para fazer um texto e desse texto, nós ficamos assim... Ah, não foi um texto, mas teria que ser uma charge, e não poderia ser cópia de nenhum outro. Ou um texto, ou a charge. E nós tivemos assim, cada charge, cada desenho, muito bom! Muito criativo sabe, ficou até difícil depois, da comissão escolher no final. E esse aluno, que ganhou em primeiro lugar, ele também ficou bem sucedido, depois na faculdade, me parece que ele ficou em primeiro lugar na FIC, através da redação que ele fez... Porque ele era um menino muito tímido, muito tímido mesmo! Ele chegava, ele tinha medo até de conversar com a gente, até de perguntar. E depois que ele participou, de incentivar, ele se sentiu capaz. Então ele só começou a receber elogios, os professores, ficaram... Viram, ele se mostrou, ele teve oportunidade de se mostrar. Então assim ele ficou conhecido, depois participou também de uma “redação” que teve na cidade, e depois foi estadual, primeiro municipal, depois estadual, ele ficou parece em segundo lugar... E a partir desse projeto que era o “tesouro escondido na biblioteca”, ele mudou totalmente, assim aquela timidez acabou, tudo que tinha ele queria participar, ele se encontrou, ele achou assim, eu sou capaz!

Mas você não pôde usar nenhum recurso da informática?

Nenhum, nenhum! Nenhum recurso. É eu acho que é um desperdício, uma escola com tanto computador, ficar nas mãos de poucos...

Tá bom, professora!

Eh, dá vontade de falar muito mais! Por exemplo, da prática, lá no Polivalente... Por estar estudando Renascimento, Reforma Protestante e Contra Reforma, Monarquia Absolutista, aí eu sugeri, que fizessem um trabalho que usassem a criatividade deles, aquilo que eles dominam, que eles gostam de fazer e que iria facilitar o trabalho, a apresentação, aí eles gravaram do youtube, fizeram DVD e puderam mostrar aquilo que tinha de melhor, através das imagens, através mesmo da fala que eles pegaram de outros professores, até mesmo de universidades, foi muito interessante, porque cada um focou um ponto. Então, mesmo repetindo o tema, não ficou a mesma coisa, ficou diversificado o trabalho.

E quando você pediu para eles usarem a criatividade, aí eles foram na tecnologia....

É na tecnologia, eles foram na informática, porque eu acredito né e é verdade que eles dominam muito bem! Eles têm facilidade, e eu percebi que depois deles apresentarem tudo, eles mesmos ficaram admirados como ficaram bons os trabalhos assim dos colegas... Então foi uma coisa assim, que eu acho que a tendência é só de melhorar, se a gente continuar incentivando.

Tá bom, obrigada professora.

Entrevista 2

Fevereiro: entrevista com a professora C

Professora C, você está trabalhando com qual série?

O primeiro período e o sétimo, dois sétimos no ensino superior, ciências biológicas e química, licenciatura em química

Fale um pouco assim da escola que você trabalha

É uma escola pública, UEMG, universidade estadual, os alunos tiveram uma aprendizagem um pouco deficitária, vindos de uma escola pública de uma qualidade questionável, mas todos são muito esforçados e estão correndo atrás mesmo desse conhecimento. Com as ferramentas que eles dispõem dentro de uma classe social inferior, eles são pobres na grande maioria, então eles têm algumas barreiras, que eles estão vencendo no decorrer de cada um de seu período.

Em Ubá né?

Ubá.

O curso de Pedagogia que você fez acrescentou bastante na sua prática de sala de aula?

Acrescentou um pouco, não deixou de acrescentar, eu já trabalhava em sala de aula desde os 18 anos, eu tinha dez anos de sala de aula quando eu fiz, chegou a acrescentar alguma coisa sim... Não muito... Mas acrescentou.

E o fato de ter sido uma faculdade a distância, você considera que teve uma boa formação?

Por ser a distância, eu acredito que foi excelente, eu acredito na faculdade a distância, na universidade a distância, de verdade... Quando é bem feita... Eu to fazendo agora uma pós-graduação, mais uma né... Na UFV e é semipresencial e é excelente. É em política pública, bem complexa bem difícil... Não é porque é a distância, que seja mais simplista, fácil, que dá pra ir levando não, não é bem assim que as coisas estão acontecendo não...

E você teve dificuldades com o processo todo de EAD no início do curso?

Não, porque eu já dominava as ferramentas, né... Então eu não tive dificuldade não.

Você acredita que depois do curso você lida melhor com a tecnologia?

Pois é eu já lidava normalmente, fazia parte já na minha vida, então não houve uma transformação acentuada por conta disso não...

E na sua prática, de professora os recursos de informática, de televisão de vídeo, você considera isso importante você usa?

Muito importante, eu uso em todas as aulas. Data show praticamente em todas as aulas, apresentação de seminários, a gente sempre tem que usar. Isso é uma coisa comum no dia a dia.

Você já trabalhou com outras séries também, crianças menores... E você usava? Já via essa importância?

Já, já... Em todas as séries... Já trabalhei em laboratório de informática...

Na sua sala você usa o computador como recurso pedagógico?

Uso. O meu computador e dos meninos...

Você marca chats, ou tem blogs?

Não, não... Porque eles trabalham durante o dia, e à noite estão com a gente, aí a gente não pode fazer essa interação assim dessa maneira... Mas eles mandam e-mail para mim de madrugada... E eu respondo a hora que dá... É uma forma assim, direta entre a gente... A gente

tem conexão através de sites de relacionamento... Aí, às vezes durante o dia, no trabalho, eles estão entrando em contato comigo...

Você acha que são recursos importantes pro professor na sala de aula?

Eu acredito serem imprescindíveis. Sozinhos eles não dão conta, mas como ferramenta, eles são imprescindíveis...

Eu queria que você falasse alguma coisa que tenha te marcado durante sua formação nesse curso de Pedagogia pela UFJF...

Um fato marcante foi uma fala da Calderano, uma vez comigo, a gente conversando sobre acredito que foi sobre PPP, alguma coisa assim... E ela teve, assim, uma postura muito bacana e estimulante... Ela me levou a pensar em vãos mais altos... No caso, eu tô fazendo mestrado, né... Com vistas no doutorado... Então, eu credito isso na conta dela...da Calderano...

Você gostaria de falar mais alguma coisa do curso? Você falou aí que não sabe se acrescentou muito na sua prática, o que você acha que ficou faltando em sua formação?

Não, não é isso, é porque eu sempre fui autodidata. Então as leituras que a gente fez no curso, eu já tinha tido contato... Eu acredito que por isso, porque eu sempre li sozinha...

Mas será que o fato da interação lá online, em rede, você acha que faltou alguma coisa, pra haver essa discussão aí... Você já tinha leitura, mas você leu... É lógico que você discutindo você vai ampliar... Como você comentou com a professora aí...

Com certeza, eu nunca fui de discutir muito, eu sempre gostei de ouvir as opiniões e ler as opiniões e pronto, eu assimilo o que é bacana... Tomo pra mim, mudo as minhas concepções, mas sem depois postar, eu nunca coloquei, eu nunca postava novamente a reformulação das minhas idéias, sempre ficavam pra mim as minhas idéias... É uma postura meio particular

Talvez você tenha feito isso em momentos presenciais...

Sim, sim, eu preferia falar com a pessoa, é verdade...

Então tá, obrigada Professora C...

Entrevista 3

Fevereiro: entrevista com a professora F

Professora F, você está trabalhando com qual série?

2ª série do Ensino Médio.

Fale um pouco sobre seus alunos.

Olha, os meus alunos, eu lido muito bem com todos eles, gosto muito de todos. Eles têm... Podemos falar que aqui na escola a classe social deles é bem dividida, a gente tem alunos que vindos de classe baixa, temos também de nível bem mais alto. Recebemos alunos de escolas particulares e a gente vê que o nível é diferente, mas de um modo geral todos eles tem ido muito bem e tem sido interessante trabalhar com essas classes homogêneas, oh, heterogêneas.

E qual é a disciplina?

Matemática.

O curso de Pedagogia que você fez acrescentou bastante em sua prática?

Com certeza. Até então, eu já tinha feito o curso de matemática, já era um campo que eu trabalhava. Mas no momento que eu fiz o curso de Pedagogia, o quê que a gente pode

perceber... Eu acho que os recursos pedagógicos, o jeito de olhar pro aluno, essa parte pedagógica foi muito importante, mudou muito minha prática com certeza.

E o fato ser uma faculdade à distância, você considera que você teve uma boa formação?

Até eu entrar na faculdade à distância eu tinha uma outra visão, pra falar a verdade, porque eu achava que a formação seria mais fácil, não seria aquela formação que você está ali presente. Mas não, eu pude perceber que não, pelo contrário, o fato de você não está ali presente faz você estudar mais, a buscar mais. Com isso, eu tenho certeza que foi uma ótima formação.

Você teve dificuldade no início, por se tratar de EAD, aquele processo todo lá de interação, você teve dificuldade?

Não, num tive dificuldade com isso não. Por trabalhar nessa área e na secretaria fica em função da escola então a gente mexe com isso toda hora. Eu tive dificuldade com aquela questão que às vezes caía a conexão. No início tava dando muito problema quando a gente envia a mensagem e não chegava, fora isso não.

Você acredita que depois do curso, você lida melhor com a tecnologia? Eu queria que você falasse como que você lida, se é em casa, na escola, se você utiliza como recurso...

Com certeza. Se você pensar nessa coisa de tecnologia, ainda mais essa coisa de plataforma. Muitos cursos hoje são feitos assim, em plataforma e hoje quando a gente lida com isso facilitou muito, porque a gente já tem aquela visão do curso e consegue. Até na escola hoje, eu sou coordenadora do projeto PEAS pra juventude, e é no mesmo estilo, tudo através da plataforma.

É outra plataforma, não é moodle?

Não, mas é blog, essas coisas. A gente tem que estar informando, enviando mensagens, fotos, de tudo que a gente ta fazendo na escola. Então a gente é avaliado por tudo que a gente posta no blog da escola.

No ambiente virtual...

É.

E você utiliza esses recursos na sua prática, dentro da matemática, na sala de aula, você tem vídeo, aqui tem sala de informática? Como é que é?

Vou falar que, não é que eu não vejo forma, mas eu acho complicado a gente com sala de quarenta alunos ir pra sala de informática com todos esses alunos. Não tem como dividir a sala ainda...

Mas vocês têm sala de informática aqui? Tem professor que usa?

Tem o professor de informática que usa, mas na matemática não... Eu não uso.

Entendi, ainda não faz parceria com ele?

Não.

Nem a televisão, nem nada... É mais mesmo aquela reflexão do quadro, os livros, exercícios, é isso?

Isso.

Você acha que são recursos importantes, mesmo assim?

Com certeza, eu acho que ali o aluno tem a visão, ele pode ver as coisas mais concretas, o que tá acontecendo, como seria aquilo na aplicação. É mais um negócio assim pra ver, principalmente no computador, minha dificuldade no computador é que o computador. São muitos numa sala que tem 10 computadores, 20 computadores. Igual, se leva 40, o que você vai fazer com 20? Vinte vão tá trabalhando e o que você vai fazer com os outros vinte?

Entendi...

Eu queria que você falasse Professora F, de alguma coisa que tenha te marcado no curso, o quê que você lembra que foi significativo ou q foi negativo pra você?

De negativo não tem nada não. Agora de positivo, acho que tudo o que a gente passou foi proveitoso, sem dúvida nenhuma. Eu não sei se é por eu ser da área de matemática... A gente sempre puxa mais para área... Então, a parte de matemática na educação, eu achei que foi muito proveitoso pra mim, porque ali tinha vários recursos, como trabalhar com materiais reciclados, levar da matemática, trabalhar com dobraduras, jornal na sala de aula. Isso eu tô aproveitando hoje, então eu tô usando a parte de sólidos geométricos... Mostrando mesmo o concreto, como seria aquilo ali...

Agora sobre a interação lá online, eu queria que você falasse um pouquinho disso se você percebe q teve a interação mesmo, a questão do tutor lá... O que você percebeu dessa relação aí porque na sala de aula é um pouco diferente né?

Ah, eu acho que... Igual eu te falei, no princípio eu tinha uma visão totalmente diferente, mas depois quando a gente começa a fazer a gente percebe que não, apesar da distância, a gente tinha contato,

Foi satisfatório?

Foi satisfatório... Com certeza, o contato tava ali, a gente não tava vendo pessoalmente, mas tinha contato, todas as dúvidas eram tiradas... Tudo que a gente perguntava era respondido... Então essa interação foi legal sim, eu não tenho nada a reclamar não...

Então tá Professora F, muito obrigada...

Entrevista 4

Fevereiro: entrevista com o professor I

Professor I, você trabalha com qual série?

Eu trabalho com o as séries do ensino fundamental do 5º ao 9º ano.

Fale um pouco de seus alunos. Como é a escola...

Bom, o perfil aqui dos alunos na escola em que eu trabalho é um pouco diferenciado por se tratar de alunos, de periferia, de alunos muito carentes, com dificuldades de se socializar, de disciplina... Enfim, é um público de trabalho bem complexo...

Eles já passaram por outras escolas, e vem para cá?

É muitos passaram por outras escolas... Porque a minoria aqui veio da escola daqui do núcleo de primeira a quarta série, a maioria veio de outras escolas...

O curso de Pedagogia acrescentou bastante na sua prática de sala de aula, o curso que você fez a distância?

Com certeza, o curso me deu uma outra visão de didática, de trabalho, porque até então a experiência que eu tinha era a que eu praticava e a que eu aprendi com os professores que eu tive, né... Então, me acrescentou muito esse curso.

E você agora é professor de práticas agrícolas ou você dá aulas dentro de sala também?

Como é que é, Professor I, fala um pouquinho...

A minha disciplina, a gente trabalha com conteúdos teóricos, né... E com aulas práticas.

Com as duas coisas, né? E o fato de ter sido uma faculdade a distância, você considera que teve uma boa formação, você teve dificuldades no início, como foi?

No caso do ambiente virtual de aprendizagem que no meu caso foi o *moodle* que é o mais utilizado... E ele é muito fácil de você assimilar... E realmente o curso foi um curso dinâmico,

foi muito interessante e foi muito bom pra mim... Eu fiquei muito satisfeito... E a gente está vendo o resultado das pessoas que fizeram o curso e tal, são pessoas que realmente estão muito bem preparadas para o mercado de trabalho.

Você acredita que depois do curso você lida melhor com a tecnologia?

É... Com certeza, porque o curso me proporcionou essa interação com a tecnologia, que na verdade, há muito tempo eu não tinha contato com essa tecnologia, a possibilidade de obter essas informações que a gente tem... Então foi muito bom, eu agora sou tutor de um curso a distância, então realmente me abriu um caminho bem diferente do que eu pensava...

Como você usa o computador hoje, você usa pra seu próprio benefício, você usa para preparar aula, como você usa o computador hoje?

Eu uso em meu benefício para adquirir novas informações no preparo das aulas... No caso da escola aqui, a gente tem um laboratório de informática, mas a gente ainda não tem internet ainda... Então eu fiquei dois anos fora de sala de aula na coordenação, e esse ano eu tô voltando para a sala de aula... Então eu tô ainda tentando achar um material adequado para trabalhar com eles, mas a minha intenção é realmente explorar toda a tecnologia que tiver na escola, que for disponível, entendeu...

Você acha então que mesmo sendo uma escola rural, com essas características que você falou tem condição de você trabalhar com a tecnologia...

Com certeza... Porque principalmente na questão dessas aulas práticas, nós não temos assim as unidades de ensino de todos os conteúdos pra gente ilustrar, então com os recursos do computador né o uso da tecnologia vai facilitar muito o meu trabalho...

Você acha então Professor I que são recursos importantes na sala de aula. Você usa aqui, a televisão e o vídeo e se você acha importante esses recursos...

Sim, eu uso a televisão. A gente usa o vídeo e o computador, por enquanto sem internet, mas a gente está esperando resolver essa questão da internet e, assim que implantar, a gente vai utilizar da melhor maneira possível, explorar bem esse recurso aí, que é fundamental para todos os professores. Com certeza!

Eu queria que você falasse de alguma coisa que tenha te marcado na sua formação...

Olha, o que eu achei mais interessante no curso... Igual eu comentei anteriormente, que a gente tinha uma outra visão de ser professor, da aula... A importância que a gente deve dar pro senso comum, aos conhecimentos prévios, e também para o tratamento que a gente dá para as diferenças, né... Aceitar as diferenças... É importante, é isso, ao que todo mundo sabe, né... A bagagem de cada um por menor que a gente acha que seja pra estar com eles, né... Isso foi muito importante pra gente...

Ter essa consciência né?

Com certeza!

Então tá bom Professor I, muito obrigada...

Entrevista 5

Fevereiro: entrevista com a professora E

Professora E, você está trabalhando com qual série?

Com o 1º ano de manhã, à tarde dou oficina de Artes.

Fale um pouco de seus alunos, a realidade deles...

Eles são da periferia, são alunos carentes. Mas carentes de tudo, de alimentação, de carinho, ensino, mas é uma turminha muito boa, eles são muito carinhosos, curiosos, uma turminha que eu to gostando muito de trabalhar.

Quantos são?

São 18.

Como que é a escola, você tem aula de informática, tem computador, tem acesso a essas coisas?

Tem computador, mas a sala de informática ainda não tá montada. Os recursos que a gente tem é televisão, DVD, internet tem, mas pra uso da secretaria da escola, os alunos ainda não.

O curso de Pedagogia que você fez, acrescentou na sua prática da sala de aula?

O curso de Pedagogia me fez ver que o caminho que eu estava indo tava certo. Até então, tava indo muito pela experiência dos outros. Agora, quando você faz um curso, você começa a não fazer isso e descobrir coisas que não sabia. Acho que foi isso que acrescentou, eu comecei a ter mais segurança daquilo que eu estava fazendo, por que antes, eu ficava meio em dúvida.

E o fato de ter sido uma faculdade a distância, você considera que teve uma boa formação?

Eu acho que sim, eu tenho.

E você teve dificuldade no início por se tratar de EAD?

Sim, muita (risos). Foi muito difícil, muito complicado, muito “complifuso”.

Você acredita que depois do curso, lida melhor com a tecnologia, como você se relaciona com o computador no seu dia a dia?

Uso pra fazer pesquisa, pra dar aula, pra diversão. E agora tenho mais prática né, agora eu sei tudo de computador, por causa do curso, até então eu não me interessava. Eu achava que nunca eu iria precisar pelear com o computador. Depois do curso melhorou.

Mas dentro da sua realidade aqui da escola você ainda não utiliza o computador como recurso pedagógico, né?

Não pra crianças, pra utilizar com as crianças não. Porque, igual eu te falei, nós não temos sala de informática ainda.

E são crianças de quantos anos?

São crianças de 6 a 7 anos.

E a questão da televisão e do vídeo, você acha que são recursos importantes, você utiliza?

Depende como você vai utilizar né, se você vai utilizar como passatempo, perde o sentido. Agora se você vai utilizar um documentário ou mesmo um filme. Se você utiliza dentro daquilo que você está trabalhando como um suporte pedagógico, acho que é válido sim...

Mas você não utiliza muito não né?

Não, não sou de utilizar muito não. Os meninos até, às vezes, como eles são pequenininhos, perguntam se eles podem trazer filmes pra assistir, às vezes uma vez por mês eu libero, mas não é sempre não...

Fale pra nós alguma coisa que tenha te marcado, na sua formação, lá no pólo. O quê que te marcou no curso? O que você achou que foi mais importante na sua formação?

Os encontros, a troca de experiência. Teve um professor que eu odiei muito no início... Mas até com ele eu aprendi, porque nada para ele estava bom, do jeito da gente tava errado, do jeito dele a gente estava copiando... Mas até com ele eu consegui aprender, eu consegui ver que o que ele tava falando realmente estava certo, não tava totalmente errado. Ele colocava a gente pra pensar, eu aprendi muito isso na faculdade, a pensar, a escrever muito, porque eu

sempre fui muito sucinta: sim, não... Aí, eu aprendi a explicar melhor, a argumentar melhor, coisa que antes eu nem preocupava.

Professora E, só pra eu saber a questão da tutoria, da interação no computador, você acha que faltou alguma coisa?

Eles lá e a gente aqui? Ah, faltou muito... Porque a gente cansava de mandar pergunta e às vezes quando respondia, já tinha passado a prova, já tinha passado o trabalho... Isso quando te respondia... Tinha uma lá que nem se dignava a responder a gente... Era como se a gente nem existisse. Isso faltou muito... Na época da monografia então, como a gente penou, o que a gente fez foi quase por conta própria e do Alen...

Mas você acha que mesmo assim foi uma boa formação?

Foi, mesmo assim foi válido. A gente aprendeu a cavar... A gente aprendeu a cavar o que a gente queria... E é o que eu falei, trocar experiência de uma com a outra, conversando, às vezes uma sabia mais outra sabia menos, isso foi muito válido também...

E você chegava a ir aos encontros lá na universidade?

Lá a gente ia tinha os seminários, tinha os encontros todos e aí a gente tinha que ir... Acho que eu não cheguei a faltar a nenhum não...

Foi legal?

Foi, foi, acho que apertou muito no final, né... Monografia, seminário, tudo junto, a gente não sabia o que a gente fazia primeiro... Mas até isso foi válido..

Então você tem boas lembranças...

Tenho, tenho... Vou fazer de novo...

Tá bom Professora E, obrigada então...

Entrevista 6

Fevereiro: entrevista com a professora L

Professora L, você trabalha com que série, com o que você tá trabalhando agora e como você trabalhava antes?

No momento, eu to direção da escola. Mas as últimas séries que eu trabalhei, eu trabalhei com o 4º ano e eu sempre achei importante essa questão de estar trabalhando com o computador, porque além de enriquecer, desperta mais interesse deles... Pra estar pesquisando as coisas... Mas eu acho que depende também muito de quem está trabalhando... Eu não tenho muita afinidade com o computador não, mas eu acho que é muito importante para as crianças...

E eu queria saber como eram os seus alunos na época, era nessa escola aqui que você trabalhava?

Eu sempre trabalhei nessa escola, eu nunca trabalhei noutra escola e os alunos sempre gostaram muito da aula de informática, apesar de que, a princípio, eles gostavam da sala de informática pra brincar no computador, pra jogar... E tem aqueles que você tem que estar sempre de olho porque eles vão onde não deve... Porque apesar de serem crianças, eles são espertos, então a gente tem que estar sempre de olho...

E são alunos mais aqui do bairro, ou são alunos da rua que vêm para cá, como é que é?

A maioria das crianças é do bairro, poucas são de bairros distantes...

E você percebe que eles gostam de computador, têm computador em casa ou ainda não? Era aqui na escola mesmo que eles podiam ter esse contato?

A eu acho que a grande parte não tem computador em casa não... Usa aqui na escola...

Mas você percebe que eles gostavam?

Gostavam.

O curso de Pedagogia que você fez você considera que acrescentou bastante na sua prática de professora?

Ah, eu acho que sim porque a gente fica assim meio que acomodada, fica um tempo sem estudar e se acomoda. Você não percebe que você está fazendo errado, você acredita que o que você vai fazendo é o certo... Aí, depois quando você começa a estudar, você vai discutindo as coisas que acontecem na sua sala de aula com outras pessoas, você vai lendo, você vai tendo outras informações... Você vai vendo que não é exatamente daquela forma a melhor forma para estar passando aquilo pro aluno... E eu acho que a gente passa até a ver aquela dificuldade do aluno de forma diferente

E o fato de ter sido uma faculdade a distância, você considera que teve uma boa formação?

Eu acho que sim... Eu acho que determinados conteúdos ficaram a desejar porque a gente não tinha assim muito não sei se é afinidade ou ligação, com o tutor que a gente tinha a distância, ou mesmo com alguns que eram presenciais, eu não sei assim se não estavam bem assim inteirados do conteúdo, então a gente sentia certa dificuldade... Mas eu achei que foi bom... A parte de prática, a parte de PPP, a parte de artes, eu achei o conteúdo de artes muito bom, a professora de artes muito boa...

E você teve dificuldades no início por se tratar de um curso de EAD?

Ah, eu tive, porque tinha muito tempo que eu não estudava... À noite, deixar filho em casa, vai pro pólo e chega lá você não consegue entender o que está acontecendo... A parte de informática eu achei muito difícil... Porque eu nunca tinha nem ligado um computador, quando eu comecei... Eu tive muita dificuldade no começo...

Você acredita que depois do curso você lida melhor com a tecnologia? Por exemplo, aqui no seu trabalho, você utiliza o computador agora na direção da escola, como que é?

Utilizo sim, não estou tão bem quanto eu gostaria, mas é um instrumento de trabalho muito útil.

E como professora, você utilizava? Ou como é que é, vocês tem sala de informática aqui na escola, como que era a sua prática?

Aqui na escola nós temos uma sala de informática excelente, por que nós temos um computador por aluno, que as salas aqui são grandes e elas são divididas, e hoje na escola a professora, ela trabalha assim...

Ela tem um horário?

Ela tem um horário específico pra estar usando... Ela, porque tem uma professora que fica na sala de informática, então, a professora da sala, ela lança os conteúdos que estão sendo trabalhados, pra ela estar trabalhando na sala de informática, aqueles conteúdos...

E você professora L, você percebia, quando você estava dando aula, que o computador, o vídeo, o cinema são bons recursos pra você desenvolver o aluno, pra você utilizar como recurso pedagógico ou você acha que não é um bom recurso?

Ah, eu sempre gostei muito de televisão, eu sempre gostei muito de trabalhar com filme na aula de literatura... A escola tem uns CDs da Barsa que são uma gracinha, eu sempre gostei muito de trabalhar com eles... As crianças gostam que prenda a atenção, é uma forma diferente de estar aprendendo.

Eu queria que você falasse de alguma coisa que tenha te marcado durante a sua formação, nesse curso de Pedagogia pela UFJF...

Ah, eu acho que quando a gente começa a fazer um curso a distância, assim, após muito tempo sem estudar, a gente aprende... Convive com pessoas diferentes, escolas diferentes, a gente troca muito idéias, experiências interessantes que a gente passa...

E o fato de ter sido uma universidade? Foi legal a universidade, aquele contato... O quê que você lembra disso, do pólo, alguma coisa que você pode falar?

Ah, eu acho que tinha muita coisa interessante sim, a gente poder estar ali trocando idéias com os tutores, muito esforçados, procurando ajudar a gente, tem exceções...

E a interação online, você acha que faltava alguma coisa ou você acha que deu pra você, ou ficou faltando? Talvez por essa dificuldade que você falou...

Eu acho que assim... Alguns tutores estavam sempre presentes...

Você fala presencial ou a distância?

Tanto presencial quanto a distância, no caso da professora de PPP, ela... A de lá, a gente fazia os nossos trabalhos, ela colocava observações no trabalho de cima em baixo pra gente poder estar revendo, refazendo... Eu achei assim ótimo... Mas eu acho que teve tutores que não tinham tanta atenção para com a gente, as coisas ficavam muito paradas, a plataforma quase não funcionava com determinadas matérias... E já tinham outras que a gente quase que não tinha tempo de estar ali respondendo as questões.

Tem mais alguma coisa legal ou é isso que você queria falar? No todo Você acha que foi bom prá você?

Ah, eu acho que foi muito bom, eu quero destacar a minha tutora de prática, que fez seu dever tão bem... Que ajudou a gente muito, trocou muitas idéias com a gente, nossa... Deixou saudades...

Ah então tá professora L, obrigada tá?

Entrevista 7

Fevereiro: entrevista com a professora M

Professora M você trabalhando com qual série?

Olha, eu trabalho na a escola integral e trabalho com turmas de 2º ao 5º ano do ensino fundamental.

Fale um pouco de seus alunos, como eles são?

Olha, eles são alunos carentes, assim, eu trabalho com artes... Eles se interessam sempre pelas atividades que eu trago para eles desenvolverem, são alunos bons.

A escola que você trabalha, já tem muito tempo que você trabalha aqui?

Tem dois anos que eu to trabalhando com artes aqui na escola Enedina Prata.

O curso de Pedagogia que você fez, você acha que acrescentou alguma coisa na sua prática de sala de aula?

Ah, eu acho que acrescentou muita coisa. Porque só com o magistério, a gente tem uma base, mas é muito pouco... Então, a Pedagogia, aquele curso, ajudou a gente a ver o aluno de outra maneira, a criança, né...

E o fato de ter sido uma faculdade a distância, você acha que teve uma boa formação?

Muito, pelo que a gente vê, Bete, assim que a gente trabalha com pessoas que fazem o curso presencial, sabe... Então, pelo menos por parte da equipe da escola, assim, eles me elogiam muito, gostam muito do meu trabalho... Então eu acho que pelo fato de ter sido um curso a distância eu acho que não ficou nada a desejar...

E você no início, teve dificuldade com aquele processo todo de EAD?

Nossa Senhora, quase que eu parei (risos), quase que eu desisti, tive muita dificuldade... Muita mesmo, porque já tinha, assim, uns quinze a vinte anos que eu já estava parada... Então, assim, pra recomeçar foi difícil e eu tinha que recomeçar também com uma tecnologia...

Você já tinha curso?

Não, eu nunca tinha mexido num computador em nada, então, aquilo pra mim... Nossa, tinha dia que eu ficava doida!

Você percebe que o computador, o cinema, a fotografia... Você vê isso como recurso pedagógico?

Muito, é muito importante... Depois que eu fiz o curso, né, e que eu fiz a disciplina informática na educação... Então, eu acho que hoje em dia, isso tem que começar mesmo é lá em baixo no ensino fundamental, que aí a criança já vai evoluindo junto com a tecnologia. Eu acho que é uma coisa que não pode faltar nas escolas...

Mas aí, por enquanto você utiliza na sua prática ou o vídeo, a fotografia, ou o próprio computador?

Olha, eu aqui na escola, eu tô trabalhando com duas disciplinas, são duas oficinas. Eu trabalho com a oficina de formação pessoal e social. Então eu trabalho com filmes, muito vídeo que eu trago para eles... Principalmente quando a gente vai trabalhar a parte de valores, com a criança... Eu utilizo bastante vídeo, agora na parte de informática, eu utilizo assim pra mim... Pra eu buscar coisas novas pra trazer pra eles... Agora, com eles, na sala de informática não...

Você percebe que o computador é um bom recurso pedagógico, você já falou, né... Você considera, mesmo sem você usar, você considera que o computador é um bom recurso pedagógico?

Muito, muito... É uma coisa que veio pra ajudar muito a criança, porque eu acho que a criança ali... Como eu vou te falar... Ela aprende divertindo, né, numa atividade lúdica... Com essas atividades então ela tem mais interesse... Às vezes uma dificuldade que ela tem de aprender dentro de uma sala de aula, ela vai lá na sala de informática e rapidinho... Porque hoje eles querem é informática... É isso mesmo...

Eu queria que você lembrasse aí, buscasse aí nas suas lembranças alguma coisa que tenha te marcado no curso...

Ai, meu Deus, deixa eu ver... Você fala assim de...

Há de bom ou de ruim, o quê que você lembra que foi marcante pra você... Que foi bom... Ou que tenha sido muito difícil...

Bom, o que eu achei assim, difícil, foi mesmo mexer, né, Bete, no computador... E também, assim, eu acho que foi um curso bom... Muita coisa boa eu tirei daquele curso no meu dia a dia, eu utilizo muita coisa... Mas eu acho assim que se tivesse sido um curso mais devagar, teria sido bem melhor...

Pra você foi atropelante...

Foi, foi, meio... Mas foi bom, então eu acho que...

A interação lá online?

É online, pra mim foi o que pegou... Foi o mais difícil... Porque eu nunca tinha mexido com informática, com computador...

O fato de ter sido também a universidade foi legal para você?

Nossa, ajudou muito, principalmente as nossas aulas presenciais lá né, uma hora de aula... Agente parecia que tinha assim um mês de aula, como a gente aproveitava aqueles momentos ali de sessenta minutos...

Então tá, obrigada tá Professora M...

Entrevista 8

Fevereiro: entrevista com a professora G

Professora G, você está trabalhando com qual série?

Bom eu trabalho com alunos de Educação Especial. Aqui na escola, nós não temos série, nós trabalhamos com fases, idade... Mas na rede regular, eu também trabalho em séries, mas como professora de apoio. Eu estou dentro de uma série, mas é para trabalhar com um aluno só. Eu trabalho com uma criança tá no primeiro ano, ela é deficiente visual, ela é cega... E tem um outro aluno que também é cego que tá no quinto ano.

E Aqui na APAE né?

É e aqui na APAE.

Fale pra nós um pouco como são seus alunos... Em geral, se você trabalha com essa deficiência ou com outras também...

Na rede regular, eu trabalho só com cegueira e aqui na escola especial, eu tenho uma sala onde eu tenho alunos cegos, deficientes mentais e paralisia cerebral. É um trabalho bastante diversificado...

Como é a escola que você trabalha? Você tem todo recurso disponível, inclusive computador, como é que é?

Aqui nós temos uma sala de informática. Então, toda semana, nós levamos os alunos pra lá... Trabalhamos jogos, atividades, assim, em cima da matéria que estamos trabalhando... Eu elaboro jogos em cima daquilo, por exemplo, jogos com bastante memorização, sequência lógica... Essas coisas principalmente.

Toda semana você usa?

De quinze em quinze dias, né... A mesma professora trabalha de manhã, uma semana e à tarde na outra semana.

O curso de Pedagogia, que você fez que você fez pelo pólo pela universidade, acrescentou bastante na sua prática?

Com certeza... Eu achei o curso muito rico... Quando a gente fala curso a distância, a primeira impressão é que é uma coisa fácil...né, você faz a hora que quer... E não é bem assim... Eu já fiz um curso presencial, já fiz uma faculdade presencial... E quando eu peguei a distância, eu imaginei que seria assim, moleza... E, na verdade, não, você precisa ter uma disciplina, você precisa... Se você deixar passar os trabalhos, se você deixar acumular, aí você se perde, então, tem que ter uma disciplina, tem que ter um horário de estudos pra você conseguir, eu achei que foi bastante puxado, o curso.

Então você considera que você teve uma boa formação?

Eu considero...

No início você teve alguma dificuldade com aquele processo todo de EAD ou foi tranqüilo?

Foi tranquilo, porque eu já tinha feito uma pós-graduação a distância... Então foi tranquilo, mas a gente sempre aprende coisas novas, né, Bete.

A interação no computador, a questão do tutor... Dessa interação em rede o que você pode falar? Você acha foi satisfatório, pra você, essa interação, ou faltou alguma coisa?

Eu acho que falta você encontrar a pessoa, é uma coisa meio fria... Quando você manda a pergunta, por e-mail, o tutor te responde, eu acho um pouquinho frio... Mas sanou minhas dúvidas, às vezes até com os colegas só, não precisei procurar o tutor... Às vezes... Mas eu acho essa questão, um pouco assim, distante demais... Mas, funciona!

Você acredita, Professora G, que depois do curso, você lidou melhor com a tecnologia, você lida melhor? Como que você usa o computador no seu dia a dia, tanto em casa quanto aqui na escola?

Eu acredito que melhorou sim. Eu já utilizava o computador, eu tenho um aluno cego que eu já trabalhava no sistema dos Vox com ele... Em casa também, eu sempre utilizo o computador. Então, assim, melhorou porque a gente sempre aprende coisas novas...

Você já tinha usado o moodle já, né?

Eu tinha usado outra plataforma. O moodle, na verdade, não, o teleduc que é uma outra plataforma... Mas foi tranquilo... Ah, por exemplo, nós aprendemos parte de netiqueta, algumas posturas que a gente deve tomar com relação ao computador, com relação à comunicação com as pessoas... Às vezes, a gente faz e não tem consciência de que aquilo é errado ou certo, por exemplo, o emprego de “caixa alta” que significa que você está gritando... Aí você começa a se corrigir a partir de informações novas, eu gostei muito...

E a questão do vídeo, da televisão, da fotografia... Você acha que são recursos importantes até pra sua realidade aqui de uma escola especial, a questão visual ou do som mesmo, a questão tecnológica, do vídeo, da televisão e da fotografia, do computador... Você acha que são recursos importantes?

Muito importante, porque a imagem, né, facilita muito a memorização, chama a atenção da criança, estimula mais, eu gosto muito das aulas de computador. A gente nem trabalha assim com a aula de computador em si, mas os jogos mesmo e tal... Mas eu sinto que eles gostam muito, eu sinto que tem resultado... Porque é uma coisa interativa, sai daquela monotonia da sala de aula... Eu sinto que eles gostam, eu vejo resultado sim...

Eu queria que você falasse sobre o seu curso, de alguma coisa que tenha te marcado durante a sua formação... Se foi a interação, se foram os encontros... O que você lembra assim que foi legal, que mais te marcou na formação de Pedagogia?

O que mais me marcou foram os seminários... Porque nos primeiros então nós tínhamos muito medo do que ia ser, como ia ser... Tudo novo pra gente, então o que mais me marcou foram as equipes em si, como elas apresentavam bons trabalhos, como que todo mundo se empenhava, apresentava... Quem não tinha muita habilidade com computador começou a apresentar trabalhos em Power point, fazer vídeos... Então, assim, a pessoa não sabia, mas se empenhou a ponto de conseguir fazer aquilo, achei muito bacana, principalmente aqueles alunos lá de Rio Pomba, né, eles nem eram professores, trabalhavam no CEFET, nem eram professores, e tal... Assim, achei muito rico o curso.

Foi uma troca boa, né...

Eu gostei muito, achei que foi muito rico, muito interessante.

Então tá bom Professora G, muito obrigada, tá.

Entrevista 9

Fevereiro: entrevista com a professora H

Professora H, você tá trabalhando com qual série?

Minha sala não é série, é sala de libras

Na APAE?

É, aqui na APAE

Fale um pouco de seus alunos, como eles são?

Meus alunos são deficientes auditivos ou surdos.

O curso de Pedagogia que você fez acrescentou bastante na sua prática?

Com relação à prática de libras, não, porque é essa área que eu atuo, mas em nível de conhecimento, né, conhecer o ambiente virtual, foi muito válido...

E quanto à Pedagogia em si também você acha que mudou alguma coisa ou você já tinha noção de didática? E isso tudo, assim, o que você acha que acrescentou?

Acrescentou sim, principalmente essa parte de didática, de estágio que nós fizemos foi muito válido.

E o fato de ter sido uma faculdade a distância, você considera que mesmo assim teve uma boa formação?

Sim, Eu achei que foi um pouco tumultuado... Muito corrido... A gente tinha que estar o tempo todo interagindo no ambiente virtual, mas foi uma coisa nova pra mim.

E você teve dificuldade no início?

Sim... Não tanto quanto ao ambiente virtual, mas com relação a algumas atividades colocadas principalmente na parte de vídeo... Devido à minha perda auditiva dificultou um pouco, mas com relação ao ambiente virtual, não...

E você acredita que depois do curso, você lida melhor com a tecnologia? Como você era antes, como você é agora? Como você lida com o computador agora na sua prática?

Sim, na minha sala de libras trabalhei o ano passado com o computador, com relação a imagem ... Porque eu necessito da imagem, do visual para estar trabalhando com os surdos e agora com as atividades de libras online, vai ser mais útil ainda...

Você acredita que melhorou a sua prática de tecnologia, depois que você fez o curso, você teve uma visão mais ampliada desses recursos?

Sim, porque permitiu maior possibilidade de pesquisa, a descoberta de novos sites que foi daí que eu descobri o site de jogos de libras online, eu acho que foi muito válido.

Na sala de aula, você usa o computador como recurso pedagógico ou a televisão, o vídeo, a fotografia, como você usa esses recursos?

Recurso visual, o tempo todo e o computador também... Essa parte de jogos online, jogos de libras para estar trabalhando com os surdos

A Coordenadora B me contou e me mostrou que você fez uns joguinhos, você criou, adaptou umas atividades no computador... Foi necessidade, como que foi?

Foi necessidade. As atividades, esses joguinhos que eu adaptei em libras no computador, foi válido na elaboração deles.

Você acha que esses recursos, Professora H, são importantes na sala de aula em geral, não só na escola especial? Você vê como um importante recurso?

Sim, não só na APAE que é uma escola especial, mas nas outras escolas também, porque vai estar incentivando a criança a aprender a lidar com o ambiente virtual, a fazer pesquisas, interagir com o mundo virtual, com os jogos também...

Eu queria que você falasse de alguma coisa que tenha te marcado na sua formação a distância, no pólo nosso aqui de Cataguases... O quê te marcou? Pode ser alguma coisa boa ou alguma coisa ruim... O que você lembre aí que foi marcante aí na sua formação?

Pra mim, foram os seminários... Porque, até então, a gente ficava só interagindo no ambiente virtual, ficava mais em casa, estudava mais sozinha e possibilitou uma interação maior com os colegas, a ida ao campus universitário, eu achei que foram os seminários que marcou... Principalmente porque que era muito tímida, tinha que ir lá na frente também pra estar falando, eu achei que foi os seminários...

E a questão da interação online, você acha que foi satisfatório ou você percebe que faltou alguma coisa?

Em parte, né, porque às vezes, precisava de um momento... Eu achei que o momento de interação era aquele momento que você só tinha que ficar postando as atividades... Eu acho que tinha que ser uma coisa mais online, um ambiente virtual em que a gente pudesse estar interagindo o tempo todo com o professor e não só estar postando as atividades...

Não só para atividades, né...

É, não só para as atividades... Eu achei que podia ter expandido mais isso lá!

Obrigada tá Professora H.

Entrevista 10

Fevereiro: entrevista com a professora D

Professora D, você está trabalhando com qual série?

Este ano, eu tô trabalhando com segundo período e maternal. Eu fiz essa opção, depois de muitos anos atuando com as séries iniciais 1ª a 4ª. Já tem mais de 25 anos que eu atuo no ensino fundamental.

O ano passado você estava no Antônio Amaro...

É, o ano passado eu estava no segundo ano... E também no segundo período.

Fale um pouco sobre seus alunos aqui da creche, como eles são?

Bom, em geral, são, assim, crianças muito curiosas, espertas, aprendem assim com muita facilidade. É uma comunidade bastante carente, é uma escola que atende a crianças da comunidade, funciona dentro de uma creche que atende crianças da comunidade...

O curso de Pedagogia que você fez acrescentou bastante na sua prática de sala de aula?

Fale pra nós um pouco como foi.

Com certeza, ele contribuiu pra melhorar o que eu sei fazer... No enriquecimento do meu trabalho... Foi muito importante, tanto é que não sei se vou aposentar agora... (risos)

O fato de ter sido uma faculdade a distância, você considera que você teve uma boa formação?

Com certeza, foi um curso de qualidade, que exigiu muito... O volume de leitura era muito grande... Então a gente teve que se adequar, passava apertado, porque eu trabalhava o dia todo, né... Por causa disso teve que ter bastante, como dizer, disciplina, pra levar até o fim. Exigiu muito de mim... Eu tive que renunciar a muita coisa para perseguir aquele meu objetivo, que valeu a pena, que era sério e que foi maravilhoso... E que eu só tenho a agradecer por tudo que passei que me serviu de experiência e que vai acrescentar na minha vida profissional...

Você teve dificuldade no início por se tratar de EAD, educação a distância? Como que foi no início, assim...você lidar com a tecnologia, como que foi?

Olha, com certeza foi muito difícil... Aquela parte do computador no curso de Pedagogia, por ser a distância, o domínio dessa ferramenta... E com o tempo eu fui, né, tendo menos medo e graças a Deus, eu cheguei a concluir com sucesso...

E você acredita que depois do curso você lida melhor com a tecnologia?

Com certeza, apesar da limitação, eu lido muito melhor hoje. Acesso e-mail, pesquisa...

Eu queria saber se na sua sala de aula você usa esses recursos de mídia, na sua prática, por exemplo, o vídeo, a televisão, a fotografia, aqui na creche... E se você lembra de ter usado lá no ensino fundamental também, você tinha disponibilidade desses recursos, a escola tem uma sala pra você usar, tem televisão, como é que você usa?

Bem, no ano passado, a escola dispunha uma sala de informática, mas as crianças iam pra lá com a orientação de um professor. Este ano, os alunos tiveram acesso à informática e foi muito importante... E aqui na creche, este ano tem televisão e a gente traz o filme... Usa uma vez por semana e é muito importante fazer uso dessas tecnologias.

Principalmente do vídeo?

É, o vídeo principalmente.

Na creche você não usa o computador como recurso pedagógico, né?

É, na creche não, nós não temos uma sala de informática para ser usada com as crianças, não, não temos. Eu tenho computador na minha casa, a impressora na minha casa... Mas na creche eu escrevo no mimeógrafo (risos)

Tá... Só pra saber, a televisão e o vídeo vocês têm aqui, né?

Sim, aqui nós temos o vídeo e a televisão.

E você acha que são recursos importantes?

Com certeza, muito importantes em nossa atuação, na nossa prática diária, porque fica muito limitado e isso ajuda muito...

Eu queria que você falasse alguma coisa que tenha te marcado na sua formação lá na UFJF, no pólo, alguma uma coisa que você lembra assim que foi bem marcante pra você... O que mais te marcou nessa formação, nesse curso?

O que mais me marcou?

De repente é uma coisa ruim, de aperto, eu não sei ou no total, foi bom ou ruim, só pra você fechar aí...

Oh, eu posso dizer é do grupo do qual eu fiz parte, foram pessoas muito importantes, que colaboraram muito... Não sei falar, assim, é difícil, a equipe foi muito unida, pessoas com muita vontade de ajudar, de colaborar... Eu tinha muita resistência... O que a gente viu com a conclusão desse curso, que foi a distância e que não teve continuidade aqui, que foi muito importante e deveria ter outros cursos dessa natureza na área educacional.

Só pra fechar agora, a questão da tutoria em rede, você percebeu que você conseguiu, foi satisfatória aquela interação que tinha online com o pessoal de Juiz de Fora, o que você pode falar para mim?

Por ser o primeiro curso aqui em Cataguases, Pedagogia, teve coisas negativas e positivas, lógico. E por ser a distância, é aquela coisa nova... Pra quem fez e acredito que para eles também... Eu não sei, eu tive algumas dificuldades, a parte dos entraves de quem estava fazendo o curso e não tinha domínio das tecnologias, os tutores presenciais nos deram apoio necessário para estar chegando a concluir o curso com sucesso.

Obrigada, tá Professora D...

Entrevista 11

Fevereiro: entrevista com a professora J.

Professora J, você tá trabalhando com qual série?

Com o maternal.

Fale um pouco de seus alunos, como eles são, a realidade de sua escola...

A realidade é boa, no bairro... Os meninos trazem sempre merenda, num nível bem bom...

Quantos anos?

Três anos, dois anos e oito meses, três anos.

Nossa... Como é a escola que você trabalha?

Muito boa, arejada, tem espaço para brincar...

É uma escola tradicional aqui na cidade?

É o Vigário Cassimiro antigo...

Deixa eu te perguntar, o curso de Pedagogia que você fez acrescentou na sua prática de sua sala de aula?

Acrescentou muito. Então, assim, as atividades, eu passei a me interessar mais, a ler, passar para a sala... Mas eu tô vendo que estou com dificuldade agora com o maternal, porque quando eu estava com a turma de seis anos, eu sabia tudo, brincava... Então, tá sendo difícil esse início para mim, por tudo do jeitinho, porque eles não me escutam, mordem um no outro, batem, fica todo roxo... Tem um aluno lá que morde em todos os meus alunos, todos...

Você trabalhou com criança de seis anos por quanto tempo?

18 anos. Quando eu comecei a faculdade eu adorei, porque tudo o que eu aprendia, eu passava para eles.

Então essa turminha sua de seis anos, você acha então que na época em que você fazia faculdade, foi bom?

Foi ótimo! Por exemplo, eu fiz aquele, que tem que fazer a vida toda... O memorial, eu tirei 100, porque eu coloquei tudo que eu vivia... E ela falou assim: Professora J, parece que a gente lia e via que você estava colocando o que você estava vivendo e realmente eu colocava o que eu vivi...

O fato de ter sido uma faculdade a distância, você considera que teve uma boa formação?

Ah, considero, estudei muito... Ralei muito... Você é prova disso... (risos)

E no início do curso, você teve dificuldades por se tratar de EAD?

EAD, você fala assim...

Educação a distância...

É, é, sim... Mas a dificuldade que eu tive foi de ler, porque eu não estava acostumada muito a ler... Então quando eu sabia que ia chegar aquele livro, que eu tinha que devorar aquilo, só foi pegar o embalo... Depois que eu peguei...

Mas e com relação assim a interação?

Depois que eu consegui entrar, mexer... Eu já sabia um pouquinho, aí consegui...

E a interação lá que tinha com o tutor?

Depois que eles cobraram... A gente não sabia, a nossa turma era mais de encontrar em casa e fazer o trabalho... Aí, a Eliane falou assim, acho que foi a Eliane, que não era para a gente ir em casa, que era para interagir no computador... Aí que começou a melhorar... Você entrava, você escrevia... Foi diferente, a gente não sabia que era para isso... Por exemplo, a Priscila

escreveu isso... Aí, eu tinha que comentar se estava bom e falar por que... Aí, foi outra aprendizagem...

Você acredita que, depois do curso, você lida melhor com a tecnologia? Como você usa o computador na sua prática e em casa?

Mais é na parte de e-mails e para pesquisar o quê que a gente pode fazer com o maternalzinho... E pra trabalho para a Helena... Preparar aula...

E lá na sua sala de aula com a sua turma de seis anos você utilizava o computador?

Não, não tinha computador...

E cinema e vídeo?

Não. Eu já trabalhei com a informática, na “Chica”, aí eu dava aula pras crianças...

Mas esses de seis anos?

É, até antes de fazer a faculdade, de seis anos...

Com os seus alunos de seis anos, você utilizava cinema, filminho, ou não, o próprio computador...

O computador, a gente ia nos joguinhos... Você tinha a Coordenadora D que ensinava a gente a trabalhar com os alunos... A gente já tinha um site preparado, a gente preparava o plano de aula, e aí ia lá... A gente falava, clica nisso, você tinha aquele, como chama aquele telão grande?

Data show?

É, aí eu mostrava pra eles olha aquela setinha lá em cima... Aí eles iam e conseguiam fazer...

Tudo direcionado... Joguinhos, assim, de palavras, monta a palavra: tinha o ma aí tinha que por o Ca... Aí era assim...

Na sua escola no Vigário, tem a sala de computador?

Tem, mas aí tem a professora... Dizem que a professora ia ficar esse ano para ensinar aos professores a lidar, mas continuou do mesmo jeito... Ela pega meia hora dez meninos e volta e meia hora pega o restante da turma...

De cada turma ela faz isso?

Faz. Dizem que esse projeto da prefeitura, era pra treinar os professores pra depois não ter mais o professor de informática. Seríamos nós professores com os alunos. Mas, aí, ela falou que tava fazendo assim o ano passado... A Silvia voltou como diretora e ficou do jeito que ta. Eu falei que ia ser até uma boa, por ter tirado a Jussara de lá... Todo mundo vai ter que aprender...

E você acha que esses recursos, Professora J, para sua realidade desses meninos menores, você acha que é importante esses recursos, assim de mídia? Ou você não enxerga assim?

Não, eu acho importante sim. Eu tinha um que não prestava atenção em nada. Quando ele foi para o computador, a gente falava: que gracinha, ele fica parado, nem pisca... Aí começou a melhorar para ele na sala... Porque lá tinha aquela musiquinha do alfabeto com desenho... Aí ele adorava... Agora eu tô com um que ele tá com um problema... Ele entra dentro de sala se tiver televisão. Se não tiver televisão, ele não entra... E no parquinho, eu falava, vou deixar ele com você aqui hoje, Jussara (Sala de informática)... Aí foi, mas ela fala que ele fica assim, cinco minutinhos e sai. Parece que ele tem medo de ficar preso...

Três anos?

É, deve tá fazendo três anos... Comentei com a mãe e a mãe falou que tem que enturmar... Que o médico falou que ele tá desse jeito porque todo mundo faz tudo para ele... Assim, quer ali, vai lá e dá, mas ele não consegue ficar dentro de sala, abre a boca a chorar... Fazer dever, ele não quer, dei tinta para ele, ele não quis pintar. Eu sujei ele, ele fez assim para limpar... Aí,

eu comentei com a mãe... Aí, a mãe já brincou com ele e levou para mim, mas aí eu dei papel pra rasgar... Rasgar e colar... Ele não quis fazer... Pega a minha mão e fica mostrando a televisão. Aí eu falo que ligo a televisão daqui a pouquinho... Cadê ele? Fugiu da sala...

Eu queria saber se depois do curso, você lida melhor com a tecnologia...

Ah, mas no maternalzinho, não tem como lidar...

Mas e você mesmo?

Aí, é como eu te falei... Eu procuro para fazer o plano de aula, os projetos que a gente é obrigada a fazer... Aí eu procuro... Ajudo a Helena a procurar na internet... Mais é pesquisa e ah, e a minha pós, eu estou fazendo uma pós... Tô fazendo um artigo... É a distância, uma nova pós, todas duas foram a distância...

Deixa eu te falar, eu queria que você lembrasse, assim, recuperasse, alguma coisa que você acha que foi importante para você no seu curso, alguma coisa que foi significativa...

Pode ser de ruim ou de bom, o que você lembra que foi legal...

Até as coisas negativas são positivas, a gente acaba aprendendo... Por exemplo, a gente ter que apresentar os seminários... Sempre tive medo de falar... Igual a gente tá falando aqui, agora você pôs para falar nisso aqui, eu já tremi... (risos) Então eu acho que com os seminários, a gente cresceu muito... Apesar de que eu não gostava, o coração acelerava... Mas é uma coisa que a gente aprendeu a falar... A gente vai falando, vai falando, e vai acostumando... Então eu acho que é isso...

Obrigada, Professora J...

Entrevista 12

Março: entrevista com a professora A

Professora A, você está trabalhando com qual série?

Eh, eu trabalho com o tempo integral, são meninos do sexto, sétimo oitavo e nono ano... São os alunos, assim, que ficam na escola o tempo, todo então eles requerem, assim, uma ajuda... Nas atividades de casa... São feitas também atividades dentro da sala de aula...

A escola que eu trabalho é uma escola muito grande, onde tem uma área enorme... Onde pode ser explorado de várias maneiras, e isso ajuda muito, nas atividades também...

O curso de Pedagogia que você fez, você considera que acrescentou na sua prática de sala de aula?

Com certeza... É sempre um ganho, né, a gente estar estudando, a gente tá acrescentando coisas novas na vida da gente... Então, esse curso, por ele requerer muita leitura, então isso ajudou muito e as experiências trocadas entre a gente, os alunos, foram bastante... Foi de bastante valia pra mim...

O fato de ter sido uma faculdade a distância, você considera que teve uma boa formação?

É, foi o que eu falei, né... Por ter sido a distância, requer mais leitura e mais dedicação... Porque você tem que ter aquele tempo que você para e tem que fazer aquela leitura... São atividades, várias atividades... E eu considero que não deixa nada a desejar a nenhuma faculdade presencial.

Mas e a interação online com os tutores e professores, você acha que faltou alguma coisa? Ou você se sentia sozinha, teve que correr mais atrás dos colegas, como que foi?

Olha, nessa faculdade a gente fez bastante atividades, assim, em grupo, várias atividades em grupo... Então eu sempre estava interagindo... Eu não tinha tempo de ir no pólo, mas tinha que estar reunindo no final de semana, que a gente tem mais tempo, que trabalha durante a semana o dia inteiro... Essa interação com os colegas de sala sempre teve, com o tutor... Ele estava sempre à disposição, porém... E eu particularmente não ia, todos os dias, mas ele estava lá, à disposição de todo mundo...

E o pessoal que ficava lá em Juiz de Fora na rede também, você acha que foi satisfatório?

Muito... Sempre que você colocava uma dúvida, rapidinho a resposta vinha... E isso sem dúvida foi muito bom!

Você teve dificuldade no início, Professora A, ou você já lidava bem com a tecnologia?

Há muito tempo... Não falo desde o início do computador não, mas há muito tempo eu já venho lidando com o computador... Então eu já tinha feito vários cursos... Então eu não tive dificuldades não... Uma ou outra a gente encontra, mas, na maioria, eu não tive muita dificuldade em relação ao computador, a estar acessando, essas coisas eu não tive.

Tá certo... Você acredita que, depois do curso, você lida melhor com a tecnologia? Como você usa o computador, você usa aqui na escola ou só na sua casa, como que é?

Olha, pra ser sincera, aqui na escola tem um laboratório muito bom. Porém a escola encontra-se em reforma, a sala está indisponível no momento. Mas em casa eu uso muito o computador, sempre tô procurando algumas dúvidas dos meninos, eu procuro estar esclarecendo no lá no computador, para poder estar passando. É um trabalho que tem que digitar... O computador, ele ajuda muito e não é só entrar, brincar, tem pesquisa, então isso amplia muito o conhecimento dos meninos e o meu ainda mais.

Agora, e o vídeo, a televisão, a fotografia, você já percebe isso como recurso pedagógico? Ou você ainda não utiliza ou agora você não acha que é uma boa, o que você pensa?

Não, por ser a turma do tempo integral, então a gente tem que estar diversificando o máximo possível. Eu utilizo muito o vídeo, revista, até mesmo o game, porque é a realidade deles. Então é uma coisa agradável pra eles, então torna-se momentos agradáveis para eles aqui, até na... Como é que eu vou falar, na socialização entre eles, de respeitar horário, é a minha vez, quinze minutos... Então, eu tô trabalhando isso, saber esperar o momento, esperar o colega... Eu vejo que tem sido de grande valia porque, ontem mesmo, foi o dia de vídeo game a todos esperaram e assim, por mais que eles sejam agitados, eles conseguiram esperar o momento deles de jogar...

Legal... Eu queria que você falasse alguma coisa, alguma lembrança que você tem do curso que foi significativa pra você ou que mais te marcou... O que você pode falar?

Olha, pra mim, uma das coisas que mais me marcaram foram os trabalhos em grupo e lá, a interação entre os pólos, Cataguases, Bicas, Rio Pomba, aquela experiência, porque alguns não tinham experiência nenhuma de sala de aula. Então, eles achavam muito interessante as nossas experiências, de quem já trabalhou em sala de aula. Essa interação entre os pólos foi muito legal... Eram os seminários que a gente fazia... Era tutor, era aluno, tutor presencial, tutor a distância, todo mundo junto, professor, então esse foi um momento marcante, que eu acho que eu vou levar para minha vida inteira... (risos)

Tá bom Professora A, obrigada.

Entrevista 13

Março: entrevista com a professora N

Professora N, você está trabalhando com qual série?

Segundo período.

Fale um pouco de seus alunos, como eles são... E como é a escola que você trabalha, onde que é?

Eu tô trabalhando lá no Ibraim, José Soares Gonçalves, escola municipal... Segundo período, as crianças são falantes, mas são crianças espertas, são inteligentes...

É escola de bairro, né?

È de bairro, mas as crianças... É diferente, porque os pais ajudam... Eu tô encantada com a turminha...

E o curso de Pedagogia que você fez, você acha que ele acrescentou na sua prática de sala de aula?

Bastante, principalmente com a Marina, Bete, né... As nossas professoras assim que nos deram muito apoio... A Coordenadora D, né, foi muito importante.

Você percebeu que as tutorias presenciais, para sua realidade, para você foi melhor do que aquela interação no computador? O que você percebeu? Aquela interação lá do tutor a distância com você, você tinha dificuldades?

Com o tutor a distância sim, mas com o presencial, na prática aqui, ajudou bastante a gente...

E no dia a dia, no início do curso você teve dificuldade no início?

Bastante com a tecnologia né...

Porque você nunca tinha mexido?

Não... Aí, com o computador, foi assim tudo novidade para mim...

Você acredita que depois do curso você lida melhor com a tecnologia?

Bastante...

Você usa o computador hoje?

Uso, para fazer plano de aula, né, meu dia a dia todo, para pesquisar... Para pesquisa...

Você usa e-mail assim?

Uso...

Agora, com os alunos, você usa algum desses recursos? Lá na escola, como o computador, como televisão, vídeo, fotografia?

Vídeo, televisão, né, eu uso bastante... A informática, nós temos uma professora a parte, este ano, nós estamos tendo...

Ela que faz o trabalho com as crianças?

Com as crianças...

Você acha que eles são recursos importantes? Na sala de aula?

Bastante, são importantíssimos, ajuda muito, muito e muito...

Eles conseguem se desenvolver assim...

Melhor... Por exemplo, o vídeo, você assiste um filme, a linguagem oral, né, ajuda bastante para eles...

Eu queria que você falasse de alguma coisa que tenha te marcado na sua formação nesse curso a distância da UFJF... O quê que te marcou que você poderia relatar para nós?

No princípio, né... Porque era tudo diferente, tudo estranho para a gente e o professor de informática a distância cobrando muito... Pedindo muita coisa que a gente não conhecia, me marcou muito...

E teve alguma coisa boa que te marcou?

No momento eu não tô lembrando, mas teve (risos)... Isso, com certeza, mas no momento...

O que mais que você tenha gostado, algum professor, não sei... Alguma coisa que...

É... Na presencial, ou na distância?

Qualquer um...

Na presencial, como eu disse, a princípio a Marina e a Bete que nós... que sempre esteve presente com a gente, qualquer dúvida a gente ligava para elas...

Então talvez a discussão no pólo foi mais significativa para você?

Com certeza...

Entendi... Obrigada, Professora N...

ENTREVISTAS COORDENADORES

Entrevista 1

Outubro: entrevista com a coordenadora D

Coordenadora D, você concluiu a sua graduação há muito tempo?

É, há muito tempo que eu conclui... Foi em... Acho que 1989.

Esse cargo que você ocupa aqui na escola, você já está nele há muito tempo?

Há 7 anos que eu estou na supervisão...

Era em outra escola, não é?

É. Aqui no Vigário, eu vim nesse ano... Foi em março deste ano... Mas eu já trabalhei em outras escolas da rede municipal.

Você já fez algum curso de informática?

Já, já fiz sim.

Mas foi um curso básico ou você já fez algum curso específico de outras coisas que você queria trabalhar dentro da escola? Ou foi aquele curso básico mesmo?

Eu fiz o curso básico, mas a gente fez pela educação o curso de educação fiscal, que foi fornecido pela receita federal. A gente tinha dados, arquivos para pesquisa... Aí nós fomos orientadas quanto a isso, a pesquisa... Mas, assim, não foi um curso muito de graduação não...

Você já fez curso sobre informática na educação?

Não, fiz não.

Você utiliza muito o computador?

Muito... Muito mesmo. Eu pesquiso muito na internet... Uso... O meu trabalho basicamente é feito no computador.

E outras tecnologias da informação, por exemplo, o cinema, fotografia, vídeo, e-mail, blog... Como recurso pedagógico, você usa aqui?

O e-mail, eu uso. Porque, às vezes a gente mantém contato com as professoras que tem possibilidade. Porque a informática, ela veio muito rápido, mas não atingiu todo mundo ainda.

Então, Coordenadora D, como você percebe que as crianças e os jovens utilizam o computador?

Ah, eu acho assim, eles procuram utilizar o mais, mais vezes possíveis... Pesquisa hoje em dia... Antes a gente via, a criança ia para biblioteca pesquisar, primeira coisa que eles iam fazer era a biblioteca, procurava a biblioteca pública, pelo menos comigo foi assim... Agora, eu vejo que eles vão direto mesmo à Internet. Tem acesso a várias informações, acho que até mais rápido... Eu acho melhor... Apesar de ter aqueles sites que trazer informações erradas tem que saber diagnosticar... Mas eu acho que as crianças estão ficando até mais críticas. As crianças procuram saber se aquilo é certo ou se não é, os pais ficam até sobrecarregados, né...

Como você percebe que os professores da sua escola usam o computador?

Não são todos que eu vejo que buscam na informática um apoio não... Tem uns que são mais, eu vou dizer assim, são mais espertos, procuram mais informações, procuram aprender... Porque informática eu acho que é isso, você tem que aprender e praticar para você poder usar corretamente essa ferramenta. Não são todos que usam não.

Vocês usam outras mídias, como o cinema, o vídeo, etc.?

Aqui na escola eu não percebo isso não.

Vocês têm sala de informática?

Temos sala de informática, mas é usada por outra professora, específica na sala de informática. É assim, tem o horário uma vez por semana, jogos, fazem algumas pesquisas, mas eles não estão na idade de pesquisar sozinhos. Utiliza assim, a professora faz a pesquisa e vai mostrando pra eles, mas é tudo dentro do que eles estão estudando, do conteúdo deles.

Então você percebe que essa professora utiliza como recurso pedagógico?

É, ela é específica para isso. Então até fiquei sabendo que o ano que vem eles já vão providenciar das professoras fazerem um curso para elas estarem ministrando essas aulas... Mas, por enquanto, é essa professora, ela é específica de informática.

Você acha isso importante?

Eu acho sim, porque desde cedo, né, eles já começam a utilizar, percebem como que é útil para eles, gostam, estão sempre atentos,

Aqui na escola, eles são bem pequenininhos, né?

São, mas eles gostam, né, estão sempre atentos... Tem uns que em casa não tem a oportunidade de usar, é bem legal!

A escola procura incentivar os professores quanto ao uso do computador?

Não, é neutro. Aquele que quer mesmo...

Vocês já promoveram algum curso nesse sentido?

Não.

Você como supervisora, percebe o computador e a internet como recurso pedagógico?

Olha, para pesquisa, mas é assim... As práticas, não são em cima disso, entendeu? Mas a gente não usa, assim, diariamente... Mas eu vejo, assim, em outras escolas, que tem recursos mais avançados como data show, eu acho que é excelente, porque é muito válido na área pedagógica.

Você percebe que a professora Professora J, procura utilizar recursos como computador vídeos, filmes, fotografias, imagens ou não?

Ela utiliza muitos livros, vídeos, imagens, Ela é bem diversificada, utiliza o DVD para por filmes para eles... Agora o computador, é só nessa aula mesmo...

Tá bom, obrigada Coordenadora D.

Entrevista 2

Outubro: entrevista com a coordenadora B

Coordenadora B, você concluiu sua graduação há muito tempo?

Oi, Bete, minha graduação, eu conclui em 93 na FIC.

Esse cargo que você ocupa, você já está nele há muito tempo?

Há 18 anos.

Aqui mesmo na APAE?

Sim.

Você já fez algum curso de informática?

Curso, não... Já fiz curso na área da educação, mas curso específico da área de informática, não. Só na educação.

Você fez de informática na educação, ou assim, para preparar power point, ou assim curso de informática aplicada na educação?

De informática aplicada na educação e um de informática aplicada em educação para criança especial. Com a Andréa Toledo.

Você utiliza muito o computador? Fale um pouco da forma como você utiliza.

Sim, aqui na APAE, no setor de supervisão, eu utilizo para ofício, declaração, para montar projetos junto com as professoras. A internet é um recurso que a gente usa muito, que através dos sites, né, que nós temos, até que nós recebemos nesse curso que nós fizemos de informática, a gente tira idéia para montar novos projetos aqui prá escola.

Com as crianças, vocês percebem o uso também?

Sim, com as crianças também. Nós temos uma sala aqui, ela tem 07 ou 08 computadores e os meninos tem um horário fixo, uma vez por semana, e tem uma ex-aluna nossa, a Elaine, que tem muito domínio de informática, alguns cursos... E ela foi contratada, ela fica junto com a professora e só trabalha a informática com os meninos dentro da educação mesmo, já tem programas adaptados no computador, porque lá não tem internet, então tem programas assim... Ela elaborou junto com a Professora H, alguns, vou até te mostrar depois, e tem alguns até mesmo comprados prontos. Então os meninos têm o horário, vão uma vez por semana e eles vão todos e fazem a mesma atividade, no computador.

Dentro da sala não tem computador. E eles não têm acesso, por exemplo, a vídeos, dentro de sala, ou não?

Tá, computador, só tem aqui na sala de terapia e essa sala de informática. Agora na de sala de aula, as professoras usam o DVD. Nós temos também um data show que fica livre para elas, mas usam pouco, porque elas tem um pouco de medo de mexer porque demora mais para montar também e por isso usam mais o DVD. Mas é livre também e usam também o retro projetor com lâminas de história...

Então, você percebe que as outras tecnologias, cinema, fotografia, vídeo, você percebe isso como recurso pedagógico?

Sim, eu acredito que é um recurso rico, que através dele, você vai desenvolver a percepção, a atenção, a concentração... Apesar de aqui na APAE ser pouco usado, até pelas deficiências dos meninos. Mas é uma vontade que a gente tem, de explorar mais, acho que a gente está ainda crescendo nesse sentido, mas é importante sim.

Como você percebe que as crianças e os jovens, em geral, utilizam o computador?

Ainda muito na brincadeira, né... Orkut, joguinhos, mas não deixa de ser uma forma de crescer, que através de... Vou dar exemplo aqui do meu filho, se deixar, ele fica no

computador o dia inteiro e ele sabe mexer em vários sites tanto de brincadeira quanto outros, porque assim, acho que um leva o outro, o mecanismo de um te facilita o outro. Ele chega em casa, eu peço a ele alguma ajuda para ele em algum assunto assim para aula e ele rapidinho faz, até melhor do que eu. Já sabe fazer, eu acho que desenvolve muito, intelectualmente.

Então, fale um pouco como os professores da sua escola, utilizam o computador... Você já até falou, né, quer complementar alguma coisa?

É, elas usam com as crianças uma vez por semana, com o apoio de uma pessoa que mexe melhor na tecnologia, mas o domínio do pedagógico, é das professoras, mesmo, acho que a gente deveria utilizar mais o que impede um pouco. O horário, que são muitas salas e os computadores, ainda que não são ainda totalmente adaptados, não tem internet, então dificulta um pouco. Mas estamos caminhando para melhorar...

Vocês compraram esses computadores, ou receberam do governo?

É assim, os mais novos, no formato LCD foram doados pelo governo... E têm alguns, uns quatro ou cinco, deve ser uns quatro, mais antigos, brancos, foram doações da comunidade.

Você acha importante, que os jovens usem e a escola procura a incentivar os professores quanto ao uso do computador nas aulas?

Ah, sim, procura, o que a escola aqui? Sim...

Vocês já promoveram algum curso nesse sentido?

Já, sim, esse ano mesmo, no primeiro semestre teve um curso lá na FIC, a Andréa Toledo deu um curso de informática na educação especial.

Você vê o computador e a internet como recurso pedagógico?

Vejo, acho que é um recurso que a gente tem que explorar... A partir dele a gente, né, acha motivação, acha interesse, dá pra desenvolver muita coisa.

Você percebe que as professoras G e H, elas têm um diálogo maior com as tecnologias, ou não? Você acha que é parecido com as outras ou percebe alguma diferença nelas?

Olha, a Professora H, vou te dar um exemplo, eu acho que a Professora H usa mais aqui dentro da escola do que a Professora G, até pelo serviço que ela faz. A Professora H trabalha numa sala recurso de libras, e então, para favorecer o trabalho dela, ela tem um computador na sala. Esqueci desse detalhe, na sala dela tem, ela tem um computador lá, ela então tem todos os programas adaptados para trabalhar com libras. Então a Professora H usa no dia-a-dia. A Professora G usa uma vez por semana, porque a gente não tem esse recurso disponível na sala dela. Se tivesse, com certeza ela usaria, porque ela domina e ela gosta, ela acha que é um recurso favorável, tanto que ela cria uns jogos muito diferentes pros meninos... Ela tem um cego, ela o leva pro computador, ela leva o cego pro computador, ela já baixou jogos, ela tem a iniciativa, falta um pouco mais de oportunidade mesmo do recurso.

Então tá, muito obrigada...

Entrevista 3

Outubro: entrevista com a coordenadora G

Coordenadora G, você concluiu a sua graduação há muito tempo?

Sim, em 1994.

O cargo que você ocupa aqui na escola, você já está nele há muito tempo?

Há 12 anos.

Você já fez algum curso de informática?

Não, específico na área não.

Mesmo assim, curso básico, para você preparar alguma coisa em Power point Word, nada?

Não e o bom de utilizar mesmo, é da gente estar investigando ir fuçando mesmo descobrindo, ir observando quem sabe mais um pouquinho, pegando umas aulinhas, assim... Mas nada assim oficial não. Não.

Você já fez curso sobre informática na educação?

Não, eu fiz um curso a distância pela UNB. Aí que deslanchou mesmo meu interesse e minha, assim, o jeito de lidar com essas ferramentas mesmo que eu tive que participar de fórum, né, de debates como que fala mesmo, em rede, né... Fórum online, né, pela UNB, mas foi um curso de gestão democrática, mas foi tudo... Isso tem o que, três, quatro anos que eu fiz o curso, então, aí que eu deslanchei mesmo que eu peguei o gosto e fui desenvolver.

Você utiliza muito o computador no seu dia a dia? Fale um pouco como você usa...

Bastante. Tanto na vida profissional quanto na pessoal, porque a gente tem nossos e-mails, contatos, entra nos sites de relacionamento. Não no meu, mas no dos meus meninos, né, sobrinhos, a gente acaba fuçando um pouco, né. Mas o meu, eu tenho um e-mail pedagógico...

Você usa com as professoras?

Uso com troca de material, provas que a gente recebe, tem até assim, uma professora em Ubá, em Astolfo Dutra, que a gente troca muito material, tudo por e-mail mesmo e eu repasso para as minhas professoras também por e-mail, tem algumas aqui e até outras colegas de trabalho, que eu passo tudo por e-mail.

E você utiliza outras tecnologias da informação e comunicação, assim como o cinema, a fotografia, vídeo, blog, como recurso pedagógico? Você utiliza?

A gente assim, pega assim, algumas sugestões de blog, né... Outro dia nós fizemos uma reunião pedagógica, na sala de informática, na escola... Eu passei para eles, para elas, né, uma relação de sites educativos tanto para o professor quanto recreativos também bem lúdicos e pedagógicos, para o aluno, né, de recreação e assim continuo com a intenção, de... Fotos, né, digital, a gente tá sempre como assim para complementar nossos projetos... A gente registra, anexa tudo direitinho, como a gente tem que mandar... Também igual ao projeto patrimônio, a nossa troca é tudo por e-mail, então a gente já baixa da internet, envia tudo para a secretaria...

Mas vídeo, cinema, essas coisas, não tem não né?

Não, não tem, porque a gente tem até o DVD aqui, mas a gente não tem essa facilidade, a gente não leva para a sala. Eles usam a sala de informática. Tem opção, é a sala junto com sala de vídeo, elas usam, mas não assim. Eu uso mais assim como supervisor/diretor, supervisor/professor, como capacitação para elas do que elas como professores/alunos, professor aluno, usa uma vez ou outra uma coleção. Acho que a Barsa infantil, tem uma outra também de ciências que elas utilizam, e educação infantil também, é mais desenho... Vídeos...

Como que você percebe que as crianças e os jovens utilizam o computador hoje?

Acho que eles deixam muito a desejar. Ficam muito nos joguinhos, sites de relacionamentos. Apesar de jogos, também tem muitos jogos que envolvem memória, percepção, isso tudo, mas, eu acho que eles desperdiçam muito esse material que eles tem em mãos. Poderiam utilizar como ferramenta para fazer pesquisa, para poder enriquecer. E não usam. Eu tô dizendo de observar em casa e os colegas, de conviver em casa a gente observa. Os daqui eu acho que nem tanto, porque nossa realidade é um pouco diferente, muitos nem tem em casa e

aqui eles estão começando a usar, mas eles já querem logo entrar em joguinhos. Aqui eles entram em sites educativos, o programa já é direcionado, o laboratório de informática, já tem os sites preparados para eles, mas poderia ser explorado mais...

Você já falou que os professores utilizam também as outras mídias, né?

Isso, mas porque também a gente não tem, igual o data show, é uma coisa que nós não temos... Pra gente conseguir para fazer uma reunião, tem que agendar, às vezes no dia não dá para emprestar... Nesse sentido, no pedagógico no dia a dia, a gente não tem esse recurso.

Mas você acha importante?

Muito. No ciclo intermediário, terceiro, quarto e quinto ano, montar com eles alguma coisa no Power point, eles gostam, eles pegam com muita facilidade... Eu acho que até os próprios professores se interessariam para poder estar desenvolvendo isso com eles... Imagina trabalhar o conteúdo, no Power point fica outra, né, é outra estratégia, né...

A questão da imagem também é uma coisa muito forte, né?

A gente é muito visual, nós somos muito visuais, né... A imagem é uma coisa... Acho que é assim, um recurso... Até a televisão, o vídeo, também...o DVD, o computador...

A escola procura incentivar ao professores quanto ao uso do computador? Aí não tem como, você já respondeu...

A gente assim, nós temos a sala de informática, mas a instalação elétrica, a rede elétrica da escola é muito antiga e com a chegada da informática, não suporta o funcionamento da escola com ventilador, liquidificador, computador, aqui em baixo com a rede ligada... Então a gente tá tendo esse problema, a gente não conseguiu colocar em 100% de funcionamento. A gente conseguiu uma semana e meia, funcionou legal, agora caiu de novo, tá dando problema, mas foi um sucesso... Eles adoraram, os professores também, eles tiveram assim um curso rápido... Eu fiz essa reunião com eles, ligaram o computador, fuçaram,... E tiveram também um curso pela secretaria de educação, um curso básico, assim geral, só para aprender mexer mesmo, mas estamos impossibilitados por esse contratempo...

Você, Coordenadora G, vê o computador e a internet, como recurso pedagógico?

Vejo, vejo, é muito importante como pesquisa, como enriquecimento mesmo... Acho que é tudo, né... É muito importante...

E você percebe que a professora Professora D tem algum diferencial nesse sentido, de tecnologia ou de mídia? Você percebe alguma diferença nela, pelo menos assim, de intenção de uso ou como as outras mesmo por esses motivos mesmo que você já falou?

Eu, assim, acho que estão todos no mesmo patamar, elas têm dificuldade, acho que elas ainda têm muita dificuldade... Acho que assim tem medo de mexer, de estragar, porque a criança é assim mesmo, pode fuçar mesmo, porque não sabe das conseqüências, né... A gente não, já tem mais uma noção e fica meio retido, e eu percebo isso nela também.

Obrigada, Coordenadora G.

Entrevista 4

Novembro: entrevista com a coordenadora C

Coordenadora C, você concluiu sua graduação há muito tempo?

Já faz 14 anos que eu concluí, no ano de 1986.

O cargo que você ocupa, está nele há muito tempo?

Há 14 anos estou nesse cargo.

Você já fez algum curso de informática? Um curso básico ou já fez algum outro?

Nunca fiz nenhum curso de informática. O conhecimento que eu tenho de informática é no manejo da ferramenta, de usar mesmo e descobrir por mim mesma. Nunca fiz o curso, nem básico.

Então você também não fez nenhum curso de informática na educação?

Não, um curso específico não, mas eu me interesso muito porque, inclusive, estou fazendo uma pós-graduação em gestão e planejamento na educação a distância, porque eu sou coordenadora do pólo de apoio presencial do curso profissionalizante a distância promovido pelo Instituto Federal de Educação.

O pólo é aqui?

É, é aqui. Nós temos 05 turmas aqui...

E você então utiliza muito o computador, né? Fale um pouquinho como você usa no seu dia a dia profissional.

Eu uso... Estou em duas funções. Como supervisora, eu uso a tecnologia para fazer pesquisas, para melhorar as propostas da escola, melhorar o trabalho do professor.

Você tem e-mail assim que você usa com elas, ou não?

Não, não, nós não temos não. A escola tem o e-mail da escola e eu tenho o meu pessoal, mas nós não temos não... Agora, tem alguns professores que estão fazendo um curso a distancia até por influência minha... É um curso de prevenção de drogas da UNB, ta, um curso a distância também, 20 horas, do qual eu também faço parte... Mas ficou complicado para eu fazer porque eu to fazendo uma pós... Mas aí eu fico incentivando elas a fazerem, então tem quatro professores fazendo...

Em EAD, um curso de formação, de especialização?

Não. É de formação mesmo. E eu utilizo muito a informática, a tecnologia, porque eu acho que a gente tem muito para aprender nessas comunidades virtuais. Eu acho que a ferramenta é uma grande possibilidade na construção do conhecimento, apesar de que eu percebo que os professores ainda não vêem a informática como uma ferramenta que vai ajudar na formação do aluno. Eles têm uma certa resistência... Talvez seja até porque eles não foram, eles não vieram com essa tecnologia... Eu percebo que os professores mais novos, eles têm menos resistência, os mais velhos têm até medo de mexer no computador... Ah, vai estragar, sabe? E como nós temos um laboratório montado, primeiro porque o pólo ETEC veio para a Escola Enedina Prata e agora porque nós recebemos vários computadores do pró info, mas só que os professores não foram capacitados para isso... Aí o quê que nós temos... Nós temos um professor, que trabalha com a tecnologia juntamente com os professores... E eu, assim, instruo da seguinte forma, que ele anote com esse professor o conteúdo que ele está trabalhando para que esse professor vá fazendo uma pesquisa que vá somar com o outro recurso que o professor venha a usar na sala de aula, como um livro didático, uma apostila... Então é nesse sentido, mas eu sei que não é a melhor forma. A gente até pede pros professores trabalharem produção de textos, né, às vezes um blog, fazer um comentário e a partir daquele blog, ver os erros ortográficos, erros de concordância... Mas a gente sente uma certa resistência por parte dos professores, então a coisa acontece mais a nível de jogos educativos.

Mas eles têm algum momento que eles vão para a sala de informática com as crianças?

Tem. No horário regular da aula, eles têm na segunda, quarta e sexta, é um horário que todos têm acesso... E como nós somos uma escola de tempo integral, na terça e na quinta a professora que dá aula de matemática, ciências e matemática e a professora que dá aula de linguagem, ela trabalha também, lá nessa sala. Então você vê, eles têm um acesso muito bom!

Mas você percebe assim... O professor ainda não tá totalmente ainda integrado...

Não, ele ainda não usa a tecnologia a serviço da formação desse aluno, com esses recursos que a tecnologia oferece e eu sou uma defensora da tecnologia...

E como você percebe que as crianças e os jovens utilizam o computador hoje?

Olha, nós temos até uma briga, entre aspas, com as crianças, porque quando o professor oferece uma possibilidade de um trabalho, de pesquisa mesmo, os alunos têm uma certa resistência...

Os alunos também?

Tem, porque eles querem acessar um jogo no nível de competição, aí a gente tem que ficar um pouquinho mais brava e falar, aqui não é lan house... É o termo que eles falam, que não é lan house... Mas de vez em quando, com relação ao jogo, para não ficar um general também, a gente deixa entrar um pouquinho...

Mas você percebe que eles gostam do jogo mais do que fazer uma pesquisa?

É, talvez até seja porque não tem um direcionamento... Eu acho que tudo tem que ter uma metodologia para você chegar ali, para ver onde está o interesse dele, mas como o professor não tem formação...

A respeito de outras mídias cinema, vídeo, o blog você já falou, mas a fotografia, você percebe que os professores usam ou não?

Olha, eles usam muito pouco. A gente vê, por exemplo, nós tivemos até uma situação com vídeo, com DVD... Aí nós tivemos uma situação até bem intrigante que o professor nem viu o filme e já colocou e quando nós fomos ver o professor estava trabalhando um tema que não tinha nada a ver, um tema que estava muito além da capacidade dos alunos que não conseguiram entender nada... Aí nós retomamos e nós combinamos que antes de assistir qualquer filme, o professor assistisse e que tivesse fins educativos, né... Além de lazer, que oferecesse algo a mais para os alunos. Então, com isso, o quê que a gente percebe... Errado, muito errado, a gente fez até uma tabela, uma agenda, um cronograma, para o ano todo e não teve nenhum professor que pediu para agendar... Então a gente fica até triste porque tanta coisa que nós temos aqui na escola, como a TV escola, muito material, tudo em DVD, né... A gente tem a coleção da Barsa... Eu que de vez em quando falo, olha gente, tem material da Barsa aqui... Tem que trabalhar no conteúdo de ciências também, fala pros meninos, né...

Você já pensou em promover algum curso para eles?

É, a gente já pensou e, inclusive, nós vamos receber uma verba do PDDE que está dentro do Plano de Desenvolvimento da Educação. Ee as escolas que tiveram um baixo nível também em 2007 e 2008, elas vão receber uma ajuda de custo e no nosso plano de trabalho a gente sugeriu que tivesse um curso para que o professor pudesse trabalhar com essa tecnologia... Até a Juliana nossa tutora aqui, a Ienaco, até pensei nela, né, mas o dinheiro não chegou ainda a gente tá meio atrelado a isso...

Você, coordenadora C, vê o computador e a internet como recurso pedagógico?

Nossa, essencial, essencial mesmo. Eu acho que se o professor fizesse bom uso dessa tecnologia, despertaria muito mais o interesse dos alunos, principalmente nos conteúdos relacionados a ciências, a história e geografia.

E mesmo aqui sendo uma escola de bairro você acha que é necessário, e os meninos estão conectados?

Estão conectados, eles têm acesso, todos os dias da semana, né, e eles sabem mexer. É tanto que eles é que... Eu só pedi para que eles não fiquem ligando e desligando o computador a toda hora... Porque toda hora entra uma turma, se não vai ser clic a toda hora... A gente pediu

que eles fechassem a tela, mas que não desligassem o computador... Mas eles é que fazem o acesso... A gente só faz assim acessa nesse endereço...

E você percebe na professora M alguma diferença em relação aos outros professores?

Olha, a Professora M ela trabalha com oficina no tempo integral de formação social e pessoal e trabalha com oficina de artesanato, e ela não tem uma disciplina específica... Apesar de que, dentro da formação social e pessoal, poderia... Mas ela tem uma certa resistência, não aceita não... Porque quando nós oferecemos o curso, promovemos a divulgação desse curso de EAD de gestão... Ah, eu não quero mexer com isso não... Então eu percebi que não quer...

Quer dizer que não internalizou...

É não internalizou. Eu, por exemplo, morria de medo de mexer com tudo, quando eu comprei, eu vi que não ia estragar não. Eu não fiz curso nenhum, eu não tenho medo de mexer...

Nem de sumir...

É, se sumir a gente busca de novo...

Então, ta, Coordenadora C, eu te agradeço...

É, mais ela não gosta de mexer não, até a Coordenadora G, eu percebo que agora, com a nova função (vice diretora), porque tudo agora é dentro do sistema, né... Agora eu percebo que ela mexe mais, utiliza mais o computador, como vice diretora, não como professora...

Entrevista 5

Fevereiro: entrevista com a coordenadora E

Coordenadora E, você concluiu sua graduação há muito tempo?

Eu conclui a primeira graduação em 1999, então tem mais de 10 anos, né. E a segunda em 2005.

O cargo que você ocupa, você está nele há muito tempo?

Eu fiquei um ano como coordenadora do curso de química e mais um ano como coordenadora de pesquisa e extensão.

Da UEMG?

Isso. Continuo como coordenadora de pesquisa agora.

Você já fez algum curso de informática básica ou de informática na educação?

Eu nunca tinha feito um curso de informática básica, nunca fiz. Eu aprendi a usar o computador usando mesmo. E eu fiz um curso de estatística, com computador, com rotinas do Excel e outros programas que eu usaria na estatística do meu mestrado, alguma coisa que eu fiz. E a minha monografia de final de curso na biologia foi com informática na educação.

Você utiliza muito o computador na sua prática?

Bom, o lugar que eu leciono não tem, assim, uma abertura pra usar o computador direto como instrumento da minha prática rotineira não. Mas quando é possível, eu trago as informações baixadas na internet numa projeção multimídia, eu uso sempre. Mas não é o meu dia a dia na escola. Porque o número de equipamentos, até de projetores é restrito, então eu não faço isso com tanta frequência. Eu dou as aulas na forma teórica, algumas disciplinas que eu leciono têm essa necessidade da imagem, então eu reproduzo muitas figuras do livro e outras figuras de sites confiáveis, de artigos. Uso muito essa questão de baixar o artigo, mandar ele por e-mail, marcar um trabalho... Isso eu tenho feito.

E outras tecnologias da informação como cinema, fotografia, vídeos, e-mail, blog... Você utiliza?

Eu uso mais filmes, alguns trechos de documentários ou alguns filmes da produção cinematográfica rotineira mesmo, mas que podem ser apreciadas às vistas de uma das minhas disciplinas, isso eu uso com frequência. Tem até um filme que é fixo de uma das minhas disciplinas. É um filme mais antigo, mas que fala sobre questões de genética, de biologia molecular, bioquímica, que são as disciplinas que estão relacionadas com minha outra formação. Então esse filme eu escolhi e coloquei-o fixo dentro das minhas disciplinas, todas as turmas que eu leciono essa disciplina de bioquímica, vêem esse filme e têm um roteiro pra estudo dele.

E como você percebe que a criança e o jovem lidam com a tecnologia?

De uns tempos pra cá a coisa ficou o mais natural possível. Criança hoje com um ano e pouco pega o controle remoto da televisão e já sabe o que é ligar e desligar, o computador já sabe o que é mexer, já quer, já se interessa pelo objeto que antes era uma coisa que nem despertava muita curiosidade. Pelo contrário, quem mexia era visto como o inteligente demais, ou que tinha um poder aquisitivo. Então a maioria das pessoas nem se atrevia a experimentar. Mas hoje, eles têm muita facilidade, tem muita rede social, participam de todas as redes sociais, o professor é frequentemente convidado, recebe convite por e-mail. Eu tenho isso, eu uso essas redes sociais, às vezes eu entro no Orkut, se tiver algum aluno que não está indo bem, e vejo muitas fotos de festa eu mando um depoimento pra ele. Tipo assim, menos festa mais estudo, então até pra isso eu uso essa liberdade que a internet dá, não de forma explícita, pra não expor o aluno a comentários nas redes sociais. Mas quando tem aqueles comentários reservados que só ele vai ver geralmente eu uso isso também para questão disciplinar.

No seu curso lá de biologia, você percebe que os outros professores utilizam esses recursos ou não?

Usam sim, muitos deles usam filmes, programas interativos de perguntas e resposta tipo quiz, gincanas de perguntas, mas não é, como eu disse... Da mesma forma que não é a minha rotineira, não é de nenhum deles, que eu conheço por restrição de equipamentos. O equipamento é que não está disponível pra você pensar num programa de curso e de disciplina totalmente interativo com esses programas multimídias.

A universidade promove algum curso nesse sentido?

Tem vários cursos. Na área da Pedagogia, as disciplinas de licenciatura juntos com as disciplinas de informática tem um cursinho para populares de inclusão digital que funciona lá dentro e, além disso, a escola sempre promove de programas específicos como Excel, Photoshop, porque às vezes biólogo trabalha muito com fotos, muita documentação. O GPS como programa específico pra você fabricar os mapinhas, os roteirinhos da área de experimento. Então tem vários cursos de CAD porque os biólogos precisam do AutoCAD, às vezes, ou os químico para projetar alguma instalação de laboratório, alguma coisa que é uma das áreas de atuação do químico, do biólogo, fazer licenciamento ambiental e de empreendimento e de adequar às normas vigentes de laboratório: quantos metros de corredor, de área de circulação, de bancada. Isto tudo tem normas, e até no AutoCAD o pessoal tá fazendo curso na área.

E eu queria saber se você percebe na Professora C uma maior desenvoltura com os meios tecnológicos, com as mídias, o que você percebeu como coordenadora, na prática dela e quanto colega também?

Ela teve até um projeto dentro da UEMG, um projeto de pesquisa, que ela envolvia essas mídias no projeto. Mas ela usa bastante vídeo, dá pra perceber até como motivação das

disciplinas da área da licenciatura que não são específicas do biólogo e do químico. Então ela usa isso como motivação, como tema de abrir as discussões para aprofundar o conteúdo de Pedagogia, psicologia, as disciplinas que ela leciona dentro dessa área da licenciatura. E ela se dá bem, os seminários que ela atua num núcleo de apoio psicopedagógico. E ela usa assim, faz palestras bem ilustradas, Powerpoint bem feitos com vídeos inseridos dentro do Powerpoint, pra motivar os professores, pra motivar os alunos, ela envolve toda a equipe, ela apresenta de forma interessante, dentro do trabalho do núcleo psicopedagógico.

Entrevista 6

Fevereiro: entrevista com a coordenadora H

Coordenadora H, você concluiu sua graduação há muito tempo?

Sim, conclui em 1989.

O cargo que você ocupa, você está nele há muito tempo?

Bom, desde 2002 que eu fui nomeada, mas eu já trabalhei antes, em 92, 93 na APAE.

Foi diretora?

É como supervisora que eu estou falando... E fui diretora de uma escola por 9 anos.

Já fez algum curso de informática e de informática na educação?

Assim que eu assumi a direção da escola, eu percebi essa importância. Então, eu consegui comprar um computador, consegui até ganhar esse computador, a gente ia juntar latinha pra poder comprar e um político ficou com pena da gente e deu esse computador pra gente. O cara que me vendeu o computador, eu fiz um acordo com ele que ele tinha que me dar um curso. Aí, todo sábado eu ficava de 7 às 11 horas da manhã, meu marido já não agüentava mais. Aí eu ficava todo sábado lá e na verdade eu ficava era perguntando tudo que eu tinha que fazer: se eu quiser fazer isso, o que eu faço? E se eu quiser fazer aquilo? Aí eu não deixava ele me dar o curso, eu que fiz o meu curso. Então lá na minha escola eu era a única que conhecia, porque foi em 96, então tem muito tempo, 96, 97. Então, a parte de informatização da escola eu que fui começando a fazer, passando apertado, pedindo um e outro e consegui. Então, eu fiz esse curso aí que foi o básico, e fiz um outro que foi pelo SENAI, que eu acho que é Intel, é uma informática na educação pra gente trabalhar com PowerPoint e tudo, e tô sempre procurando aprender, porque eu sou muito fã mesmo da informática.

E você utiliza na sua prática o computador?

Eu uso muito. Em primeiro lugar eu criei um e-mail, onde eu tenho o e-mail de todos os professores, porque a escola é muito grande, às vezes é difícil encontrar com todo mundo, falar com todo mundo, mandar recado, aviso. Então eu mando tudo por e-mail, as reuniões pedagógicas eu trabalho todas com PowerPoint, datashow, vídeo e tal. E depois, eu envio tudo pra eles por e-mail, porque aquele que não veio à reunião não pode falar que não sabe. Todas as nossas orientações, tudo que eu preciso fazer eu passo por e-mail e a gente já criou o site da escola no ano passado. Mas como o site tinha que pagar, aí eles mandam o boleto, aí a escola às vezes perde o boleto porque aqui está em fase de reforma. Aí nós paramos com o site esse ano e criamos um blog, então nosso blog já está no ar lá e eu que alimento o blog.

E outras tecnologias, como: cinema, fotografia, vídeos, e-mail, outras mídias... Vocês utilizam aqui?

Olha, cinema eu não vou me atrever não. Mas assim, a fotografia a gente usa, tem a máquina digital, faz as fotos. No site eu colocava muito, no blog ainda não colocamos não. Mas vídeos nós já fizemos aqui. Vídeos de despedida de professor, aquele vídeo no media player. Então nós temos trabalhado bastante com isso. E alguns professores também trabalham e a gente observa que quando ele pede pro aluno fazer trabalho desse tipo, o aluno tem um interesse muito grande. O ideal seria que cada sala tivesse um datashow, tivesse o seu notebook lá pros alunos apresentarem. Porque a gente observa um gosto muito grande por esse tipo de trabalho.

Como você percebe que as crianças e os jovens utilizam o computador e se os professores utilizam vídeos pra passar filmes pra eles, como recurso pedagógico?

Eu acho que poderiam usar mais. Professor usa um ou outro, mas a maioria não usa tanto. A gente tem até um material muito bom, tá até na sala aqui. Observo o seguinte: o aluno, de uma maneira geral, está muito acostumado a usar o MSN, Orkut, essas coisas. Ele não tem trabalhado muito, assim, ele não usa muito na sua prática do dia a dia. Por isso eu já pedi a algumas turmas para os professores criarem e-mail da turma, pra mandar atividade pra eles, pra começarem a utilizar o computador como um meio de crescimento de conhecimento.

A escola já promoveu algum curso nesse sentido, da informática na educação?

Já, a escola já teve um gdp, no ano passado que era de informática e que pegou os professores e trabalhavam com eles. Então foi um momento muito bom, que tinha professor que não sabia nem ligar o computador. E eles começaram a trabalhar com e-mail, aí então foi por isso que abriu essa porta também para o e-mail.

Você percebe que a professora Professora B e a professora Professora A, elas têm uma facilidade maior no uso da tecnologia na prática delas?

Olha, a Professora B eu posso falar porque eu conheci a Professora B antes e depois. Então eu percebo nela um crescimento muito grande até na questão do trabalho dela da secretaria que ela tem que mexer com muita parte da informática, ela melhorou muito, é um ganho considerável. A Professora A, eu já conheci já depois do curso. Mas percebo nela também um interesse pela tecnologia, ela manda os relatórios da turma dela pra mim por e-mail, utiliza o e-mail. Ontem mesmo, eu pedi pra ela trazer um pendrive pra eu passar um material pra ela, ela já trouxe e já levou. Então eu percebo nela pelo menos um interesse pela tecnologia e vejo que ela está se saindo bem com a turma dela.

In off: Mas você quer que eu te diga a verdade? Eu percebo que os professores muitas vezes utilizam o computador para passar o tempo, não como recurso pedagógico, aí eu não acho válido não! Eu até tirei a chave de circulação!

Entrevista 7

Fevereiro: entrevista com a coordenadora F

Coordenadora F, você concluiu sua graduação há muito tempo?

Foi em 1994.

E o cargo que você ocupa aqui, você está nele há muito tempo?

Tem, deixa eu fazer as contas... 8 anos.

Já fez algum curso de informática?

Fiz um curso básico de informática e agora vou fazer a capacitação do Pró-Info.

Então de informática em educação você vai fazer agora o Pró-Info. Você utiliza muito o computador, como você usa na sua prática?

Eu utilizo muito, porque eu pesquiso tudo. Então se tem momento cívico, hora cívica na escola, eu estou sempre pesquisando. Se tem um plano, eu pesquiso outros pra ter como base né, pra fazer, porque às vezes as coisas vem pra gente e a gente não tem muita noção. Aí, assim, eu uso computador todos os dias. Pra e-mail da secretária de educação...

E pros professores, você costuma passar e-mail, por que agora você está na direção, né?

Não, pros professores não. O computador pra mim, assim, eu não uso muito o MSN não, sabe, eu num tenho muita paciência pra ficar conversando. Eu gosto é de pesquisar mesmo, tudo eu pesquiso, até desenhos.

E outras tecnologias da informação: cinema, fotografia, vídeo.. Você utiliza como recurso pedagógico?

Enquanto professora, eu utilizava tudo isso, mesmo porque minha área é inglês, né, então eu utilizava muito vídeo. Agora na direção, a gente incentiva os professores a usarem esses recursos, mas direcionado pras aulas. Não chegar na escola e simplesmente colocar um vídeo pros meninos, tem que ser direcionado.

Como que você percebe que as crianças e os jovens utilizam o computador hoje?

Bem, tenho meninos que utilizam muito lan house, quem não tem, a gente vê que é só pra jogo, não tem direcionamento não. Mas nas nossas oficinas, nós tínhamos oficinas onde havia a interação do aluno através da internet com escritores de fora de Cataguases. Então, eles foram trabalhados pra isso, esses meninos tiveram aulas, com a Andréia Toledo e ela que direcionou, que ensinou como usar o computador.

Foi tipo uma parceria do IDAIC com o instituto, né?

É, foi uma parceria que deu certo. Deu certo porque, nos encontros com o escritor, quando o escritor chegava em Cataguases, os meninos já conheciam muito do escritor e o escritor também já conhecia muito dos meninos. Eles fizeram trabalhos, foi assim excelente. De acordo com essa tecnologia, foi o melhor que trouxe pra gente.

Lá na escola que você trabalha, você percebe que os professores utilizam a tecnologia nas suas aulas no IDAIC?

Assim, os recursos chegaram há pouco tempo, então agora que eles têm acesso. Porque não tem internet, nós temos os computadores do pro-info, do governo federal, mas nós não temos ainda a internet. Porque aí os meninos entram, eles estavam usando os computadores somente pra pesquisar, porque já tem dentro do Linux.

E lá é considerada uma escola rural, não é?

É uma escola rural.

Então é pra isso que eles utilizavam, pra pesquisa?

Somente pra pesquisa. Acredito que agora eles devem colocar aquela internet satélite, porque só essa que vai da pra fazer.

Você acha importante que os alunos usem, Coordenadora F, por que você acha importante?

Olha só, eu acho importante desde que seja planejado e direcionado pelo professor. Eu sou muito a favor ainda do aluno escrever. Eu acho que a internet é um meio muito bom de comunicação, mas eu acho que ele deixa o aluno muito preguiçoso. Hoje você vê que o aluno não quer escrever, tem preguiça de escrever. Não é a solução dos problemas pedagógicos, tem que ser direcionado. Se não tiver uma pessoa muito capacitada pra trabalhar com o aluno, eu acho que não tem objetivo. Acho que nós vamos perder a essência da escola que é o escrever, o ler, o ouvir. Acho que nós vamos perder tudo isso...

Você acha que o computador não pode fornecer isso, a escrita e a leitura, ou talvez não esteja direcionado?

Os professores não estão preparados pra isso. Se houver preparação para os professores aí sim. Mas é muito difícil, eu acho que hoje não.

A escola procura incentivar os professores quanto ao uso do computador, e se já promoveu algum curso nesse sentido?

Nós começamos a usar os computadores na escola, mas não podemos continuar. Enquanto estávamos usando, os meninos estavam amando. Ainda mais que alguns meninos são carentes, então muitos não tem acesso. Então aí, eles estavam gostando muito. Depois, nós tivemos que parar, porque veio a ordem de que só os capacitados que poderiam estar dentro de sala com os meninos e nós só tínhamos uma professora. E ela dá aula de artes, ela tinha o ateliê dela então ela não podia ficar largando. Ela utilizava, mas muito pouco. Acho que agora que vai começar a capacitação novamente, aí os professores vão poder usar.

Você percebe que o professor Professor I, com o contato que você teve com ele, que ele procurava utilizar esses recursos como computador, como vídeos, filmes, fotografia? Fale um pouco do trabalho do Professor I, que você observou lá, enquanto você esteve junto com ele.

Então, nós trabalhamos juntos quatro anos. Pra mim ele é uma pessoa séria, centrada. As aulas todas planejadas, muito bem planejadas, embora tivesse aulas práticas e aulas teóricas. Nas aulas teóricas a gente percebia muito planejamento dele. Os recursos na época, a gente não tinha muitos recursos, então eu vou falar pelo que eu converso com ele. Ele batalha por tudo que é melhor dentro da escola, se precisar ajudar o aluno ele questiona muito, ele é muito questionador, ele luta pra que a secretaria de educação olhe pra gente, dê recursos pra escola. Principalmente por ser uma escola que fica na zona rural, de vez em quando você se acha meio largado, meio perdido. Então é uma pessoa caprichosa demais, a gente vê o capricho dele com o material, com o quadro. Então, assim, agora que ele vai ter acesso a esses recursos, eu tenho certeza que ele vai utilizar. Porque ele sempre esteve empenhado em conseguir esses benefícios pra escola.

Entrevista 8

Fevereiro: entrevista com a coordenadora A

Coordenadora A você concluiu sua graduação há muito tempo?

Há mais de vinte anos que eu terminei o curso de Pedagogia

O cargo que você ocupa você está nele há muito tempo, no caso lá na creche?

Fiquei um ano na creche SOS trabalhando com a supervisão escolar.

Você já fez algum curso de informática, se ele foi um curso básico ou se foi um curso de informática na educação?

Foi um curso básico e já há algum tempo que eu fiz... No mais, é a prática que a gente vai aprendendo...

Você utiliza muito o computador na sua prática de supervisão?

Utilizo, pesquisa, apostila, para estar elaborando, digitando...

Mas vocês têm um blog ou site ou vocês têm alguma comunicação de e-mail, alguma coisa assim?

Tenho entre as colegas de supervisão, que a gente troca informações.

E você com as professoras ainda não?

Não, não.

Eh, a gente tem que pensar lá na creche né?

È mesmo... (risos)

E outras tecnologias da informação e comunicação como o cinema, a fotografia, o vídeo, você utiliza?

Eu tenho que pensar na Professora N ou em mim?

Em você... Você utiliza como recurso, na hora de fazer uma reunião?

Uso vídeo, Data show, e-mail, através de mensagem que a gente recebe e-mail e acaba utilizando nas reuniões como uma mensagem de abertura ou encerramento...

Como você percebe que as crianças e os jovens utilizam o computador hoje?

Eles dominam mais do que nós, né... Eles são experts nessa área... Eles dão aula pra gente...

No meu caso, meu menino sempre que eu preciso, ele que me ajuda, me socorre...

Coordenadora A, como você percebe que as professoras da sua escola utilizam o computador?

Na escola nós não disponibilizamos de uma sala para elas estarem usando... A diretora tomou iniciativa este ano e montou a sala, a estrutura, fez a bancada, os computadores já estão na escola... Mas aguardando para poder ativar a sala de informática, então na escola hoje elas não tem uma sala preparada... Não tem condições de estar utilizando a informática nos trabalhos, nas atividades delas...

E vídeos, elas usam?

Usam, passam bastante filmes para as crianças... Às vezes até trazem de casa dentro da mochila...

E você acha importante na creche usar esses recursos?

Sim, é um momento de diversificar, né, sair da sala de aula, mudar o ambiente, pra ser bom para as crianças, né...

A escola procura incentivar aos professores quanto ao uso do computador? Ela já promoveu algum curso nesse sentido?

Não, essa iniciativa de estar levando um curso não, somente de estar montando a sala para ser mais um recurso para elas, né...

A escola reconhece que é um bom recurso, né... Mas ela ainda está correndo atrás, né?

Está engatinhando, né...

Você, coordenadora A, você vê o computador e a internet como recurso pedagógico?

Sim, muito rico, enriquece muito o trabalho da gente, quando a gente tem condição de estar acessando e utilizando... É muito importante.

E a professora N, lá na creche, porque a creche é de alunos de quantos anos lá?

1 ano, né...A creche é de 0 a 6 anos né... A escola atende maternal 1 que são crianças de 02 anos, até seis anos no ensino fundamental...

No seu contato com a professora N, você percebeu que ela utilizava alguma tecnologia na prática, enquanto você conviveu com ela?

Foi o que eu disse, na escola não tinha como estar utilizando o computador... Eu percebia que algumas atividades, eu cheguei a ver que ela elaborou utilizando o computador...

Então tá bem, coordenadora A, obrigada.

Tabela 1: Uso das tecnologias na sala de aula

Análise dos dados referente a pesquisa de mestrado:										
Implicação da formação a distância na prática do professor: o uso das tecnologias na sala de aula										
Escola	Professor	Coordenador	Anos de Exercício	Recursos (sala de informática)	Recursos Vídeo/TV	Usa Computador em casa	Disponib. (Horários Restritos)	Disponib. (Autorização Ilimitada)	Uso Freqüente	Motivos
O / M. Inácio	A/B	Acha importante com restrições Coord. H	9 a 13 anos/4 a 8 anos	Possui sem condições	Usa	Usa	Não	Não	Não	Escola em reforma, falta de interesse do coordenador
P / UEMG	C	Acha importante sem restrições Coord. E	4 a 8 anos	Possui	Usa	Usa	Não	Sim	Sim	Importante recurso incorporado ao dia a dia
Q / Antônio Amaro	D	Acha importante sem restrições Coord. G	21 a 30 anos	Possui sem condições	Usa	Usa	Sim	Não	Não	Usa muito para pesquisa e preparo das aulas
R / Darcília Guimarães	E	NÃO ENTREVISTEI	9 a 13 anos	Possui sem condições	Usa	Usa	Não	Não	Não	Usa vídeo uma vez por mês
S / Luiz Salgado Lima	F	NÃO ENTREVISTEI	4 a 8 anos	Possui	Não usa	Usa	Sim	Não	Não	Acha difícil utilizar na matemática / tem 20 computadores para 40 alunos
T / APAE	G/H	Acha importante sem restrições Coord. B	9 a 13 anos/14 a 20 anos	Possui	Usa	Usa	Não	Sim	Sim	Muito importante para trabalhar com as deficiências

U / IDAIC	I	Acha importante com restrições Coord. F	14 a 20 anos	Possui sem condições	Usa	Usa	Não	Não	Não	Considera muito importante, não usa computador pelo laboratório não estar em condições Utiliza alguns joguinhos e na escola tem a professora de informática Usa para enriquecer as aulas e CD da Barsa
V / Vigário Cassimiro	J	Acha importante com restrições Coord. D	14 a 20 anos	Possui	Usa	Usa	Sim	Não	Não	
X / Enedina Prata	L/M	Acha importante sem restrições Coord. C	21 a 30 anos/4 a 8 anos	Possui	Usa	Usa	Sim	Não	Não	
Z / Creche Tia Lilia	N	Acha importante não tem consciência de como usar Coord. A	21 a 30 anos	Não possui	Usa	Usa	Não	Não	Não	

Tabela 2: Relação professor / coordenador e tecnologias

Análise dos dados referente a pesquisa de mestrado:										
Implicação da formação a distância na prática do professor: o uso das tecnologias na sala de aula										
Escola	Professor	Coordenador	Faixa etária alunos	Conteúdo	Continuou os estudos EAD	Satisfação com o curso	Interação em rede	Dificuldades no início	Momento marcante	Relação com a tecnologia ao final do curso
O / M. Inácio	A/B	Acha importante com restrições Coord. H	6º ao 9º ano / 8º ao 9º ano (Ensino Fundamental e E. Médio)	Tempo Integral (todos os conteúdos) / História / Biblioteca	Sim	Sim	Satisfatória	Sim / Não	Seminários / Seminários	Melhorou / Melhorou
P / UEMG	C	Acha importante sem restrições Coord. E	Acima de 18 anos (Ensino Superior)	Matérias Pedagógicas (Curso de Ciências Biológicas e Química)	Sim	Sim	Satisfatória		Motivação de professora da UFJF	Ampliou
Q / Antônio Amaro	D	Acha importante sem restrições Coord. G	2º ano (Ensino Fundamental)	Todos os conteúdos do Ensino Fundamental (anos iniciais)	Não	Sim	Não declarou	Sim	Tutores presenciais	Melhorou
R / Darcília Guimarães	E	NÃO ENTREVISTE I	1º ano (Ensino Fundamental)	Todos os conteúdos do Ensino Fundamental (anos iniciais) / Artes	?	Sim	Não satisfatória	Sim	Os encontros em grupo / desenvolvimento de argumentação / dificuldade com um professor	Melhorou
S / Luiz Salgado Lima	F	NÃO ENTREVISTE I	Ensino Médio	Matemática	Sim	Sim	Satisfatória	Não	Encontros em JF	Melhorou
T / APAE	G/H	Acha importante sem restrições Coord. B	Ensino Fundamental (anos iniciais)	Braille / Libras	Sim	Sim	Satisfatória mas falta	Não / Sim	Seminários / Seminários	Ampliou / Melhorou

U / IDAIC	I	Acha importante com restrições Coord. F	5° ao 9° ano (Ensino Fundamental)	Práticas Agrícolas	Sim	Sim	Satisfatória	Não	Importância dos saberes pedagógicos	Ampliou
V / Vigário Cassimiro	J	Acha importante com restrições Coord. D	1° ano (Ensino Fundamental)	Todos os conteúdos do Ensino Fundamental (anos iniciais)	Sim	Sim	Satisfatória (depois que entendeu o processo)	Sim	Seminários	Melhorou
X / Enedina Prata	L/M	Acha importante sem restrições Coord. C	4° ano (Ensino Fundamental) / Tempo Integral 2° ao 5° ano)	Todos os conteúdos do Ensino Fundamental (anos iniciais)	Não	Sim	Satisfatória com relação a alguns conteúdos / Não satisfatória	Sim / Sim	Troca de idéias e Encontros com tutores / mexer no computador	Melhorou
Z / Creche Tia Lília	N	Acha importante não tem consciência de como usar Coord. A	0 a 6 anos	Socialização, cuidar e brincar	Sim	Sim	Não declarou	Sim	Encontro com os tutores	Melhorou